

## THESE N.º 2

### E' compativel o ensino normal com uma adapta- ção do mesmo aos cursos gymnasiaes ?

Apresentada á Conferência do Ensino Primario pelo  
Professor Mâncio da Costa.

O ensino público estadual resente-se de tres lacunas que lhe não asseguram a continuidade nem a uniformidade que fôra para desejar ao seu plano educacional

Faltam-lhe a escola material, o jardim da infancia e o curso secundário de humanidades, a raiz, caule e fronde da arvore da instrucção, sob cuja sombra salutifera se vae formando a brasilidade.

Iniciando-se por um gráu médio de instrucção e terminando-se por uma única e inevitavel finalidade, o ensino público estadual restringe-se tão somente a alphabetizar e a guindar ao professorando a possua escolaridade.

O nosso systema de instruir e educar não delira, de algum tempo a esta parte, da escola isolada, rural ou urbana ao grupo escolar e da escola complementar á normal.

Foi e é sempre o mesmo: desconnexo e incompleto, por que amputado dos seus membros mais nobres.

Apezar das excellências que lhe reconhecemos, sensíveis e apreciáveis, sobreleva notar que essa descontinuidade de seu plano fá-lo claudicar na pratica, e balburdiar o que devêra ser, por todos os sentidos, simples, homogêneo e uniforme.

A Alemanha depois da guerra pôs em pratica aquillo que a Prussia, annos antes, havia realizado com vantagens demonstraveis, após successivas reformas pedagógicas, isto é, a continuidade do curso primário em seus diversos gráus, com o secundário de humanidades.

A *aufbauschulen* (escola secundária de continuação) é o liame immediato do *grundschulen* (a escola-base), na Alemanha e na Prussia.

Nos Estados Unidos da America do Norte, servidos de quarenta e nove systemas autônomos de ensino, a escala educativa não soffre, em algum de seus gráus, solução de continuidade. Ao kindergarten segue a escola elemental e a essa, as *junior high school* e *senior high school* e o collegio de

artes e sciências, que se vinculam immediatamente com o curso profissional e superior.

Assim tambem é no Chile e em outras republicas hispano-americanas. Entre nós, porem, a solução de continuidade no plano educacional é tão manifesta e notavel que merece commentada.

As nossas incipientes industrias já occupam diariamente um numero não pequeno de operarios de ambos os sexos, cujos filhos na primeira infancia carecem de alimentação sadia, de educação physica intellectual e moral que os seus paes só parca e interruptamente lhes podem dispensar, adstrictos como estão á lucta pela subsistência. Com a criação das escolas maternas nos centros industriaes e junto ás fabricas, cujas direcções se comprometterem a custear pelo prazo minimo de tres annos, a despesa com a alimentação dos filhos de seus operarios e com a séde respectiva da escola, o Estado poderia concorrer como mobiliario, material escolar e os professores, afim de não só ellas lhes serem um como complemento do lar formador de sua psyché, mas tambem a antecâmara, onde beberiam os ensinamentos indispensaveis para a formação de seu espirito e de seu caracter. Dewey de que Decroly não discorda, confirma:

«Aprender ? Certamente: mas vivendo primeiramente, e apprendendo para a vida e pela vida.»

Não pensava de outra maneira Herbart (1) quando affirmou: «É de maior importância saber em que medida e de que modo passa a criança ás mãos do educador. Uma instrucção começada desde cedo e que seja principalmente synthética, pode contar de certo modo com o poder que exerce pelos resultados obtidos.»

Mas não bastam as escolas maternas.

Os jardins-da-infancia são tambem indispensaveis ao nosso falho apparelhamento escolar.

Não os do velho molde froebeliano, mas esses que constroem na Alemanha, na Austria, na Suiça, na França, na Belgica e em Montevidéo a «escola activa, ou colmeia bulhosa de Calparede, onde o ensino é adaptado á criança e não a criança ao ensino.

São os a que o dr. Decroly deu origem e método, educando anormaes e retárdatarios, a principio; e mais tarde, os normaes. Só depois dessas duas relevantes etapas educacionais, só depois de dois ou mais annos de processo educativo decrolyano é que a criança está apta a ingressar, natural

e suavemente, no curso primário propriamente dito, que se continúa ou articula, entre nós, com o da escola complementar, num lapso de tempo que vaé dos 6 aos 13 annos de idade. O ingresso da criança no currículo de quatro annos do curso primário dos nossos grupos escolares, sem o estágio recommendavel num jardim da-infância, não é regular nem consulta actualmente, aos principios basilares da pedagogia hodierna.

E' extrema vantagem para professores esse estágio inicial da criança no jardim-da-infância, donde ella commummente sae com os sentidos mais ou menos educados e desenvolvidas as facultades de concepção, comparação, imaginação, raciocínio, etc. não só como uma notavel concessão á methodologia pedagogica, mas tambem por ser elle um como laboratorio preciso em que se realizam as experiencias cruciaes sobre a mentalidade infantil e se apuram e se seleccionam as verdadeiras vocações para o magisterio.

Depois de transposto os tres annos do curso complementar, quando « o moço tende instinctivamente a armar-se para a lucta seria da vida, mediante um methodico accrescentamento de forças aos varios exercicios dos sentidos e dos músculos », quando inda « uma só visada penetrante ou um conhecimento íntimo podem reconhecer deste realismo e deste racionalismo, em apparencia frio, algo já do fogo daquelle idealismo que no moço, sem embargo, só está adormecido e necessita sómente de ser despertado com vigor para abrolhar na juventude todas as suas forças, rompendo então com facilidade todas as barreiras cuidadosamente levantadas do seceo sentido da realidade objectiva » (2); depois de transposto os tres annos do curso complementar, diziamos, é que ao escolar, entre nós, se apresenta inevitall dilemma: finalizar mesquinhamente os seus estudos na complementar ou cursar a escola normal.

A finalidade do magisterio impõe-se, então, ao estudante diligente e aproveitando. Normalista *tout court*.

Não tem actualmente o Estado um estabelecimento de ensino secundario que possa intruir vantajosamente, sôbre o ponto de vista pecuniário, os filhos daquelles a quem a fortuna desajudou, e não desejam cursar a nossa escola normal, por lhes faltar o natural pendor para o magisterio.

Não é justo, portanto, que se lhes neguem materiaes intellectuaes para tal.

Porque o nosso claudicante aparelhamento escolar não

se inicia como devera ser iniciado, não se conclue que se não deva, tambem prover, já e já a falta de sua mais sensivel e graduada etapa.

Demais, muito e muito aproveitaria a collectividade se o Estado custeasse um curso secundario de humanidade, officina intellectual, onde se forjariam novas energias que ora se estiolam e se perdem por falta de estímulos e, o que é mais, á mingua de recursos pecuniarios.

O desejo de reduzirmos cada vez mais a percentagem de analfabetos sobre o censo urbano e rural não é só obra benéfica e patriótica que em muito nos ennobrece aos olhos da Federação, mas tambem o incentivo para coroarmos essa benemerencia e esse patriotismo, dotando o nosso systema de ensino com um curso secundário que plasmaria integralmente o cidadão de amanhã.

Estima-se hoje mais do que ontem as nacionalidades pela sua emancipação econômica tanto quanto pela maneira por que servem á coletividade em todas as províncias do ensino público, disseminando a instrução gradual ás camadas mais densas do proletariado.

Mas como poderá provir o Estado as lacunas do aparelhamento escolar? Será possível adaptar o curso de nossa Escola Normal ao Gymnasial? Não solveria o problema do ensino secundario e não corresponderia aos interesses dos filhos dos proletarios a criação de um gymnasio estadual?

Discutamos a

14.<sup>a</sup>

*These* — E' compativel o ensino normal primário com uma adaptação do mesmo aos nossos cursos gymnasiaes?

*Discussão:*

A adaptação do curso normal, seja qual fôr o seu desenvolvimento e excellência de programma, a um curso secundário literário ou de humanidades e vice-versa, sobre ser um desacerto educacional, é uma heresia pedagógica a que todos devemos fugir, por não desejar-mos formar professores sem a proficiencia e praticas necessarias, nem diplomar estudantes em disciplinas escolares que lhes são de some nos valor, serão inúteis aos cursos superiores a que se destinam. Exemplifiquemos:

Sabemos sobejamente que os programmas do curso normal e os do (curso normal) e os do curso gymnasial não são equivalentes. Nos primeiros abundam as artes e as sciências concretas; nos últimos escasseiam as artes e abundam

as sciências abstractas e as letras clássicas. Esses programas ministrados conjunctamente não se completam, nem se integram num todo lógico, porque servem a fins dissemelhantes. Comtudo aproveitaria muito, como logo veremos, o ensino normal, ao normalista que tivesse um curso secundário literário-preparatorio. Mas assim não acontece entre nós. Nem em algum Estado da União. Se ao normalista são indispensaveis e imprescindiveis conhecimentos desenvolvidos e copiosos de psychologia, de pedagogia, de methodologia, de didactica, de musica, de trabalhos manuaes, etc; ao estudante gymnasial só aproveitam os ministrados acerca da primeira, sendo-lhe totalmente despiciendos as das ultimas materias, no caso irregular, anti-pedagogico e esdruxulo de cursarem ambos um estabelecimento de ensino, que tivesse um programma mixto, isto é, normal-gymnasial.

Demais disto, o curso normal é destinado a uma certa e determinada vocação do educando; o secundário literário ou de humanidade, um como preparo para o ingresso em varios cursos profissionaes superiores. Um restringe a sua acção, outro amplia.

Não se completam; separam-se.

Cotejemos os programmas dos dois cursos.

### Escola Normal (3) Santa Catharina

CADEIRAS	DISCIPLINA
1ª.	Português e principios de Liter. da Lingua
2ª.	Francês
3ª.	Mathematicas
4ª.	Physica e Chimica
5ª.	Historia Natural e Hygiene
6ª.	Geographia e Cosmographia e Historia
7ª.	Psych. pedagogia e Instr. moral e civica
8ª.	Desenho e Gymnastica
9ª.	Musica e Canto
10ª.	Trabalhos Manuaes.

### Curso Gymnasial (4) (Collegio Pedro II) Rio de Janeiro

Português	Algebra
Francês	Geometria e Trigonometria
Inglês ou Alemão	Physica
Latim	Chimica
Lit. do Brasil	Historia Natural
Lit. das linguas	Philosophia
Instr. Moral e Civica	Histor. da Philosophia
Geogr. Geral	Sociologia
Chorographia do Brasil	Desenho
Cosmographia	Italiano (facultativo)
Historia Universal	Historia do Brasil
Arithmetica.	

### Curso Gymnasial (4) Curso Normal (3)

Para tornar mais saliente a disparidade das disciplinas entre esses cursos, citemos inda os das escolas normaes de Victoria, do Espirito Santo e de S. Salvador, da Bahia, continuando como termo único de comparação o gymnasial, do Collegio Pedro II, por ser o paradigma de outros que lhe são equiparados em quasi todos os Estados da União.

DISCIPLINAS	DISCIPLINAS
Português	Lingua portuguesa e Lit. nacional
Geographia	Lingua francesa
Chorographia	Mathematica elementar
Noções de Cosmographia	Geog. geral, noções de Cosm. e Chorographia do Brasil
Historia Universal	Historia Universal e Historia do Brasil
Historia do Brasil	Pedagogia, Psychologia infantil
Arithmetica	Didactica
Geometria elementar	Physica e Chimica applicadas às industrias e agricultura
Sciencias physicas e naturaes	Agricultura
Noções de algebra	Anatomia e Physiologia do homem.
Francês	Biologia vegetal e animal
Hygiene escolar e infantil	Hygiene geral e escolar
Pedagogia	Noções de Direito Publico e Constitucional. Educação moral e civica
Methodologia	Desenho, Callig. e Dactylographia
Educação Civica	Musica e canto oral
Desenho	Prendas e Economia Domestica
Calligraphia	Educação Civica
Musica e canto vocal	
Gymnastica pedagogica	
Pratica de ensino	
Trabalhos manuaes	

As disciplinas dos cursos normaes são, mutatis mutandis as mesmas, salvo algumas variantes nas denominações, em todos os estados do Brasil, e todas são organizadas com uma unica finalidade-preparar theorica e praticamente o professor. Uma simples leitura dos quadros dos cursos normaes e a sua comparação com o quadro do curso gymnasial nos dão a vêr a impossibilidade de se adaptar um curso a outro, sem desviá-los dos fins a que se propõem. Ainda quanto aos professores normalistas se quere dar um preparo mais solido das disciplinas que lhes auxiliam o tirocinio profissional criam-se escolas superiores de educação, onde elles aperfeiçoam os conhecimentos de methodologia, pedagogica, psychologia infantil hauridos no curso normal.

Haja vista, entre outros, o curso normal superior da Bahía, cujas materias de ensino são: grammatica historica e literária, inglês, latina historica e critica das doutrinas e methodos pedagogica, psychologia infantil e pedagogica, sociologia pedagogica, psychologia experimental, legislação escolar, organização e inspecção escolar, hygiene e assistencia infantil.

Os Estados Unidos da America do Norte possuem escolas de magisterio onde os professores primários durante um curriculo de quatro annos, completam os seus estudos, preparando-se então difinitivamente para os trabalhos do ensino secundario e administração e fiscalização dos estabelecimentos escolares.

E', estamos a ver, uma ampliação do plano duma especialização profissional, concorrendo para formar a elite de mestre em pedagogia.

A mesma grande Nação norte-americana imitavel em muitas sinão em todas as modalidades da actividade technica, economica e financeira, é nesse particular, optimo modelo a seguir. Os seus vários systemas educacionaes tem uma base commum profundamente caracterizada na articulação sempre crescente da graduação do ensino.

O curso do collegio de artes e sciencias que corresponde ao nosso curso gymnasial, não é de modo algum adaptavel ao ensino normal; é o preparo vestibular ao estudante para o ingresso na Universidade.

Instruir e educar não são confundir e balburdiar.

Portanto o ensino normal é ao nosso parecer, inadaptable ao gymnasial.

I — por ter uma base scientifico-technica;

II — por ser um curso profissional;

III — por ter uma applicação pratica mediata;

*Conclusões:*

Pode o Estado preencher sabiamente as lacunas do nosso aparelhamento escolar, seguindo os modernos dictames da hodierna, da seguinte maneira:

a) — criar escolas maternas nos centros fabris; e jardins da—infancia, annexas aos grupos escolares de 1.<sup>a</sup> classe e á Escola Normal.

b) — reformar o programma da escola normal, dotando-lhe com as cadeiras de latim, grammatica historica da lingua, didáctica e psychologia infantil, e modificando o curriculo normal de 3 para 4 annos, annexando uma escola—modelo primaria para a respectiva pratica pedagogica dos alumnos.

c) — criar um gymnasio equiparando-se ao collegio Pedro II, onde, como no conceito de Comte, possa ser ministrada a instrucção que o Estado «não deve sinão aos proletarios.»

Ficaram então perfeitamente articulados, entre si, os varios gráus do ensino público estadual, com a assistencia educacional á infancia e a instrucção secundaria ao proletariado.

E aos que se admirarem de desejarmos nós o restabelecimento do ensino da lingua latina no curso normal, diremos não só que o estudo da grammatica historica da lingua não pode ser feito sem o seu previo conhecimento, como tambem sabemos de sobejo a lição excellente de Comte: «si l'habitude du grec intéresse surtout nos origines esthétiques, celle du latin est encore plus utile su plein sentiment de noble filiation sociale.» (7).

Ass. — *Mâncio Costa.*

(1)

(2) Pablo Natorp, *Pedagogico social*; pag. 275—277.

(3) Regulamento da Escola Normal de Santa Catharina; 1925

(4) Regimento interno do Collegio Pedro II; Rio. 1926.

(5) Decreto nº 6501 Regulamento da Secretaria da Inst. Victoria 1925.

(6) Decreto n.º 4216, de 30 de dezembro de 1925, Bahia. 1925.

(7) Aug. Comte, *Système de Politique positive*; pag. 177. vol. I.

## THESE Nº 3

### Conferência de Ensino Primario

Considerações concernentes à decima these.

Pergunta a decima these: E' compativel o ensino normal primario com uma adaptação do mesmo aos nossos cursos gymnasiaes?

Para responder a esta pergunta, seja-me licito fazer confrontação entre o ensino primario, complementar e normal, de um lado e o ensino gymnasial de outro.

Tem-se introduzido, entre nós, o costume de os meninos se apresentarem ao exame de admissão ao gymnasio logo depois de terem cursado o quarto anno do grupo. A maior parte destes candidatos — é verdade — se preparam para o dito exame ainda por um curso particular de dois meses, nas ferias.

Será este estado de cousas sustentavel, normal, sadio?

A esta pergunta podemos responder de duas maneiras: theoreticamente, pela comparação dos respectivos programmas, e, praticamente, pelos resultados da experiencia.

1) — Comparando o programma dos grupos com o de admissão ao gymnasio, verificamos que, em Português, o programma dos grupos vai mais longe que o de admissão, porquanto aquelle exige a analyse syntactica e este só a lexica. Dá-se o mesmo em Arithmetica, onde o programma dos grupos vai mais longe que o de admissão pelos capitulos sobre raiz quadrada, razões e proporções. Em Geographia o programma dos grupos é mais restricto que o de admissão, porque este trata dos países de todo o globo, quando aquelle abrange apenas os de America e Europa. Em Historia do Brasil os dois programmas são quasi iguaes, mas o do grupo dá importancia particular á historia do Estado de Santa Catharina. Nas noções de Sciencias, não differem muito, mas o do grupo estende-se por todos os quatro annos. Em desenho o dos grupos exige, no quarto anno, a copia do natural, o de admissão é apenas a applicação da morphologia geometrica. Em Geometria o programma dos grupos já trata da avaliação das areas dos triangulos e rectangulos e do volume dos corpos, quando o de admissão é apenas morphologia. Em Instrução Moral e Civica o de admissão é mais vasto, mas, em compensação, o dos grupos é mais pedagogico.

Esta comparação theorica dos dois programmas prova

que um menino, depois de ter cursado os quatro annos do grupo, pode apresentar-se ao exame de admissão ao gymnasio, principalmente quando aproveita os dois meses de ferias para uma recapitulação do que aprendeu e para uma preparação immediata e exclusiva dos pontos do dito exame.

2) — Que nos diz, porem, a experiencia? Está o candidato, depois de ter cursado os quatro annos do grupo, habilitado a fazer um curso gymnasial?

a) — A experiencia nos ensina que a melhor idade para entrar no primeiro anno do gymnasio, é a de doze annos. Pois o programma do gymnasio é tão complicado e sobrecarregado de materias, principalmente no segundo anno, que não basta um menino ser intelligente: é indispensavel ter o mesmo uma certa madureza physica. já no primeiro anno o programma traz duas linguas estrangeiras: francês e inglês. No segundo anno, apresenta mais duas: latim e alemão, accrescendo ainda a theoria da arithmetica, summamente difficil e a chorographia do Brasil, materia vastissima.

Ora o menino que entra com seis annos no grupo, terá, dez, ao completar o quarto anno do mesmo.

b) — A experiencia prova tambem que os meninos que, antes de entrarem no gymnasio, cursaram, além dos quatro annos do grupo, ainda o primeiro ou até o segundo anno dum bom curso complementar, vencem, com relativa facilidade, as difficuldades do programma gymnasial e são classificados entre os melhores alumnos do curso. Dos outros, porém, muitos — para não dizer a maior parte, arrastam-se, a custo, pelo primeiro anno e desfallecem, quasi com certeza, no segundo, de sorte que o devem repetir.

Poderá ser remediada esta difficuldade pela Lei. Mas, precisamente o decreto n. 16.782 A, de 13 de janeiro de 1925, fixa, no artigo 55, a idade minima para admissão ao gymnasio, dizendo que não poderá ser inferior a dez annos. Aproveitam-se della os paes que querem ver seus filhos, quanto antes no gymnasio, uns por vaidade, outros por necessidade, conforme dizem, porque os filhos devem começar a ganhar a vida o mais breve possivel.

Mas assim há o perigo de educarmos gerações sem conhecimentos aprofundados, encyclopedistas, um proletariado scientifico, um elemento pernicioso á vida da nação.

RESUMINDO: Para prestar o exame de admissão basta que o candidato tenha cursado os quatro annos do grupo.

Para fazer, porem, o curso gymnasial com bom resultado, é preferivel ou até necessario que tenha ainda frequentado um bom curso complementar, e que complete, ao entrar no gymnasio, doze annos de idade. — Se o numero dos annos do grupo for reduzido a tres, claro está que o candidato, para fazer o exame de admissão, terá que frequentar pelo menos o primeiro anno complementar ou o curso annexo do gymnasio, chamado Curso Médio.

## II

Tratámos, até agora, do exame de admissão ao gymnasio. Resta-nos falar sobre os exames de seriação, que reclamam um espaço de cinco ou seis annos conforme o decreto supra citado. Pois o fim da decima these, a meu ver, não é nem pode ser o de aperfeiçoar o ensino normal, pela adaptação do mesmo ao programma gymnasial, senão o de proporcionar ás normalistas a possibilidade de prestar, juntamente com os da escola normal, os exames do gymnasio. Não se trata, tão pouco, da transformação da escola normal em gymnasio, porque, neste caso a dita escola devia abandonar o seu proprio programma e adoptar o gymnasial.

Seria, pois, adopção do programma gymnasial e não adaptação ao mesmo como diz a decima these.

Fala ella da adaptação do ensino normal, não do complementar, ao programma gymnasial. Neste caso, para proporcionar ás normalistas a possibilidade de adquirirem os certificados gymnasiaes e seguirem depois uma carreira academica, a escola normal devia abranger um curso de cinco ou seis annos; pois se o seu programma se restringisse tão somente a tres ou quatro annos, a carreira gymnasial das normalistas ficaria truncada, e teriam ellas que recorrer á preparação particular, para prestarem os exames dos ultimos dois annos do gymnasio.

Não se querendo, porem, estender o curso normal a cinco annos e sendo o fim da adaptação o acima exposto, devia principiar-se esta adaptação já no segundo ou terceiro anno complementar, conforme a duração do curso normal.

Comparando os respectivos programmas, isto é, de um lado o complementar e de outro o gymnasial, verificamos que o gymnasial tem apenas tres materias que não se encontram naquelles: inglês, instrucção moral e civica (mas esta se ensina nos grupos) e trigonometria.

Se compararmos, porem, a distribuição das materias

nestes programmas, os pontos que ellas abrangem, as horas por semana que lhes são designadas, impõe-se-nos a conclusão de que uma adaptação do ensino complementar e normal ao do gymnasio, significa para aquelles alteração fundamental e essencial, com prejuizo do proprio systema; pois a normalista, a meu ver, estuda para ensinar. Mas este fim do ensino normal ficaria suffocado debaixo do acervo de disciplinas e pontos que, para a missão de professora, são de pouco ou nenhum valor.

Querendo proporcionar-se ao sexo feminino a possibilidade de seguir uma carreira academica, acho indispensavel a criação duma secção gymnasial separada, com ou sem equiparação.

Florianopolis, 12 de julho de 1927. (Ass.) — *F. Francisco Xavier Zartmann.*

## PARECER N.º 26

A 1.ª commissão foram presentes as theses nos. 2 e 3, de autoria respectivamente dos srs. professores Mâncio da Costa e Revmo. Padre F. X. Zartmann, ambos referentes ao 10.º quesito organizado para a Conferencia, a saber: «E' compativel o ensino normal primario com uma adaptação do mesmo aos nossos cursos gymnasiaes?»

As duas theses são de real valor e merecem os mais francos applausos. A do P. F. X. Zartmann, prevector Director do Gymnagio Catharinense, consta de uma serie de notaveis considerações, chegando á conclusão judiciosa de que uma adaptação do ensino complementar e normal ao do gymnasio significa para aquelles alteração fundamental e essencial, com prejuizo do proprio systema, pois a normalista estuda para ensinar e este fim do ensino normal ficaria suffocado debaixo do acervo das disciplinas e pontos que, para missão da professora, são de pouco ou nenhum valor.»

A' mesma conclusão, aliás a dos signatarios do presente Parecer, chega, *mutatis, mutandis*, em sua exhaustiva memoria, o professor Mâncio Costa, digno Director da Instrucção Publica.

O professor Mâncio Costa examina o ensino publico catharinense e evidencia que o numero se resente de tres lacunas que lhe não asseguram a continuidade nem a uniformidade que fôra para desejar ao seu plano educacional. São: a escola maternal, o jardim da infancia e o curso secunda-

rio de humanidades, «a raiz, o caule e a fronde da arvore da instrucção, sob cuja forma salutifera se vae formando a brasilidade.»

Ao assumpto que diz propriamente á these da Commissão organizadora da Conferencia, refere-se o sr. Professor Mâncio Costa quando estuda a possibilidade e da adaptação do ensino normal nos nossos cursos gymnasiaes, concluindo que além de uma heresia pedagogica, tal adaptação seria uma inutilidade, já provada pelo cotejo de um curso normal ao do Collegio Pedro II, o typo do ensino secundario da Republica. Realmente, onde num curso, equiparado ao do Collegio Pedro II, terá cabimento uma cadeira de Pedagogia, imprescindivel em qualquer estabelecimento destinado a formar professores?

A 1ª. Commissão applaude, pois, vivamente as conclusões da memoria, propondo a criação de escola maternas; a da reforma do programma da Escola Normal, nos termos de parecer já apresentado e que foi approved pela Conferencia; não vê inconveniente na criação de um Gymnasio estadual para o sexo feminino desde que para tal fundação disponha o Estado de meios necessarios.

Sala das sessões, 7 de agosto de 1927.—Ass. *Raja Gabaglia* — *Marcilio Dias Santiaço*. — *P. F. X. Zartmann*. — *Barreiros Filho*.

NOTA — Este parecer foi approved sem debates

## THESE N.º 30

### Conferencia do Ensino Primario de Santa Catharina

JULHO E AGOSTO DE 1928

SUGGESTÃO: A adopção de processos pedagogicos, condizentes com o nosso meio, constitue um dos problemas mais actuaes. O papel do professor primario de Santa Catharina na solução desse problema.

UM ERRO — E' um erro grave de muitos educadores, o pensarem, que os methodos de educação e de ensino,

applicados em paizes mais cultos do que o nosso, sendo adoptados no Brasil, devem produzir, aqui os mesmos magnificos resultados, que no paiz de sua origem.

Os que assim pensam, não contam com dois factores de maxima importancia:

- a) a variedade dos elementos ethnicos em parte ainda não assimilados, que constituem a nossa população;
- b) — a ignorancia da mesma, em relação á importancia da escola.

No meu obscuro modo de pensar, os processos pedagogicos devem, para produzir resultado, condizer, sempre, com o meio social, em que são applicados. Seria absurdo, submeter um caboclinho, em uma região só habitada por caboclos, ao mesmo tratamento pedagogico que se emprega com um alumno teuto, em lugar, onde predominam os descendentes desta raça: Aquelle é brasileiro pelo sangue, pela lingua e pelas tradições que herdou; este, carece de ser nacionalizado, sem, contudo, se offender os seus paes, nas suas multiplas susceptibilidades, quando estas são justas.

Durante os meus nove annos de exercicio no Magisterio, tive ensejo de entrar em contacto com crianças de descendencia lusa (em Tijucas e Tubarão), teuta (em Brusque e Blumenau) e italiana (na escola de Encruzilhada do Lago e Planicie Alta, Brusque), e adultos, pertencentes a todas as classes sociaes.

Pude assim, estudar de perto, a criança barriga-verde e o ambiente social em que ella vive, o que, penso, é tão, quando não mais importante do que o conhecimento (theorico) dos processos pedagogicos, ultra-modernos, adoptados na França, na Inglaterra, na Allemanha, na Suissa, nos Estados Unidos e, ultimamente, tambem no Japão.

OS PROCESSOS PEDAGOGICOS IMPORTADOS DO ESTRANGEIRO, DEVEM SER ADAPTADOS AO NOSSO MEIO.

Como já disse acima, esses processos pedagogicos, que dão optimos resultados nos citados paizes, não devem ser transplantados para o nosso Estado e o Brasil em geral, sem serem, convenientemente, adaptados ao nosso meio, muito diferente do europeu ou qualquer outro.

PRECISAMOS, ANTES DE TUDO, CRIAR UMA PEDAGOGIA NOSSA. — O que devemos importar do estrangeiro, mais adestrado no assumpto, é, apenas, o arcabouço — os preceitos basicos geraes da moderna arte de educar — dan-

do-lhe aqui a forma mais conveniente, para o fim que temos em vista: nacionalizar e educar a actual geração infantil.

#### A REDUCÇÃO DOS ACTUAES PROGRAMMAS DE ENSINO E' UMA NECESSIDADE.

Condição essencial para a criação de uma pedagogia é, entre outras, a redução dos nossos programmas. Sendo o fim principal da escola primaria o preparar o individuo para a vida, cujo exito depende, em ultima analyse, do emprego criterioso de todas as faculdades mentaes de que é dotado, conclúe-se que a escola não deve tanto instruir como educar; deve ensinar ao educando a saber tirar o maximo proveito das energias intellectuaes de que dispõe. Educar, no sentido mais lato da palavra, quer dizer corrigir, melhorar, adestrar. A educação (e instrucção), na escola deve, pois, consistir em corrigir, melhorar e adestrar, harmonicamente, o maior numero possivel de faculdades naturaes do alumno, para que este, ao deixar os bancos escolares, esteja em condições de servir-se dellas com proveito.

**A FINALIDADE DA ESCOLA PRIMARIA** — A finalidade da escola primaria não é, portanto, instruir o alumno e sim, dar-lhe a possibillidade de instruir-se na vida, que é a mestra por excellência.

Não é possivel processuar devidamente o ensino, com o actual programma, cujo unico defeito, é ser pôr demais extenso; por conseguinte, não se pôde, com esse programma, alcançar o desiderato acima: o desenvolvimento, paralelo e equilibrado, de todas as faculdades e energias, que se acham, na criança, em phase de evolução.

E' missão do professorado primario, imprimir á nossa pedagogia o character, que corresponda ás necessidades locais; missão difficilissima, sem duvida, dada a multiplicidade dos factores os mais complexos, que nella influem e das quaes deve ser a resultante.

Estudemos, ligeiramente, o primeiro dos dois, já mencionados, principaes factores:

#### a) A VARIEDADE DOS ELEMENTOS ETHNICOS, EM PARTE AINDA NÃO ASSIMILADOS, QUE CONSTITUEM A NOSSA POPULAÇÃO.

A diversidade das raças, que povôam o nosso Estado, é um problema digno de ser seriamente encarado, pelo menos do ponto de vista, que ora mais nos interessa. Para o seu estudo, devemos distinguir, na população catharinense em geral, dois grupos:

I — O dos lusos;

II — O dos descendentes de outras raças.

**O GRUPO DOS LUSOS.** — Ao primeiro desses grupos, pertence o nosso caboclo, com o qual, especialmente, me occuparei.

Elle é quasi sempre intelligente, porém ignorante; forte em seu rachtismo, proveniente da falta de hygiene e, em ultima analyse, da ignorancia; indolente, em parte por atavismo, em parte, porque o seu estado de saúde não lhe permite um trabalho regular e proveitoso; elle é hospitaleiro e franco; valente por indole e vingativo. Eis, o pobre caboclo, esquecido do Governo e desprezado pelos seus patricios mais bem situados; o caboclo, que vive sempre á margem da civilização, da qual fôge, á medida que ella avança. Elle representa o traço de união entre o selvagem e o homem civilizado.

Só ha um meio de arranca-lo da matta-virgem e da margem do rio, onde vegeta; E' substituir, quando criança, o «pica-páo» e a tarrafa pelo livro e pela penna, para que, uma vez adulto, lance mão do machado, manejando-o com o mesmo enthusiasmo, com que laça, agora, os macucos.

O caboclo é brasileiro e sabe que o é; fala embora mal e viciada, a lingua vernacula.

**O QUE SE DEVE ENSINAR AO CABOCLO** — Aqui, a missão da escola consiste em civilizar o educando, ministrando-lhe conhecimentos rudimentares de linguagem, arithmetica, geographia, historia patria e hygiene. O fim principal a attingir é habituar o alumno ao trabalho util e systematico e convencê-lo do valor delle proprio, como membro de uma collectividade organizada.

**O GRUPO DOS DESCENDENTES DE ESTRANGEIROS** — Ao segundo grupo pertencem todos os descendentes de raças estrangeiras. Cada uma dessas raças, aqui estabelecidas, conserva, quasi integraes, os costumes da velha patria, cuja historia é estudada em detrimento da historia brasileira; em virtude do que, o individuo, embora nascido no Brasil, não é nem pode ser brasileiro de coração. Elle re-nuncia, muitas vezes, contra a aprendizagem da lingua vernacula, porque julga, aliás sem razão, que o conhecimento desta o faria esquecer o idioma herdado de seus paes.

Porém, justiça lhes seja feita: uma vez convencidos de que o uso do vernaculo não exclúe a conservação de sua lingua paterna, que elles veneram como uma reliquia dos

antepassados, tanto o teuto, como o italo brasileiro aceitam a aprendizagem da nossa lingua, sem reluctancia.

Tornemos a entrar no nosso assumpto.

Não conhecendo a lingua vernacula, o descendente não pode conhecer o character nacional, nem tão pouco os nossos costumes, cuja origem ignora, por desconhecer a nossa historia e a evolução do povo brasileiro.

Fica, assim, boa parte dos nossos melhores patricios suspensa entre duas patrias, com grave prejuizo para elles mesmos e para a nossa nacionalidade. No meu aviso de 15 de março do corrente anno, baixado ao corpo docente deste estabelecimento, referi me a este assumpto com as seguintes palavras:

«Muito ha, que alguém disse, que um povo vive, emquanto sabe conservar a sua lingua.» Sendo certo isso — do que não resta a menor duvida, pois a historia no-lo demonstra — sendo certo, que a conservação da nossa nacionalidade depende do gráo de perfeição com que falamos a lingua vernacula; considerando, que os filhos de estrangeiros não podem conhecer e, muito menos, amar a nossa patria, que é tambem a delles, sem ser por intermedio da nossa lingua; sendo certo, que só a lingua patria pode servir de vehiculo para a perfeita comprehensão do character, da historia, das tradições e costumes nacionaes; sendo certo, finalmente, que o individuo só pode amar e respeitar a Patria, si a conhece; sendo certo, como é, o que acima ficou exposto o professor, que sabe dar uma boa aula de lingua-gem, merece a benção da Patria».

O descendente do estrangeiro é ordeiro, trabalhador, progressista e geralmente culto; qualidades, que fazem d'elle um importante factor economico nacional. Si lhe soubermos ministrar o conhecimento da nossa lingua, teremos nelle um brasileiro modelo, sob todos os pontos de vista, de que se queira encará-lo.

**O QUE DEVEMOS ENSINAR ÁS CRIANÇAS DE ORIGEM ESTRANGEIRA** — O alumno de origem estrangeira tem, pois, todos os requisitos para ser, mais tarde, um optimo brasileiro; cabe á escola nacionanalizá-lo, ensinando-lhe a lingua vernacula e a historia patria.

Em resumo: Temos, nas nossas escolas, dois typos distinctos de alumnos, cuja diversidade racial e social impõe a applicação de processos pedagogicos diferentes. O luso,

que devemos civilizar e habituar ao trabalho systemático e productivo, e o descendente de estrangeiro, que carece de ser nacionalizado.

Não se póde, naturalmente, adoptar processos de ensino e programmas especiaes, para cada um desses dois typos, porque isso complicaria muito a distribuição e direcção da instrucção no Estado.

*Um inconveniente da dualidade de processos de ensino e programmas.*

A dualidade de processos pedagogicos e programmas tambem prejudicaria a uniformidade do ensino, tão necessaria e dificultaria justamente o que aspiramos: A assimilação do elemento estrangeiro e a fusão, pelo menos espiritual, de todas as raças componentes da população do Estado, para formar um todo, coheso e solidario.

*A pedagogia deve ser uma só.*

Cumprir, para todo o Estado, uma pedagogia unica, que seja applicavel, com proficiencia, tanto nas escolas frequentadas, por lusos, como nas, em que predominam os descendentes de estrangeiros.

Em outra parte desta suggestão indicarei como, a meu ver, pode ser executada a organização dessa pedagogia.

Passemos a estudar, á pressa o segundo factor determinante dos processos pedagogicos a serem applicados nas nossas escolas.

b) — **A IGNORANCIA DA NOSSA POPULAÇÃO, EM RELAÇÃO A' IMPORTANCIA DA ESCOLA.** — Quando, annos atrás, o Governo começou a occupar-se da multiplicação das escolas em todo o territorio do Estado, a grande massa do povo não acolheu com agrado essa nobre iniciativa, que tão bons resultados vem produzindo. Hoje, felizmente, já não è assim, mas poucos, ou antes, muito poucos paes sabem dar á escola o valor, que realmente tem.

Dahi surge a necessidade de dar ao ensino, sem prejuizo para a causa, uma feição que se adapte ao meio local, para que a escola se radique na sympathia da população.

Na Europa é effectiva a obrigatoriedade da frequencia escolar, ao passo que aqui não dispomos de meios efficazes de coerção, a não ser o de persuadir o responsavel pelo alumno da proficiencia do ensino ministrado. O recurso das multas é falho por diversas razões:

a) Alimenta desconfianças já existentes e gera ódios contra o professor e a escola publica, o que cumpre evitar;

b) — as multas quasi nunca são cobradas, porque os pobres, que dão o maior contingente de infractores, não têm com que pagá-las e os contraventores que tem recursos não pagam, porque sabem arranjar pretextos que justifiquem apparentemente, a infracção da lei da obrigatoriedade.

Conclusão — De exposto, chegamos á seguinte conclusão:

a) Nos paizes, atrás mencionados, as populações fórman unidades ethnicas, quando a nossa é composta de elementos heterogeneos;

b) — lá, o fim unico da escola é educar e instruir crianças já nacionalizadas, quando aqui sua finalidade consiste em chamar para o seio da Patria os decendentes de estrangeiros, e incorporar na collectividade, productora o caboclo semi selvagem;

c) lá, os habitantes, com poucas excepções, sabem aquilatar o alto valor social da escola, quando aqui dá-se, geralmente, o contrario;

d) nesses paizes, a frequencia escolar é obrigatoria, quando aqui por falta de meios de coerção a matricula das escolas augmenta na proporção da proficiencia do ensino ministrado; isso, no caso de não haver, desde o começo, prevenção contra o professor ou a escola publica.

Applicados em condições e meio tão differentes, é evidente que os processos de ensino, usados em outros paizes, não devem ser adoptados nas escolas deste Estado, sem serem, convenientemente reformados.

Resta, agora, saber, de que fórma havemos de organizar uma pedagogia, que corresponda ás nossas necessidades.

**A PEDAGOGIA, BEM COMO OS PROGRAMMAS DE ENSINO DEVEM RESULTAR DA COLLABORAÇÃO CRITERIOSA, DE TODOS OS PROFESSORES, SOB A DIRECCÃO E FISCALIZAÇÃO DO SR. DIRECTOR DA INSTRUCCÃO E OS SRS. INSPECTORES ESCOLARES.**

—Todas as prodigiosas conquistas feitas pela humanidade, quer no campo das sciencias, quer nas artes, não são mais do que os resultados de pesquisas individuaes, muitas vezes insignificantes, accumulados, atravez do tempo, e devidamente seleccionados. Sendo a arte de educar e ensinar uma das mais difficeis, julgo que para chegar-se a um resultado satisfactorio, deve seguir-se o processo acima descripto; *reus-*

*nir as pesquisas individuaes de cada professor, expurga-las de erros eventuaes que podem occorrer ao mais arguto dos estudiosos, e aproveitar o que de bom e applicavel contiverem.*

Para esse fim, o meio ideal seria a convocação annualmente do professorado primario para uma conferencia nos moldes da actual o que porem, não me parece praticavel em vista da crise financeira que o Estado atravessa.

Ha, contudo um outro recurso menos dispendioso para resolver satisfactoriamente, este problema.

Consiste na adopção das seguintes medidas, que peço licença para submitter á elevada e competente apreciação do exmo. sr. dr. Presidente e dos demais illustres membros desta Conferencia.

### PROPOSTA

Art. 1º — Os directores de grupo e de escola complementar, bem como os professores desses estabelecimentos que tenham mais de um anno de exercicio apresentarão, biennalmente, em dezembro um trabalho sobre qualquer dos assumptos especificados no artigo seguinte.

§ 1º — O cumprimento do disposto neste artigo é facultativo aos professores das escolas isoladas.

§ 2º — Os trabalhos dos professores de grupo serão remettidos, até o dia 31 de dezembro, pelos respectivos directores ao sr. Director da Instrucção devendo os professores de escolas isoladas, remette los por intermedio dos chefes escolares.

Art. 2º — Os assumptos, a que se refere o artigo anterior, são os seguintes:

a) — De que meios dispõe o professor, para augmentar a matricula de sua escola?

b) — É conveniente o actual systema de promoções? Podem estas ser feitas sommando-se a média das notas dos trabalhos graphicos, feitos pelo alumno durante o anno com a média obtida nos exames finaes e dividindo a somma por dois para ter-se a média geral?

c) — O programma prescripto é praticamente exequivel? Quando não, porque? Quaes as alterações que propõe?

d) — Qual o melhor methodo de ensino da linguagem oral? Quando e como deve o professor corrigir a linguagem do alumno?

e) — Como deve ser ministrado o ensino da lingua-

gem escripta, dictado, reproducção, composição e redacção?

f) — Como se ministra uma aula de calligraphia? Qual o typo de letra que recommenda, o vertical ou o inclinado?

g) — Qual o processo mais economico e proficiente de coadunar o ensino de leitura com o da linguagem oral e escripta?

h) — Em que anno do curso deve começar o ensino da geographia e historia? Como deve ser dado em cada classe?

i) — A educação moral e civica deve ser ensinada em aula especialmente consignada no horario e de accôrdo com um programma estritamente prescripto? Pode ser ministrada, em uma ou duas aulas semanaes, explicando o professor um assumto que as circumstancias do momento lhe dictem?

J) — Como e em que ordem devem ser ensinadas as diversas partes da arithmetica?

k) — Em que anno deve começar o ensino da geometria? Qual deve ser o programma de cada classe do grupo e da escola complementar?

l) — De que modo devem ser ministradas as noções de sciencias naturaes no grupo? Qual deve ser o programma de sciencias no curso complementar?

m) — Qual o fim da gymnastica na escola? Como deve ser ministrada?

n) — Como se consegue uma disciplina effectiva na escola?

o) — Como deve o professor proceder, para radicar-se na confiança dos seus alumnos? De que meios dispõe elle para esse fim?

p) Como se habitúa o alumno á obediencia consciente e espotanea?

q) Como se lhe prende a attenção durante o periodo das aulas?

r) Como desenvolve o professor, no alumno, o espirito de iniciativa? Como deve elle encaminhar o educando gradativamente, para o governo de si proprio?

Art. 3º — Os trabalhos apresentados serão, durante as ferias, examinados por uma « Comissão de Julgamento », composta dos Inspectores Escolares e presidida pelo Director da Instrucção.

§ unico — Por delegação deste, qualquer dos Ins-

pectores poderá assumir a Presidencia da « Comissão de Julgamento ».

Art. 4º — Compete á « Comissão de Julgamento » estudar as questões apresentadas, extrahindo dellas, o que de util e pratico contiverem.

Art. 5º — As medidas propostas, que forem, pela « Comissão de Julgamento », consideradas proveitosas ao ensino, serão, pelo Director da Instrucção, apresentadas á autoridade competente, para serem legalmente, postas em pratica.

Art. 6º — Nos trabalhos que apresentarem, será vedado aos directores e professores:

a) — Criticar actos ou a pessoa de qualquer de seus superiores hierarchicos;

b) — tratar de questões pessoais;

c) — dar, a seus trabalhos, feição que não se coadune com o fim que temos em vista;

d) — usar de linguagem descortês.

Art. 7º — A infracção do artigo anterior será, pelo Director da Instrucção, punida com as penas constantes do Regulamento Geral da Instrucção Publica.

VANTAGENS QUE ADVIRÃO DA ADOPÇÃO DAS MEDIDAS PROPOSTAS. — São evidentes as vantagens que offerece a adopção das medidas, que tenho a honra de propôr:

a) Todos os directores e professores de grupo e de escola complementar serão obrigados a dedicar-se ao estudo das multiplas questões relativas ao ensino, com grandes vantagens para si e para a nobre causa, por que pelemos;

b) será estimulada a iniciativa de muitos professores de escola isolada;

c) — a Directoria da Instrucção ficará sempre a par das necessidades de cada grupo, escola complementar e escola isolada, cujo professor apresente trabalhos pedagogicos, podendo, *ipso facto*, com mais acerto, adoptar as medidas reclamadas.

d) — pelos trabalhos apresentados, a Directoria da Instrucção poderá aquilatar a competencia e a dedicacção dos professores primarios, promovendo, em caso de necessidade, os que se tiverem salientado dentre os demais.

e) em poucos annos teremos programmas e processos pedagogicos condizentes com o nosso meio e um professorado apto para a sua difficil missão social, que consiste na formação dos homens de amanhã.

**CONCLUSÃO FINAL** — Para resumir o assumpto constante da presente «Sugestão», direi o seguinte:

Considerando, que os processos pedagogicos adoptados em paizes mais cultos do que o nosso, não podem aqui, ser postos em pratica, sem serem convenientemente, adaptados ao nosso meio.

Considerando, que a diversidade dos elementos ethnicos, que formam a população do Estado impõe o estudo minucioso dos, tambem differentes, meios sociaes;

Considerando, que deve caber aos professores primarios estudar o meio social e racial, em que se acha localizado cada estabelecimento de ensino;

Considerando, que o conhecimento do meio constitúe condição, *si ne qua non*, para a organização e systematização dos processos pedagogicos a serem adoptados nesse mesmo meio;

Considerando, que a collaboração de todo o professorado primario, na solução dos multiplos e complicados problemas do Ensino, trará vantagens reaes e incontestaveis para a Instrucção, em geral; *propunho*, sejam postas em discussão, nesta Conferencia, as medidas que tive a honra de suggerir, na pagina 12 e seguintes deste modesto trabalho.

Blumenau, julho de 1927. — Ass. *Adriano Mosimann*, Director do Grupo Escolar Luís Delfino e da Escola Complementar anexa.

## PARECER N.º 27

Estudando attentamente a importante these n. 30 — *A adopção de processos pedagogicos condizentes com o nosso meio, constitue um dos problemas mais actuaes. O papel do professor primario de Santa Catharina, na solução desse problema.* — apresentada pelo professor Adriano Mosimann, actual director do Grupo Escolar Luis Delfino, de Blumenau, chegou a commissão á seguinte conclusão: Com a experiencia e observação adquiridas em nove annos de magisterio, exercido nos meios, os mais diversos, onde o referido professor entrou em contacto com crianças e adultos pertencentes a todas as classes sociaes, de descendencia lusa, teuta e italiana, descreve elle o ambiente social e racial em que se acham localizados os nossos estabelecimentos de ensino. Distingue o autor desta these dois grupos distinctos de alumnos nas nossas escolas:

os lusos e os descendentes de outras raças. Demonstra de modo cabal a necessidade de adoptar processos pedagogicos que condigam com os nossos meios — nacional e estrangeirado — mas condemna a dualidade de programmas, porque esta complicaria muito a distribuição e direcção do ensino e «dificultaria justamente o que aspiramos: a assimilação do elemento estrangeiro e a fusão pelo menos espirital de todas as raças componentes da população do Estado para formar um todo coheso e solidario.» Diz que dos paizes mais cultos — França, Inglaterra, Alemanha, Suissa, Estados Unidos, Japão, — só devemos importar «o arcaboço — os preceitos basicos geraes da moderna arte de educar — dando-lhe aqui a forma mais conveniente para o fim que temos em vista: — nacionalizar e educar a actual geração infantil. «Depois de discorrer com acerto, sobre os meios por que pode ser creada uma pedagogia nossa, cuja necessidade elle evidencia, chega á seguinte conclusão, que transcrevemos na integra:

**CONCLUSÃO:** — a) — nos países, atraz mencionados, as populações formam unidades ethmicas, quando a nossa é composta de elementos hecterogeneos;

b) — lá, o fim unico da escola é educar e instruir crianças já nacionalizadas, quando aqui sua finalidade consiste em chamar para o seio da Patria os descendentes de estrangeiros, e incorporar, na collectividade productora, o caboco semi-selvagem;

c) — lá, os habitantes, com poucas excepções, sabem aquilatar o alto valor social da escola, quando aqui dá-se geralmente o contrario;

d) — nesses países, a frequencia escolar é obrigatoria, quando aqui por falta de meios de coerção, a matricula das escolas augmenta, na proporção da proficiencia do ensino ministrado; isto, no caso de não haver, desde o começo prevenção contra o professor ou a escola publica.

Applicados em condições e meios differentes, é evidente que os processos de ensino, usados em outros países, não devem ser adoptados nas escolas deste Estado, sem serem, convenientemente reformados.

Resta, agora, saber, de que forma havemos de organizar uma pedagogia, que corresponda ás nossas necessidades.

*A pedagogia, bem como os programmas de ensino devem resultar da collaboração, criteriosa, de todos os professores, sob a direcção e fiscalização do sr. Director da Instrucção e os srs.*

*Inspectores escolares.*—Todas as prodigiosas conquistas feitas pela Humanidade, quer no campo das sciencias, quer nas artes não são mais do que os resultados de pesquisas individuaes muitas vezes insignificantes, accumulados, através do tempo, e devidamente seleccionados. Sendo a arte de educar uma das mais difficeis, julgo que para chegar-se a um resultado satisfactorio, deve seguir-se o processo acima descripto: *reunir as pesquisas individuaes de cada professor, expurgar-las de erros eventuaes, que podem occorrer ao mais arguto dos estudiosos e aproveitar o que de bom e applicavel contiverem.*

Para esse fim, o meio ideal seria a convocação annualmente, do professorado primario, para uma conferencia, nos moldes da actual, o que, porem, não me parece praticavel, em vista da crise financeira que o Estado atravessa.

Ha, contudo, um outro recurso, menos dispendioso, para resolver, satisfatoriamente este problema.

Consiste, na adopção das seguintes medidas, que, peço licença para submeter a elevada e competente apreciação do exmo. sr. dr. Presidente e dos demais membros desta Conferência.

## PROPOSTA

Art. 1 — Os directores de grupo e de escola complementar, bem como os professores desses estabelecimentos, que tenham mais de um (1) anno de exercicio, apresentarão, biennialmente, em dezembro, um trabalho sobre qual-quer dos assumptos especificados no artigo seguinte.

§ 1 — O cumprimento do disposto neste artigo é facultativo aos professores das escolas isoladas.

§ 2 — Os trabalhos dos professores de grupo serão remettidos, até o dia 31 de dezembro, pelos respectivos directores, ao sr. director da Instrução, devendo os professores de escolas isoladas, remette-los por intermedio dos chefes escolares.

Art. 2 — Os assumptos, a que se refere o artigo anterior, são os seguintes:

a) — de que meios dispõe o professor, para augmentar a matricula de sua escola?

b) — E' conveniente o actual systema de promoções? Podem estas ser feitas sommando-se a media das notas dos trabalhos graphicos, feitos pelos alumnos durante o anno, com a média obtida nos exames finaes dividindo a somma por dois para obter-se a media geral?

c) — O programma prescripto é praticamente exequivel? Quando não, porque? Quaes as alterações que propõe?

d) — Qual o melhor methodo de ensino da linguagem oral? Quando e como deve o professor corrigir a linguagem do alumno.

e) — Como deve ser ministrado o ensino da linguagem escripta, dictado, reprodução, composição e redacção?

f) — Como se ministra uma aula de calligraphia? Qual o typo de letra que recommenda, o vertical ou o inclinado?

g) — Qual o processo mais economico e proficiente de coadunar o ensino da leitura com o da linguagem oral e escripta?

h) — Em que anno do curso deve começar o ensino da geographia e historia? Como deve ser dada em cada classe?

i) — A educação moral e civica deve ser ensinada em aula especialmente consignada no horario e de accordo com um programma estritamente prescripto? Pode ser ministrada em uma ou duas aulas semanaes, explicando o professor um assumpto que as circumstancias de momento lhe dictem?

j) — Como e em que ordem devem ser ensinadas as diversas partes da arithmetica?

k) — Em que anno deve começar o ensino da geometria? Qual deve ser o programma de cada classe do grupo e escola complementar?

l) — De que modo devem ser ministradas as noções de sciencias naturaes no grupo? Qual deve ser o programma de sciencias no curso complementar?

m) — Qual o fim da gymnastica na escola? Como deve ser ministrada?

n) — Como se consegue uma disciplina effectiva na escola?

o) — Como deve o professor proceder, para radicar-se na confiança de seus alumnos? De que meios dispõe elle para esse fim?

p) — Como se habitua o alumno á obediencia consciente e espontanea?

q) — Como se lhe prende a attenção, durante todo o periodo das aulas?

r) — Como desenvolve o professor, no alumno, o espirito de iniciativa? Como deve elle encaminhar o educando, gradativamente, para o governo de si proprio?

Art. 4.º — Os trabalhos apresentados serão, durante as

ferias, e examinados por uma «Commissão de Julgamento», composta dos Inspectores Escolares e presidida pelo Director da Instrucção.

§ Unico — Por delegação deste, qualquer dos Inspectores poderá assumir a presidencia da «Commissão de Julgamento».

Art. 4º. — Compete á «Commissão de Julgamento» estudar as questões apresentadas, extrahindo dellas, o que de util e pratico contiverem.

Art. 5º. — As medidas propostas, que forem, pela «Commissão de Julgamento», consideradas proveitosas ao ensino, serão, pelo Director da Instrucção, apresentadas á autoridade competente, para serem, legalmente, postas em pratica.

Art. 6º. — Nos trabalhos que apresentarem, será vedado aos Directores e professores:

a ) — Criticar actos ou a pessoa de qualquer de seus superiores hierarchicos;

b ) — tratar de questões pessoas;

c ) — dar, aos seus trabalhos, feição que não se coadune com o fim que temos em vista;

d ) — usar de linguagem descortez.

Art. 7º. — A infracção do artigo anterior será pelo Director da Instrucção, punida com as penas constantes do Regulamento Geral da Instrucção Publica.

VANTAGENS QUE ADVIRÃO DA ADOPÇÃO DAS MEDIDAS PROPOSTAS — São evidentes as vantagens que offerece a adopção das medidas, que tenho a honra de propor:

a ) — Todos os directores e professores de grupo e de escola complementar serão obrigados a dedicar-se ao estudo das multiplas questões relativas ao ensino, com grandes vantagens para si e para a nobre causa, por que pelejamos;

b ) — será estimulada a iniciativa de muitos professores de escola isolada;

c ) — a Directoria da Instrucção ficará sempre a par das necessidades de cada grupo, escola complementar e escola isolada, cujo professor apresente trabalhos pedagogicos, podendo, *ipso facto* com mais acerto, adoptar as medidas reclamadas;

d ) — pelos trabalhos apresentados, a Directoria da Instrucção poderá aquilatar a competencia e a dedicação dos pro-

fessores primarios, promovendo, em caso de necessidade, os que se tiverem salientado dentre os demais;

e ) — em poucos annos teremos programmas e processos pedagogicos condizentes com o nosso meio e um professor apto para desempenhar a sua difficil missão social, que consiste na formação dos homens de amanhã.

CONCLUSÃO FINAL — Para resumir o assumpto constante da presente «Suggestão,» direi o seguinte:

CONSIDERANDO, que os processos pedagogicos adoptados em países mais cultos do que o nosso, não podem, aqui, ser postos em pratica, sem serem, convenientemente, adaptados ao nosso meio;

CONSIDERANDO, que a diversidade dos elementos technicos, que formam a população do Estado, impõe, o estudo minucioso dos, tambem diferentes, meios sociais;

CONSIDERANDO, que deve caber aos professores primarios estudar o meio social, em que se acha localizado cada estabelecimento de ensino;

CONSIDERANDO, que o conhecimento do meio constitúe condição *sine que non*, para a organização e systematização dos processos pedagogicos a serem adoptados nesse mesmo meio;

CONSIDERANDO, que a collaboração de todo o professorado primario, na solução dos multiplas e complicados problemas do ensino, trará vantagens reaes e incontesteis para a Instrucção em geral; proponho, sejam postas em discussão, nesta Conferencia, as medidas, que tive a honra de suggerir, na pagina 12 e seguintes deste modesto trabalho.

Até aqui as palavras do illustre professor sobre cujo trabalho a commissão dá o seguinte parecer:

CONSIDERANDO que o autor traduziu, na sua these, exactamente o modo de pensar desta Commissão;

Considerando que as reuniões pedagogicas prescriptas pelo Regimento Interno dos grupos escolares, produzem bons resultados, quando feitas com criterio e habilidade;

Considerando ser de conveniencia facilitar ao professor a aquisição de livros referentes a assumptos pedagogicos.

Suggere o seguinte:

I — Ponha-se em pratica todas as medidas suggeridas pelo autor deste trabalho.

II — Façam-se, sem prejuizo das disposições regimen-

taes em vigor trimestralmente, nos grupos escolares de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe, conferencias pedagogicas de caracter pratico, presididas pelos respectivos directores, nas quaes tomarão parte:

- a) — O corpo docente dos grupos e das escolas complementares e as praticantes se houver;
- b) — Os professores das escolas isoladas vizinhas;
- c) — Eventualmente a convite do director do Grupo, directores e professores de estabelecimentos particulares ou pessoa de reconhecido saber em materia de ensino.

III — Organize-se, annexa a Directoria da Instrucção uma sessão de orientação dos professores a quem caberá recomendar a estes as melhores obras pedagogicas, facilitando-lhes a aquisição das mesmas.

Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. -- (Ass.) *Irmã Bernwarda*. Relatora; — *Mario Garcia* — Presidente; — *Hercilio Zimmermann* — Secretario.

### Requerimento

Requeiro seja aproveitado o trabalho do sr. Adriano Mosimann sobre Processos pedagogicos para orientação dos directores na organização dos relatorios annuaes.

Sala das sessões, 10 de agosto de 1927. — Ass. — *Catharina Demoro*.

### THESE N. 36

## Qual o valor do mestre-escola na formação educacional dos povos ?

Positivando o assumpto, na summula categorica da these proposta, formulo a seguinte sub-these: O valor da escola está na razão directa de seu aperfeiçoamento moral-intellectual.

E' claro que o professor primario, como elemento de imprescindivel necessidade possui um valor intrinseco sem contestação, vasto e de profundo alcance; infelizmente nem

sempre attinge o maximo grau de eficiencia, isto é, não resulta efficaz, falseando então o designio de sua prerrogativa.

### RAZÃO DE SER DO MESTRE-ESCOLA

Para bem nitida se nos apresentar a idéa thermometrica deste valor, mister se faz antes orientar-nos sobre a razão de ser do mestre escola. Será simplesmente a instrucção popular, ou modernamente, a desanalphabetização? Papel muito secundario emprestariam ao mestre escola os que lhe quizessem restringir a acção ao mistér de um simples mechanic, que tal é o exercitar-se apenas algumas faculdades intellectivas, deixando no olvidio outras inherentes ao homem racional.

Não é deste parecer a conspicua assembléa que se apresenta para o grande certamen de que os mais promissores resultados se esperam: não fora assim e a these em questão não surgiria attestando o louvavel intuito dos nossos governantes na elevação da classe do magisterio, delle fazendo o organ por excellencia prestimoso na formação educacional dos povos.

Mas., em que consiste esta formação educacional ?

### EDUCAR E ENSINAR

Diz illustre pedagogo: «A formação vale tanto como a educação e esta é synonymo de elevação de qualquer modo mas totalmente, abrangendo assim a parte physica, intellectual e moral do homem.»

Educar é desenvolver racionalmente as faculdades e energias do homem.

Ensinar tem um sentido mais restricto e secundario e consiste em mostrar, assignalar (de in — signare) ás faculdades cognoscitivas o objecto que por sua vez o discipulo apprehende, e dahi o seu correlato aprender.

Resulta então que o Ensino alveja a Educação e, portanto, ensinar é o meio necessario, mas sempre meio, que tende ao fim ideal - educar.

Ainda mais: é certo que para educar precisamos ensinar, mas muitas veses, ensinando, não educamos.

Ora, tomar o ensino como fim, o que infelizmente se tem observado, é falsear a formação do individuo e por consequente a dos povos, pois o homem não é só intelligen-

cia que se satisfaça de conhecimentos, mas um composto physico-intellectual — moral, abrangendo corpo e alma; nem tão pouco só a intelligencia requer a formação: propria physiologia humana demonstra a evolução progressiva do individuo.

Pelas varias condições da vida a educação, que principia no lar, ahí não se completa. Surgiu então o methodo de educação collectiva de que, desde os primeiros tempos do Christianismo, as ordens e congregações religiosas deram bellos modelos.

Os governos, reconhecendo que a formação integral do individuo reclama o proprio interesse das collectividades instituiu as escolas populares, cujo organ é o professor primario.

O meio de que se serve o professor primario é o *ensino*; eis então que, no empenho de aperfeçoar seus methodos tornou-se elle o *abstractum* da escola primaria, olvidando-se não poucas vezes sua finalidade que é a *educação*. Não obstante resta por conclusão: a razão de ser do mestre-escola não é o ensino 'simplesmente,' mas a *formação educacional*.

O VALOR DO MESTRE ESCOLA EM FACE DA FORMAÇÃO EDUCACIONAL DOS POVOS — O valor do mestre pode descer de muito no thermomêtro de sua verdadeira efficacia: pode ser deficiente.

Enfrentemos alguns casos:

O professor que tem como preocupação exclusiva o programma de ensino em sua forma intrinseca, sem cuidar de methodos e meios adequados, contentando se com os pontos decorados, sem mesmo inteirar-se de que o alumno comprehende ou não as lições — não educa absolutamente, não desenvolve o que quer que seja no educando, antes favorece a tendencia para o memorismo.

Ha professores, entretanto que, intelligentemente preparados, exigem de seus educandos alguma coisa mais: esforçam-se por interessa-los, provocam a attenção, procuram exercitar-lhes o raciocinio. Intellectualmente educam. Todavia foi negligenciado o ponto principal — a educação moral não mereceu do mestre cuidado outro que não o de uma simples materia do programma. E não é a isto que se vai chamar educação.

Tenho observado que nas épocas de sabbatinas, a materia em que menos difficuldade encontram nossos escolares

e em que raramente são reprovados é em Educação. A razão é simples: Os pontinhos são pequeninos e faceis de decorar; depois isto é infallivel: ou cá o 1º. ou o 2º. ou 3º. e assim por diante. Chamar-se-á isto educar? e sobretudo educar moralmente?

Mas o que é de lamentar neste systema de divorciar a educação moral de a intellectual é a sua consequencia funesta para collectividade:

De onde vem p. ex. o sophisma da Liberdade absoluta? de onde, sinão das paixões que não se aprendeu a domar, a ponto de cegar o homem a propria razão e não lhe deixar ver que toda a liberdade é relativa, como na propria ordem da natureza. Dahi que ameaças constantes á estabilidade das nações e dos povos, em face sempre do desrespeito á autoridade constituída, sujeitas sempre ás revoltas e guerras civis!...

A raiz destas e outros muitos males sociaes não se vá dizer que é a desanalphabetização, pois é facil observar que a maior parte das vezes os cabeças são homens instruidos, intelligencias até.

#### APERFEIÇOAMENTO MORAL E INTELLECTUAL

Para educar deveras é necessario que o mestre-escola esteja perfeitamente apto, o que só se conseguirá por um consciente aperfeçoamento intellectual e moral.

Como se o há de conseguir? Entremos no seminario deste sacerdocio de nova ordem, entremos na Escola Normal.

#### A EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

Sempre me pareceu, que, embora deva haver meticoloso exame na escolha das materias a serem ministradas na Escola Normal, maior attenção e cuidado se devêra collocar nos methodos de ensino, de modo a formar dos conhecimentos adquiridos uma base indestructivel sobre o qual o proprio magistrando edificaria seu aperfeçoamento.

Neste sentido o lente se apresentará ao alumno, não como scientista literato, especialista na materia emfim (embora, não resta duvida, deve se-lo), mas como pedagogo. O methodo ideal é o que leva o alumno a attenção primeiro para depois abstrahir-se, raciocinar, ajuizar, comparar, generalizar; a memoria deve simplesmente exercer o seu papel, aliás importante, sem que se descambe para o memorismo.

As interrogações progressivas e regressivas sobre o assumpto da lição apresentam melhores resultados do que as longas prelecções que só tem merito de informar o aluno sobre a erudição do mestre, dando-lhe ainda a convicção de não lhe ser possível alcançar o verdadeiro conhecimento do que lhe foi exposto.

A theoria da Pedagogia deveria ser eminentemente practica; assim, seria de desejar que um anno do curso se dedicasse exclusivamente á essa materia de combinação com a Psychologia e a Methodologia, mas de uma maneira practica em que o proprio lente conduzisse os magistrandos ao exercicio. Não me quero arvorar em pedagogo, nem mesmo aqui será lugar em que minuciosamente se trate o assumpto grave da methodologia ministrada na Escola Normal; melhor se o fará numa exposição de programma, que uma outra these apresentada comporta.

### A EDUCAÇÃO MORAL

Em que consiste a educação moral?

A educação moral consiste na formação da vontade, directriz de todo o acto consciente. Sempre é certo que a vontade ha de ser dirigida para o bem. Robustecer-se-á então o character.

O Pe. Ozamiz em seu «Principio de educação» aponta como factores na constituição do character a herança, a força de vontade e a educação. Tem pois o mestre escola a tarefa nobilitante de formar characteres. E como conseguirá.

As noções de educação moral e civica dadas em forma disciplinar como qualquer outra materia com tempo determinado no horario não conduz ao fim collimado. Não, que a vontade, á qual se dirige a educação moral, é uma força e não facultade cognoscitiva, e tanto pode pender para o bem como para o mal.

Dahí se faz necessario um constante desbastar e cinzelar, o que simples noções por certo não realizarão.

«A educação começa e termina com a vida», escreveu S. Smiles. Ella deve ser o sangue que penetre por todas as celulas da formação. Mas, para este sangue vivificar e desenvolver, necessario se torna colloca-lo nas condições exigidas de alimentação sadia, de ares puros e renovados. Ora como ha de a criança de si por si collocar-se nestas condi-

ções, si o professor a cujos cuidados foi confiada, não souber inculcar-lhe o alimento da vida moral, proporcionar-lhe ares puros, constantemente renovados?

Resulta, então, que o mestre-escola, si ha de ser preparado intellectualmente, com mais summo cuidado o ha de ser moralmente. Qual a escola conveniente a este aperfeiçoamento e na qual por sua vês o mestre guiará a vontade de seus educandos? Por outra, qual a moral que convem a este *desideratum* de formação que pretendemos? A moral agnostica? Si é moral é integrante da Religião? Só esta sim, pode de facto educar moralmente o homem, porque só ella aponta-lhe o seu principio, só ella informando o homem sobre sua finalidade, possui paralelamente a sanção do bem e do mal em toda a plenitude; conseqüente só ella pode formar characteres nobres.

E' na escola do Divino Mestre que o professor ha de buscar o mel dulçoroso que, suavizando as agruras de seu encargo, lhe proporcionará manancial inexgotavel da mansidão, paciência, abnegação e espirito de sacrificio, ao mesmo passo que vai formando, suave e docemente, os corações infantis. Como não ha de ser puro o ambiente moral da escola, si o ar premiana das culminancias celestes? Como não será sadia a alimentação, si ella é a propria verdade?

Eduque-se o mestre e por conseguinte, a infancia, na Moral do Catecismo, não um catecismo simplesmente theorico, mas vivido nas suas reaes expressões.

Então sim a Patria se engrandecerá não somente, mas se reafirmará em characteres nobres que saberão engrandecela até a dedicação, até o heroismo.

Ao lado pois de cuidadoso aperfeiçoamento intellectual do mestre escola, ha de se lhe inculcar as fontes da Moral no Catecismo; só elle será capaz de desvendar os segredos da verdadeira formação educacional dos povos.

Ass.—*Isaura Veiga Faria*, professora da Escola São José, Julho de 1927.

### PARECER N.º 28

No estudo da these n. 36, sustentada pela professora Isaura Veiga de Faria, these essa que versa sobre o Valor do Mestre Escola na formação Educacional dos Povos, a Commissão verificou o seguinte:

1) — A explanação da these está feita em 6 capitulos, epigraphados na ordem que segue:

— Qual o valor do mestre-escola na formação educacional dos povos?;

— Razão de ser do mestre-escola;

— Educar e ensinar;

— O valor do mestre-escola em face da formação educacional dos povos;

— Aperfeiçoamento moral e intellectual;

— A educação moral.

2) — No primeiro capitulo supra citado, a epigrapha é assambarcadora da these; no entanto, a explanadora apenas lhe dedicou 10 linhas... Mas, numa phrase, realmente compendiou com intelligencia os predicados essenciaes do professor, enunciados neste gosto. «O valor do mestre-escola está na razão directa, de seu aperfeiçoamento moral e intellectual».

3) — No segundo capitulo (Razão de ser do mestre-escola, a conspicua expositora faz duas interrogações, quando deveria antes dar conta dessa razão de ser do professor primario. E acrescenta que é papel muito secundario a desalphabetização, se attribuída como função unica do mestre-escola.

4) — No capitulo Educar e Ensinar, define a apresentadora da these essas palavras, concluindo que educar tem sentido mais amplo que ensinar, sendo o ensino o meio necessario para o fim, que é educar.

5) — No capitulo quarto, condemna a autora os professores que adoptam o memorismo, isto é, o processo de decorar os alumnos os pontos do programma. Neminè discrepante... a não ser a pouquissima relação entre o cabeçalho... e a explanação do capitulo: O valor do mestre-escola em face da formação educacional dos povos.

6) — Bem tratado o quinto capitulo, ainda que se deva deixar de parte o titulo para apreciar somente o texto. Acha a autora da these que o professor da Escola Normal deve ser sobretudo pedagogo, e que um anno do curso normal se reserve á conducção dos magistrandos ao exercicio do ensino.

7) — No capitulo final, uma profissão de fé catholica encerra o trabalho. Propõe a expositora que a infancia se eduque na moral do catecismo. A Commissão substituiria com a devida permissão da autora, a palavra catecismo pela de DECALOGO, compendio e summula da moral humana.

Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. — Ass. — *Barrairos Filho*. — *P. F. X. Zartmann*, não se pronunciando sobre o 7º ponto, respectivamente com restricções, *Marcilio Dias Santiago*.

## THESE N.º 49

Quaes as vantagens do uso dos mappas de Parker no Ensino Inicial de Arithmetica Pratica? Será possivel a usança desses mappas nas Escolas Rurales?

Procurarei desenvolver esta segunda these, tambem sem fazer citações de pessoas idoneas na materia por não ter encontrado compendio algum que trate do assumpto. Antes de iniciar estas observações convem notar que, toda a creança quando vai pela primeira vez para uma escola, leva em geral consigo um pequeno conhecimento de numeros adquiridos em seus folguedos e, urge que o professor aproveite esta circumstancia para, applicando o methodo de Parker e seus conselhos, desenvolver este conhecimento.

As vantagens que julgo encontrar no ensino inicial de arithmetica pelos mappas de Parker são:

1.ª — porque o mappa de Parker ensina racionalmente, principiando por mostrar estampas á creança que representam cousas que está acostumada a ver na vida commum. Manda-se a creança contar quantos objectos ou animaes, vê em um determinado grupo de objectos ou animaes e assim contando aprenderá em pouco tempo uma boa quantidade de numeros.

2.ª — porque augmenta gradativamente o numero desses objectos ou animaes e augmentando esses agrupamentos augmentará o conhecimento da creança, mormente sendo estes augmentos de uma duas ou tres unidades.

3.ª — porque, como complemento do ensino oral de arithmetica apparecerá o ensino escripto, que è iniciado juntamente com o oral, embora a creança não saiba traçar um algarismo siquer porem irá riscando sempre acompanhada do estímulo do professor, que deverá corrigir este trabalho com brandura, os achando bons, mas dizendo tambem que a cre-

ança tem aptidões para os fazer melhor. Assim continuando, em pouco tempo a creança terá adquirido um regular conhecimento de numeros. Continuando a ensinar por estes mappas, observando o modo simples nelle empregado para iniciar a creança nas complexas operações da arithmetica, pois, em vez de apparecerem agora augmentados os agrupamentos referidos, apparecerão com o mesmo numero e ao lado, mais um ou dois ou tres agrupamentos: isto para ensinar a sommar.

Para iniciar a subtracção, em vez de mandar juntar o objecto ou animal, mandará que se supprima ou tire do grupo, um, dois ou tres e etc. objectos ou animaes.

No ensino da multiplicação elle nos apresenta dois ou mais grupos tendo cada grupo o mesmo numero de objectos ou animaes e perguntará á creança quantas vezes estão repetidos os objectos ou animaes em cada grupo e quantos grupos alli se apresentam, por exemplo: tem dois grupos e em cada grupo estão dois gatos, logo nos dois grupos quantos gatos estarão? Facilmente a creança saberá arranjar resposta porque irá contar, sommando o numero de gatos dos dois grupos. Para o ensino da divisão, o systema é mais ou menos identico, isto é: apresenta-nos por ex.: dois grupos, tendo um delles quatro objectos e no outro somente dois e nos manda perguntar a creança: si aquelles quatro objectos tivessem de ser repartidos por aquelles outros dois, quantos objectos do primeiro grupo caberiam á cada um dos dois do outro grupo? Tambem não encontrará a creança grande difficuldade para responder, porquanto irá separando um por outro os quatro objectos, dando um á cada um dos objectos de outro grupo, até esgotar o numero de objectos do primeiro grupo.

Augmentando tambem gradativamente o numero de objectos dos dois grupos se conseguirá que a creança aprenda a dividir; naturalmente sendo o divisor um só algarismo.

Pelo que acima ficou dito, vê-se que este ensino deve ser objectivo concreto, embora, depois que a creança tenha adquirido alguns conhecimentos destas operações, tenhamos que torna-lo o mais abstracto possivel.

Ass. — *Albano Monteiro Espinola.*

## THESE N.º 21

Quaes as vantagens do uso dos mappas de Parker no ensino inicial da arithmetica pratica?  
Será possivel a usança desses mappas nas escolas isoladas ruraes ?

O uso dos mappas de Parker no ensino de arithmetica tem suas vantagens, si o professor souber dar o seu valor intuitivo, entabolando palestras, pois ao contrario acarretará desvantagens para o alumno porque só com o habito da decoraçào visual do mappa, atrophiará a decoraçào intellectual que é a base do raciocinio.

Para o professor adquirir o progresso de sua classe por esse systema, começará pela contagem dos numeros, escrevendo, antes, bolinhas e traços de 1 a 9 e assim successivamente. Deve chamar tambem a attenção de toda a secção para o ensino de cousas ou então procurar para despertar a intelligencia, como: a quantidade de objectos que tem na aula, o numero de carteiras na fila direita e na fila esquerda, quantos alumnos sentados e quantos de pé, o numero de janellas e portas que circulam a sala, contar os passos que derem, etc, etc, e munir-se ainda o professor de canetas, reguas, taboinhas e bolas de vidro e dessa variedade de objectos irão comprehendendo as creanças o valor e a clareza da denominação ordinal dos numeros. Convem tambem o professor desenvolver as idéas por perguntas e respostas sobre os exercicios já estudados e observando com rigor, os alumnos que mais queda mostram para essa disciplina, pelo modo com que fazem o raciocinio e nessa marcha deve evitar que se habituem a contar pelos dedos. Desde o primeiro dia de aulas os alumnos deverão copiar em suas lousas, apenas, as bolinhas do mappa de Parker. Seguindo o professor as palestras na aula de arithmetica, despertará a leitura no mappa de Parker, isto, quando todos já souberem ler e escrever os algarismos e terem exacto conhecimento da combinação dos numeros dígitos. O professor deve permanecer nesse systema de ensino até que veja o adiantamento da creança e então passará a ensinar no mappa de Parker, isto é, não esquecendo de procurar o modo intuitivo e concreto, iniciando o raciocinio e assim terá o resultado do esforço

de cada um. Ao professor compete procurar os meios mais praticos para o desenvolvimento do calculo de Parker, formulando problemas faceis com os numeros escriptos e dessa forma terá recurso para desenvolver as aulas de arithmetica.

Alguns pedagogos condemnam o ensino de arithmetica pelas taboadas, mas incontestavelmente ha necessidade desse recurso para a boa aprendizagem, baseando-se então o professor, nos exercicios do mappa de Parker, entrará no exercicio das taboadas para effectuar com exactidão o ensino das 4 operações; sem esse manejo radical não haverá resultado efficaz para as soluções dos problemas e raciocinios. O ensino de arithmetica no primeiro anno não está de accordo com a idade das creanças por ser insufficiente o periodo annual de aulas, pois é bem difficil para uma creança de tenra idade e analphabeta, vencer essa etapa, attendendo não só a numeração, calculos, problemas, como as 4 operações, embora rudimentares.

O passo do primeiro anno para segundo é tambem incompativel, com o adiantamento dos alumnos.

Para sanar essa irregularidade deveria haver nos grupos escolares duas classes de primeiro annos em cada secção, com programma preliminar. A minha opinião diverge da adopção dos mappas de Parker nas escolas isoladas ruraes, por apresentar serias desvantagens para os professores que desconhecem esse systema elementar de calculos.

Seria então mais conveniente o uso do contador mecanico, usado nas escolas allemãs e americanas, em muitos collegios do Brasil, cujos resultados são bem vantajosos e uteis e assim daria ás nossas escolas estadaes, um outro caracter de aperfeiçoamento mais pratico.

Ass — *Beatriz de Sousa Brito.*

## PARECER N.º 29

Da segunda commissão permanente da Conferencia de Ensino Primario de Santa Catharina.

Questão — Quaes as vantagens do uso dos mappas de Parker no ensino inicial de arithmetica pratica? Será possivel a usança desses mappas nas escolas isoladas ruraes?

Os trabalhos estudados pela commissão foram as the-

ses ns. 21 e 49 de autoria dos professores Albauo Monteiro Espinola e Beatriz de Sousa Brito.

O assumpto dessas theses relaciona-se com uma das mais importantes disciplinas escolares a Arithmetica — materia cujos conhecimentos terá o alumno de empregar amplamente na vida; portanto, tudo quanto a ella se refere, deve ser pratico, util e verdadeiro.

Dahi a grande vantagem que não podemos deixar de reconhecer no uso dos mappas de Parker que, como diz o professor Espinola, ensina racionalmente, e, fazendo a creança contar objectos e animaes, fa-la adquirir em pouco tempo o conhecimento de uma boa quantidade de numeros, pois augmenta gradativamente o numero desses objectos ou animaes; e, como complemento do ensino oral de arithmetica, faz apparecer o ensino escripto, que é iniciado juntamente com o oral.

Tem sobre o contador mecanico a vantagem de não offerecer o risco que offerece esse aparelho de os meninos o memorizarem com facilidade. Razões por que consideramos o mappa de Parker auxiliar poderoso na concretização dos calculos arithmeticos no conhecimento racional da quantidade.

Não cremos, porem, possivel a usança desses mappas nas escolas ruraes:

a) — porque, como diz a professora D. Beatriz de Sousa Brito, apresenta serias desvantagens para os professores que desconhecem esse systema elementar de calculos;

b) — porque o fornecimento desses mappas a todas as escolas tiraria aos cofres do Estado um onus consideravel.

Sala das sessões, 8 de agosto de 1927. — Ass — *Catharina Demoro. — Maria Amorim. — Adriano Mosimann.*

## THESE N.º 19

O ensino da leitura nas escolas subvencionadas, onde os alumnos na sua maioria são descendentes de allemães, de gente que só sabe falar o allemão, a cartilha em uso (Fontes) está adequada ao ensino. O professor tem de ler, traduzir e explicar cada palavra por si, faz o alumno ler e traduzir e de vez em quando repetir o lido. Poesias para os alumnos da cartilha são muito difficeis de ensinar. Alem

disto a impressão desta cartilha é pessima, os typos deviam ser muito mais nitidos.

Dos alumnos do primeiro anno lectivo, a maioria precisa de um e meio até dois annos até absorverem a cartilha e, mesmo assim, no fim deste tempo não sabem a significação de tudo que esta contem, porque para elles a lingua vernacula é um idioma completamente estranho e o motivo, porque aprendem com difficuldade e só nas horas das aulas a ouvem e falam durante o resto do dia o idioma em uso entre elles é o allemão em que se sabem exprimir com mais facilidade e por isto preferem.

Quando o alumno começa a ler no Primeiro Livro de Leitura, já comprehende algo do vernaculo, porem o professor precisa continuar a traduzir e explicar oração, povoação palavra por palavra, synonymo por synonymo e, quando o alumno é transferido para o segundo anno lectivo, ainda não absolueu o primeiro livro por exiguidade de tempo e, como pelo programma o alumno do segundo anno lectivo é obrigado a ler no Segundo Livro de Leitura, tal leitura é ainda muito difficil para elle. O alumno do segundo anno devia só ler no Primeiro Livro e o do terceiro anno no Segundo Livro de Leitura; outros livros de leitura não são precisos para nossas escolas, porque o tempo não dá para mais e a leitura deve ser uniforme para todas as classes em traducção, etc: senão o professor não dá vencimento da materia e se estes livros tambem contivessem algo da educação civica, seria muito util.

Arithmetica.—O alumno que fala a lingua vernacula, aprende, facilmente a contar, porque sabe logo a significação dos numeros, em vez de os nossos alumnos, para elles as denominações dos numeros são palavras estranhas e não ficam facilmente na memoria delles, porque elles não sabem pensar em vernaculo, é o mesmo que se dá com a leitura e o ensino em geral, por isso leva meses até que o alumno comprehenda o sentido do que aprende.

Para o ensino da arithmetica falta um livro adequado as necessidades do filho do colono, contas como elle precisa na vida pratica, como contas de arrobas, kilos, metros, palmos, litros, quartas, contas de superficie, para elle saber fazer a conta da medição de um lote de terras, etc.

Historia ensino lendo e fazendo ler e traduzir os respectivos trechos de Rocha Pombo e depois faço as perguntas, assim consigo que o segundo anno lectivo, no fim do anno

sabe responder as perguntas que faço da historia até o anno de 1922, e isto só consigo repetindo sempre. O terceiro anno então absorve a historia, inclusive a de Santa Catharina porem nenhum alumno chega ao ponto de saber contar trechos da historia.

De grande utilidade seria tambem, se o Rocha Pombo contivesse um supplemento da historia do nosso Estado. O que por enquanto podemos conseguir é, que nossos alumnos, paes de futuros alumnos, sabem alguma coisa do vernaculo, que conhecem o paiz delles e que sentem como brasileiros. Os futuros alumnos, isto é, os filhos de nossos alumnos já aprendem o vernaculo com muito mais facilidade, porque os paes delles já os podem ajudar em muitas cousas referentes ao ensino, o que aos nossos alumnos falta por completo.

A difficuldade com que se lucha, só conhece quem já leccionou em dois idiomas todas as materias de uma escola por isso o curso na minha opinião devia ser pelo menos de seis annos em vez de tres subindo gradativamente uo curso até absorver o ultimo anno lectivo e os paes dos alumnos deviam ser obrigados a mandarem seus filhos à escola até estes terem absorvido o ultimo anno do curso, o que seria um grande proveito para o ensino e, como as escolas publicas são fiscalizadas pelo sr. Inspector Federal, assim tambem as escolas particulares deviam ser fiscalizadas por inspectores debaixo da direcção do mesmo senhor, e aquellas escolas então têm de cumprir o programma do governo, não podem fazer concorrência às escolas publicas e os professores destas escolas particulares devem prestar exame para poderem leccionar, porque dantes os professores eram obrigados a isto os actuaes não prestam exame e fazem concorrência ilheita aquelles e a nós, porque não se importam com as disposições do governo. Tambem em nossas escolas é muito necessario que se leccione oficialmente cada dia durante vinte minutos o allemão que é o bastante para que o alumno possa fazer seus apontamentos e annotações em allemão, o que muito auxilia a memoria dos alumnos, porque se elles têm a noção daquillo que aprendem, muito mais facil aprendem e este ensino de allemão reverte em beneficio da lingua vernacula.

Por exemplo: Depois de lido e traduzido o trecho da leitura, historia ou outro assumpto, faço, no caderno para este fim destinado, os alumnos escreverem os synonymos que

houverem nesta lição; os alumnos no dia seguinte, depois de terem decorado a lição, respondem promptamente, se podem então pergunte a significação em allemão, não sabem responder e por conseguinte todo este ensino é sem proveito pratico.

Alem disto, o alumno, quando vai a doutrina precisa saber o allemão, porque tudo que o pastor protestante ensina é pergunta é em lingua allemã, tudo que o alumno tem de lá aprender e escrever é em allemão.

Agora, lá na doutrina encontram-se os alumnos de diversas escolas, tanto particulares como publicas. Os alumnos das escolas particulares sabem ler e escrever em allemão, em vez de que os alumnos das escolas publicas ficam vexados, porque não sabem ou sabem mal ler e escrever naquella idioma e os paes delles por isto não ficam satisfeitos com o ensino das escolas publicas e o que é um mal para a expansão e renome dellas nos districtos coloniaes.

Blumenau, julho de 1927. — Ass. — *Fernando Steinhauer.*

### PARECER N.º 30

Parecer da commissão especial encarregada do estudo dos assumptos referentes á Nacionalização do Ensino.

These n. 19 — Do professor Fernando Steinhauer.

Do estudo da these acima, chegamos á seguinte conclusão:

Fala o autor, das escolas subvencionadas em geral e de um modo, por que não são ministradas algumas disciplina constantes do programma das mesmas. Acha que a Cartilha Popular em uso, tem os defeitos de ser pessima a sua impressão, devendo, tambem, os typos serem mais nitidos. Quanto á leitura em si, diz, que o professor da zona que está sendo nacionalizada precisa, para obter resultados, traduzir palavra por palavra, porque a grande maioria dos alumnos desconhece a lingua vernacula, razão porque os escolares só terminam a cartilha no fim de anno e meio a dois annos de frequencia escolar. Opina pela adopção da cartilha no primeiro, do primeiro livro no segundo, e do segundo livro no terceiro anno do curso achando não ser necessario mais outro livro. Continúa textualmente: «si estes livros tambem contivessem algo de educação civica, seria muito util. Demonstra ainda a difficuldade de ensinar arithmetica nas escolas daquella zona, porque os alumnos não sabem, siquer,

pensar em vernaculo, o que atraza muito a comprehensão da materia. Quanto á historia patria ensina-a o professor pelo methodo socratico, não dispensando o recurso da traducção imprescindivel naquellas escolas, qualquer que seja a materia que se leccione. Sobre o exposto; damos o seguinte parecer:

a) — Opinamos que na proxima edição da Cartilha Popular, sejam tomados em consideração os defeitos apontados pelo autor dessa these;

b) — que a Cartilha seja exgotada no primeiro anno lectivo, o que se pode fazer;

c) — que a traducção dos termos desconhecidos pelos alumnos é uma necessidade; contudo esta commissão não a recommenda incondicionalmente, visto como a lingua official da escola deve ser sempre a vernacula;

d) — que os livros adoptados preencham o seu fim, salvo os defeitos já referidos da Cartilha; parece-nos, porem, ser de conveniencia a adopção do terceiro livro da serie Fontes, que está sendo impresso;

e) — concordamos que as noções de historia sejam dadas pelo methodo socratico.

Salas das sessões, 9 de agosto de 1927. — Ass. — *Mario Garcia*, — Secretario; — *Adriano Mosimann*, — Relator — *Germano Wagenfuhr*, — Presidente.

### THESE 45 THESE 14ª

## Como deve o Estado encarar o ensino profissional ?

### THESE 6ª

Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares ?

Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do Paiz ? Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo no Estado, em particular, e no Paiz em geral ? De que fórma ?

A reforma do ensino está novamente em fóco nos paizes civilizados, a medida que os progressos nos dominios da Pedagogia vêm revelando as falhas dos diferentes metho-

dos de educação até hoje postos em pratica, e a insufficiencia das diversas organizações encarregadas de ministra-la.

Assim, as sciencias pedagogicas vão assumindo uma importancia cada vez maior na vida dos povos, pois a solução das questões sociaes e economicas depende, em grande parte, da directriz que se houver de imprimir ao ensino.

Por isso, a Liga das Nações, da mesma sorte que procurou solucionar os problemas da producção e do trabalho, tambem não descurou as questões referentes ao ensino, crendo-se sob seus auspicios a primeira Universidade Internacional, em Bruxella, onde será ventilado o importante assumpto. O principal objectivo do referido instituto è reunir, em épocas determinadas os professores e alumnos de todas as Universidades do mundo, em um movimento de alta cultura.

O curso respectivo comprehende o estudo dos temas pedagogicos relativos á organização das Universidades, á vida universitaria, occupando-se o programma de conferencia de todos os problemas internacionaes de ensino. Tambem na Universidade Livre daquela cidade tornou-se obrigatorio o estudo da Pedagogia e da Historia da Pedagogia em cada uma de suas Faculdades, sendo este exemplo imitado em outros paizes.

Nos Estados Unidos e na Argentina ha o Conselho Nacional de Educação, denominado no Uruguay Conselho de Instrucção Secundaria e Superior, de sorte que as modificações concernentes ao ensino, podem ser feitas gradualmente, com os melhores resultados.

O Brasil não deveria ficar alheio a essa transformação, tanto mais porque, em consequencia dos nossos methodos educativos, ainda não estamos aparelhados para enfrentar a formidavel luta economica travada entre as nações.

Semelhante facto não escapou á percepção de notavel estrangeiro que nos visitou, e que diante «of the boundless wealth which nature has lavished upon man in this vast land» — «da incalculavel riqueza que a natureza prodigalizou ao homem neste vasto paiz,» perguntava pressuroso: — «Is the people worthy of a such an inheritance?»

Poderemos continuar a reter esse colosso?

Sim, desde que saibamos educar e instruir o nosso povo.

No presente estado de cultura, afirma Leroy Beaulieu, è superstição acreditar-se em que a instrucção publica

tenha a magica virtude de modificar a moralidade do homem, como è anachronismo absurdo pretender formar gerações medidas por certo typo intellectual.

Mantegazza, como Huxley e Angiulli, combateu o moderno preconceito dos que «na sua arcádica beatitude», «na sua virgem ingenuidade», da só extincção do analphabetismo fiam a solução do complexo problema da cultura popular, e advertiu que «se pode ser barbaro barbarissimo, e saber ler e escrever»; que «o alphabeto deve ser uma das pedras fundamentaes sobre que è mister apoiar a civilização humana, mas que não deve ser a unica», e que «nada è mais perigoso do que um povo muito instruido, mas muito faminto; nada ha peor do que um desequilibrio entre o progresso economico e o progresso intellectual de um paiz.

Seja como fór, è graças ao ensino que «as associações humanas se iniciam no seu passado, se ligam á sua existencia presente e se preparam para as suas evoluções futuras.»

E' pela instrucção, que a Suissa, a Belgica, a França e outros paizes marcham sobranceiramente á testa da civilização!

E' pelo ensino, principalmente pelo ensino agricola, que a Argentina e outros Estados visinhos avançam a passos largos para a conquista de sua independencia economica.

Foi pela instrucção que a Allemanha operou o milagre estupendo de seu grande desenvolvimento agricola, industrial e scientifico: foi o mestre escola que, trabalhando no silencio, mas com perseverança, erigiu essa Alemanha monumental, admiravel pela sua producção, pela sua disciplina e pela sua cultura, e cuja expansão e poderio chegou a ameaçar o mundo inteiro!

Já Bismarck attribuia a victoria de 70 ao mestre-escola e aos sabios das Universidades.

Não è diferente a Alemanha de agora.

Segundo o testemunho do Senador Eduardo Herriot «l'Allemagne est affolée de science et de technicité. Et l'on doit affirmer que dans la lutte économique de la paix, elle se défendra avec le même acharnement que dans la lutte militaire. Elle n'abandonnera rien au hasard ou à la fantaisie individuelle»

Chamberlain, cujo valor de estadista não se calcula unicamente pela craveira do imperialismo, não pensa de outro modo. «Estimaria», disse elle, «ver o tempo em que, neste paiz, nenhum homem pudesse conseguir um emprego dos

melhores, em as nossas fabricas, em as nossas officinas ou escriptorios commerciaes, sem que exhibisse provas de que o seu curso universitario lhe fizera merecer o cargo offerecido ».

«A opinião é a mesma nos Estados Unidos.»

A crise do trabalho, hora a hora augmenta », escreveu dos seus publicistas.

«Para lutar com tantos e tão diversos productores, que, de toda a parte; nos fazem concorrência, os nossos industriaes, os nossos agricultores, não podem deixar de ser homens de sciencia. E, acima de tudo, attentemos bem que não basta mais aos nossos operarios que saibam ler e escrever.

Foi pela instrução, que aquelle povo lutador e tenaz, premido em pequeninas ilhas, como o japonês, conseguiu surgir inesperadamente como potencia mundial. Será pela idéa, pois, pelo talento de seus filhos e de seus estadistas, pela educação do seu povo, pela aprendizagem technica e profissional do mesmo, que poderemos realizar as grandes conquistas do trabalho e do pensamento.

Só assim poderemos melhorar a nossa apoucada educação politica, praticando o regimen para a qual ainda não estavamos nem estamos preparados.

Como disse Aulard, todo povo tem ao lado de sua carta legal uma carta real.

Esta é a que vive realmente e, como emanação que é dos costumes politicos de um certo paiz, dá, muito mais que a outra, idéa justa do seu verdadeiro estado.

Por enquanto, andámos ás cegas, convencidos de que praticamos o regimen constitucional de uma sociedade diversissima da nossa, operando o estupendissimo milagre de nos transformarmos a pouco e pouco em cidadãos anglo-saxões. Qual, porém, não fóra o nosso assombro, si em um momento de grande lucidez pudéssemos comparar a nossa constituição «real» com a dos norte-americanos, a quem quizermos imitar, mas só conseguimos macaquear!

Em materia de educação tambem se observa a mesma lei geral. Um povo não póde modificar, á sua vontade, suas instituições. Toda reforma no nosso ensino, boa ou má, será filha das nossas necessidades, e sobre estas não poderemos actuar tão fortemente. As unicas reformas efficazes são as pequenas reformas de detalhe, feitas de maneira continua

e successiva. Le Bon compara-as aos grãos de areia, cuja somma acabará por formar montanhas.

A Directoria de Instrução Publica e a Conferencia de Ensino virão executar esse programma.

Não basta, porem, cuidar do ensino profissional e tecnico.

«E' do mar alto», escreve Jules Huré, «que deve soprar o vento para poder levantar as ondas; è das alturas que deve partir a idéa para revolucionar o mundo». Mensagitat molem. E' da cultura das élites, do seu gráo de preparo, da sua capacidade directiva, do dispendio de suas energias, dos seus esforços conjugados, que depende em muito a educação das massas populares — porque as multidões são, por sua natureza passivas, indifferentes, refractarias a todo o movimento, a todo progresso.

O duelo de hoje e de amanhã e conforme sustenta vigoroso articulista, não é, não pode ser um combate entre as multidões e os intellectuaes. O duelo è, será, entre duas élites que têm «concepções differentes da so iedade e da vida.» O homem que passou o dia a cavar a terra ou toda a noite a conduzir um expresso contra o vento ou a guiar um barco em meio de tempestade, ou a manejar o ferro aquecido ao branco no orificio de uma fornalha, diz Ruskin, não é, não pode ser, no fim do dia ou da noite, o mesmo homem que aquelle que ficou sentado em um quarto tranquillo, rodeado de livros, trançando o plano de um avião, resolvendo um problema de alta mathematica, calculando as leis de desintegração do radium.

Andaram, portanto, bem inspirados o sr. Governador do Estado e o sr. Director da Instrução, procurando conhecer tambem as necessidades do ensino normal superior, ora em crise.

Porque a escola primaria não póde prosperar sem o influxo das universidades. Quando em um paiz ha um numero sufficiente de espiritos altamente educados, tanto maior é o impulso da instrução popular.

«La luz de arriba se refleja abajo; la Universidad sostiene á la escuela. Inversamente, classes directoras em quienes la antorcha del saber se ha pagado, rodean de sombras el ámbito en que viven las nuevas generaciones. Ni vale decir que es un privilegio de que disfructam muy pocos, en primer lugar, porque, ensanchando el circulo de la luz, se extiende la orbita de los deberes y responsabilidades; en se-

gundo, porque la Universidad dá un contingente grandemente apreciable el professorado de los institutos inferiores. » (Diego Mendoza, Apuntaciones sobre Instrução Publica, pag. 33).

O aperfeiçoamento da industria no decurso do seculo XIX, consequencia da crise mundial que se resolveu na re-torta gigantesca que formam os campos europeus, talados pela guerra e suas consequencias, desde 1789 a 1815, veio nobilitar o officio e a profissão, creando os primeiros technicos que trouxeram para os officios principios scientificos que a mentalidade humana já surprehendera na observação e verificára na experimentação (Os Cursos de Engenharia no Brasil e o Regimen Universitario, por Cantanhede de Almeida, na Polytechnica do Rio).

Appareciam os engenheiros e já Michelet em 1869, em seu livro « Nos fils », accentuou a necessidade de completar a educação tradicional, adaptando-a ás novas e futuras épocas, « encaminhando-a da contemplação para a acção » pelo desenvolvimento das escolas technicas.

A necessidade urgente de appressar a evolução, nas theorias classicas da educação, para refazer as riquezas transformadas ou destruidas no principio do seculo, impulsionou em todos os paizes da Europa o estabelecimento das escolas technicas que permittissem aos homens de acção adquirir em poucos annos os indispensaveis conhecimentos, atravez de lições de mestres que se formaram com a base de elevada cultura scientifica e um longo tempo de observação.

Para só falar da França, formação de Origem latina como a nossa, basta lembrar que até os fins do seculo XVIII só existiam, com caracter technico, as classicas escolas de Pontes e Calçadas e Polytechnica de Paris, fundadas nesse seculo com o objectivo exclusivo de fornecer ao Estado e ao Exercito os profissionais para os trabalhos publicos da administração e da guerra.

Datam do principio do seculo XIX as fundações successivas das grandes escolas technicas francezas:

Escola Nacional de Artes e Officios de Chalons, em 1806.

Escola Nacional de Artes e Officios de Angers, em 1806.

Escola Nacional de Minas de St. Etienne, em 1816.

Escola Nacional de Agricultura de Srignon, em 1823.

Escola Central de Artes e Manufacturas de Paris, em 1829.

Escola Nacional de Agricultura em Rennes, em 1830.

Escola Nacional de Artes e Officios de Aix, em 1843.

Escola Nacional de Agricultura de Montpellier, em 1872.

Além das escolas inferiores, mais profissionais do que technicas, que atingem proximamente a uma centena e foram creadas, em sua maioria, depois de 1870.

Os espiritos francezes mais clarividentes reclamaram sempre a attenção dos poderes publicos para a falta de desenvolvimento do ensino technico, que lhes parecia insufficiente, organizado ainda no correr do seculo XIX, exactamente como fôra distribuido no inicio do seu desenvolvimento nos primeiros 25 annos desse seculo: e, quando em 1870 a organização allemã se manifestou em toda a pujança militar, apoiada em um já notavel desenvolvimento technico, o doloroso choque militar e politico que soffreu a França, demonstrou como ella tinha ficado distanciada da sua vizinha, em cujo territorio já eram numerosos os polytechnicos, e as diversas escolas especiaes, recebendo em avultado numero os estudantes que o preparo solido dos gymnasios já lhes enviava com boa cultura basica e forte espirito de organização.

No ultimo quartel do seculo XIX e nos 20 annos do corrente seculo, a Allemanha e os Estados Unidos se adiantaram a todos os paizes do mundo dispendendo a mãos largas em todos os ramos da instrução e da educação, principalmente no preparo technico e profissional dos seus futuros industriaes, dos seus futuros valorizadores da riqueza nacional e dos futuros esteios das suas politicas exteriores, pois os seus territorios já começaram a ser estreitos para as colossaes fontes de energia e trabalho que o preparo technico vinha creando e desenvolvendo.

Durante a recente grande guerra, a França teve de encarar de novo e com energia os efeitos da formidavel organização technica da sua rival territorial. O mundo assistiu á lucta tremenda; e, como bem receiaram os francezes mais patriotas, foi a technica rigorosa e scientifica fundada dos allemães que lhes permittiu a extraordinaria e prolongada resistencia, e, foi ainda a entrada dos americanos do norte, ricos, bem aparelhados, que deu logar ao desanimo dos allemães e á consequente derrota militar. E ainda hoje, vencida, naturalmente exausta e com o peso das grandes restituções a

fazer aos seus vencedores, a Allemanha traz apprehensiva a sua principal vencedora.

Quando, sob a pressão terrível dos acontecimentos militares de 1914 a 1915, o governo francez fez estudar as causas do fraco aparelhamento industrial francez, diante do seu competidor, o senador Astier, relator da comissão parlamentar do inquerito, estabeleceu o confronto entre o ensino tecnico na França e na Allemanha, pedindo a attenção da França, que não se devia suicidar, para os seguintes dados comparativos: A França instrua 5.000 estudantes em seis escolas technicas superiores, quando a Allemanha instrua 17.000 moços em 17 escolas da mesma categoria. A França offerecia seis escolas médias (Artes e Officios), para 1.800 alumnos, quando na Allemanha as escolas desse typo e muito melhor aparelhadas, eram 547 com 42.000 alumnos, e, além disso, existiam 89 escolas commerciaes com 7.000 estudantes.

Fazendo descer o ensino technico até o povo, a Allemanha offerecia 2.300 cursos de aperfeiçoamento industrial a 300.000 alumnos e 552 cursos de aperfeiçoamento commercial a 50.000 empregados do commercio emquanto que a França apresentava cerca de 100 escolas desse genero, agrupando nos seus cursos 50.000 alumnos.

Terminado o seu patriotico relatorio parlamentar, escreveu o senador francês as seguintes palavras que valem por uma orientação segura: «Na luta sem quartel pela existencia das nações, o ensino technico é, sem contestação, o meio mais universalmente empregado para vencer a concorrência. Uma nação estará mais bem aparelhada commercialmente e industrialmente, quanto maior fôr o numero de seus engenheiros, de seus industriaes, de seus banqueiros, de seus commerciantes, dos seus contra-mestres, de seus operarios ou trabalhadores de toda a especie, com a melhor instrucção profissional nos seus officios.»

Este principio se popularizou desde muito tempo e é a mais impulsora dos Estados Unidos, da Alemanha, da Suissa, da Inglaterra, da Belgica e do Japão.

Sem preparo tecnico não pode haver grande nação e é essa a razão de vermos os consideraveis auxilios que fornecem os governos geraes e communaes da Allemanha, Estados Unidos e Belgica para a manutenção e desenvolvimento de suas monumentaes agglomerações de casas de estudo reunidas sob a denominação de Universidades.

E o auxilio generoso de donativos vultosos com que os

grandes millionarios americanos tem restituído nobremente á collectividade, os grandes quinhões que souberam conquistar na luta pela vida, porque em determinadas occasiões foram os mais bem preparados e os mais habéis dentre os seus concorrentes? Nos Estados Unidos vêm-se casas de estudo como as oitos que formam a Universidade de Cornell em Ithaca, Nova York, alistando annualmente mais de 6.000 estudantes, dirigidos e guiados por mais de 700 docentes que lhes ministram os conhecimentos de artes e sciencias, de leis, de medicina, de veterinaria, de agricultura, de engenharia civil, de minas electrica, necessarios ao aparelhamento para a vida profissional em qualquer desses ramos, educando-os ao mesmo tempo com a saúde apurada e robustecida por methodicos e convenientes exercicios e desportos.

Fundada em 1868, com 412 alumnos nos seus diversos cursos, attingiu a sua frequencia ao elevado numero de 6.891 alumnos no anno de 1915, apesar de não ser gratuita a sua frequencia, variando as taxas annuaes de \$120 a \$160, conforme o curso seguido pelo estudadante, o que representa dispendio maior que o que é feito pelos estudantes da nossa Escola Polytechnica, onde existem laboratorios de elevado custo á disposição dos alumnos para os seus estudos.

As universidades e escolas americanas se assemelham muito umas ás outras e differem das europeas na organização e nos methodos de trabalho e ensino. O estudante americano é mais livre, para poder desenvolver o forte espirito de iniciativa do povo e convém notar que os methodos de estudo e trabalho que a quasi 30 annos levaram Demolins a escrever um volume sob o titulo suggestivo de uma confissão honesta: «A quoi tient la superiorité des anglo-saxons», vão se impondo aos povos de origem latina, pela força convincente do facto, de uma eloquencia muito mais energica e efficiente que a da palavra escripta ou fallada.

A Universidade allemã que continuou na Europa a velha tradição universitaria dos seculos XII e XIII, varrida da França pela revolução em 15 de setembro de 1893, se transformou com o correr dos annos, crescendo e se modernizando.

A influencia politica que os centros universitarios exerciam, com feição accentuadamente conservadora, na defeza natural dos privilegios de que estavam investidos e que deu logar ao acto da revolução franceza que os extinguiu, começou a desaparecer na Allemanha, mantido em todo caso, o

systema descentralizador que dominava o regimen universitario. As 20 universidades allemãs, desde as mais antigas, a de Leipzig, fundada em 1409, e a de Rostock, fundada em 1419, e na qual ensinou Kepler, até a mais moderna, a de Munich, fundada em 1826, todas ellas cresceram; e, com a autonomia e recursos patrimoniaes disputam, a peso de ouro, os professores de valor, cujas lições de fama mundial vem augmentar o prestigio das universidades que os conseguem trazer aos seus corpos docentes. Fartamente providas de installações e material de ensino, estimulam o estudo e a concurrencia de estudiosos. As faculdades francezas, desagregadas das universidades extinctas em 1793, só foram de novo reunidas em regimen universitario em 1895, sob o Ministerio da Instrucção Publica de Raymond Poincaré e não apresentam ainda hoje os caracteristicos individuaes que as distinguiram no seculo XVIII e que deram a cada uma dellas a sua propria personalidade, fazendo que as correntes de estudiosos pudessem escolher a sua casa de estudo, segundo a orientação desejada.

As universidades francezas e allemãs não são, porem, centros de desenvolvimento de ensino technico que são as universidades americanas; e, essa observação decorre naturalmente de serem ellas de fundação anterior á época em que se formou e apurou a technica moderna. ao passo que as universidades americanas, todas de fundação recente, já foram incorporadas, sub-divididas nos diversos institutos technicos, cada qual mais rico e mais bem preparado para a divulgação da sciencia applicada. (1)

O grande erro da educação justamente denominada latina — é repousar num erro psychologico fundamental: imaginar que a recitação de manuaes desenvolve a intelligencia (2). Desde então procura-se aprender o maior numero possivel de manuaes; e da escola primaria ao doutorado ou á aggregação, o estudante só cuida de engorgitar o conteudo dos livros sem que jamais se exerçam o seu julgamento e a sua iniciativa. A instrucção para elle, consiste em recitar e em obedecer.

\*Aprender lições, saber de cór uma grammatica ou um resumo de grammatica, repetir bem, imitar bem, eis, escrevia

(1) Cantanhede de Almeida, ob. cit.

(2) G. Le Bon, Psychologico do Socialismo e Psychologia da Educação.

um antigo ministro da Instrucção Publica, o sr. Julio Simon, uma curiosa educação, na qual todo esforço é um acto de fé perante a infalibilidade do mestre. (G. Le Bon, Psychologia das Multidões edição, da Livraria Garnier).

Em vez de preparar homens para as luctas da vida, a escola só os prepara para funcções publicas em que o exito não seja nenhum vislumbre de iniciativa. Na parte inferior da escala social, ella forma esses exercitos de proletarios descontentes da sua sorte e sempre promptos a se revoltarem; na parte superior, a nossa burguezia frivola, sceptica e credula ao mesmo tempo impregnada de uma confiança supersticiosa no Estado providencia.

O Estado que fabrica, á custa de manuaes, todos esses diplomados, pode utilizar apenas um pequeno numero delles e deixa forçosamente os outros sem emprego. Cumpre, pois, resignar-se a nutrir os primeiros e a ter por inimigos os segundos. Taine, citado por Le Bon, mostrou claramente que a educação franceza de outrota, era, mais ou menos, o que é hoje a educação inglesa ou americana, e, num paralelo bem traçado, entre o systema latino e o systema anglo-saxão nitidamente indicou as consequencias dos dois methodos.

Poder-se-iam, talvez, aceitar todos os inconvenientes da educação puramente classica, mesmo que ella só produzisse desclassificados e descontentes, si a perfeita recitação de manuaes elevasse o nivel da intelligencia. Mas, consegue ella realmente esse resultado? Não, infelizmente! O julgamento, a experiencia, a iniciativa, o caracter são as condições de exito na vida, e não é nos livros que as aprendemos.

Os livros são dictionarios uteis a consultar, mas é inteiramente superfluo armazenar no cerebro longos fragmentos. (3)

Como pode a instrucção profissional desenvolver a intelligencia numa medida que escapa á instrucção puramente classica? Taine muito bem o mostrou nas linhas seguintes: «As idéas só formam no seu meio natural e normal; o que faz vegetar o seu germen, são as innumeras impressões sensiveis que o rapaz recebe todos os dias — no atelier, no tribunal, no cartorio, no estaleiro, no hospital, ao espetaculo dos utensilios, dos materiaes e das operações, em presença dos fregueses, dos operarios, do trabalho, da obra bem ou mal feita, dispendiosa ou lucrativa. Eis

(3) G. Le Bon, Psychologia das multidões.

as pequenas percepções particulares dos olhos, do ouvido, das mãos e mesmo do olfato, que involuntariamente recolhidas e surdamente elaboradas, se organizam nelle, para suggerir cedo ou tarde, tal combinação nova, simplificação-economia, aperfeiçoamento ou invenção. De todos esses contactos preciosos, de todos esses elementos assimilaveis ou indispensaveis, o joven francês se acha privado, e justamente durante a idade fecunda: durante sete ou oito annos, elle fica sequestrado numa escola, longe da experiencia directa e pessoal que lhe teria dado a noção exacta e viva das cousas, dos homems e das diversas maneira de maneja-los.

... Pelo menos nove em dez perderam o tempo e o trabalho, muitos annos de vida e annos efficazes, importantes ou mesmo decisivos.

Contaes primeiramente a metade ou os dois terços daquelles que se apresentam a exame, quero dizer, os reprovados; em seguida, entre os approvados, dotados de «brevet» ou diploma, ainda a metade ou os dois terços, quero dizer, os fatigados. Pediu-se-lhes demais, exigindo que em determinado dia, sentados numa sala ou diante do quadro negro, fossem, no espaço de duas horas e para um grupo de sciencias, repertorios vivos de todos os conhecimentos humanos. Com effeito, elles foram isso, ou mais ou menos, naquelle dia, durante duas horas... Mas, um mez depois já não o são. Não se poderiam submeter a novo exame. Os seus conhecimentos, numerosos e pesados em demasia, dissipam-se incessantemente do seu espirito, e elles não adquirem novos. O seu vigor mental enfraqueceu; a seiva fecunda seccou; o homem feito apparece e muitas vezes é o homem acabado. Este, tranquillo, casado, resignado a girar em circulo e indefinidamente no mesmo circulo, concentra-se no seu officio restricto. Exerce-o correctamente; nada mais. Tal é o rendimento médio. Certamente a receita não equilibra a despesa.

Na Inglaterra e na America, onde, como outrora antes de 1789 em França, se emprega o processo inverso, o rendimento obtido é igual ou superior.

No Hospital, na mina, na manufactura, junto ao architecto, ao homem de lei, o discipulo, admittido com pouca idade, faz a sua aprendizagem e o seu estagio, pouco mais ou menos como entre nós um escrevente no seu cartorio ou um pintor no seu «atelier». Previamente e antes de entrar pode seguir um curso qualquer geral e summario, afim de ter um quadro prompto para nelle collocar as observações

que pouco depois irá fazer. No entanto, ha ao seu alcance alguns cursos technicos que elle poderá seguir nas suas horas livres, afim de condemnar, pouco a pouco, as experiencias quotidianas que faz. Sob semelhante regimen a capacidade pratica augmenta e desenvolve-se por si mesma, precisamente no grau que corresponda ás facultades do alumno, e na direcção exigida pela sua futura carreira, pela obra especial a que elle tiver de se applicar. Destarte, na Inglaterra e nos Estados Unidos, o joven consegue revelar todas as provas de sua capacidade. Desde cedo, si a substancia e o fundo não lhe faltam, elle é, não só um «executante» util, como tambem um emprehendedor expontaneo — não só um mecanismo, como tambem um motor. E Taine chegou á conclusão seguinte sobre os inconvenientes cada vez maiores da chamada «educação latina».

«Nas tres phases da instrucção, para a infancia, a adolescencia e a mocidade, a preparação theorica e escolar nos bancos, por meio de livros, prolongou-se e sobrecarregou-se. E' a applicação de um regimen anti-natural e a anti-social. Atrazo excessivo da aprendizagem pratica, internato, exercicio artificial, trabalho exhaustivo...

E isso se pratica com abstracção do mundo real, do ambiente em que o mancebo vae agir, sem estar previamente equipado e fortalecido para o «conflicto humano». Esse equipamento indispensavel, essa acquisição mais importante do que todas as outras, essa solidez do bom senso, da vontade e dos nervos, não é dada pelas nossas escolas.

De sorte que a estréa do joven estudante na sociedade e os seus primeiros passos no campo da acção pratica, são, ás vezes, uma serie de quedas desastrosas... Elle fica abatido e, por muito tempo, contundido. E' uma provação rude e perigosa. Altera-se o equilibrio moral e mental vem a desillusão muito rapida... Foram grandes em demasia as decepções, muito fortes os dissabores!

Crear a possibilidade de multiplicar as actividades productivas é, evidentemente, concorrer não só para a riqueza individual, proporcionando ao cidadão maiores elementos de resistencia na luta economica, como tambem assegurar indirectamente a prosperidade da Nação.

O homem, que alem da sciencia adquirida, consegue uma tecnica qualquer, torna-se proprietario de um verdadeiro capital immaterial, insusceptivel de ser roubado ou perdido. Não é essa uma opinião individual, mas antes, em outros termos,

repete o que já tem sido dito e redito, como entre nós, por Camillo Prates, Ephigenio de Salles, Eurico Valle, José Augusto, Azevedo Sodré e outros, que, em nosso Parlamento, com brilho e maior autoridade, tiveram oportunidade de sustentar tal idéa. Seria injustiça não salientar, especialmente, um dos seus mais esforçados paladinos, o deputado Fidelis Reis, que, em 1922, assim acertadamente justificava a lei que propoz: «Precisamos convencer-nos de que a cultura académica, classica especulativa e literaria não nos basta. Profissionalizar o nosso ensino, para fazer de cada brasileiro um factor de effectivo valor social e economico, temperando-lhe, ao alvorecer para a vida, o physico e o character ao contacto das realidades, na aprendizagem dos trabalhos manuaes—esse deve ser o ponto de partida da grande obra reformatória.» (O ensino profissional, p. 20).

Vale a pena referir aqui o que a respeito pensava o espirito eminentemente democrata do notavel administrador que foi João Pinheiro: «Francamente, as amarguras do presente, a pobreza geral, a situação precaria das classes chamadas liberaes não têm outra explicação mais nitida do que o ensino, socialmente errado, que nos tem sido fornecido. Ha mister reorganiza-lo, de modo a garantir ao homem a mais completa independencia, ensinando-lhe desde cedo a contar, principalmente, comsigo mesmo, com a victoria das suas energias na luta da vida, tal como ella é, visando o seu bem estar individual e o serviço da familia e da Patria.

O exito das raças fortes, notadamente a anglo-saxonia em seu ramo mais novo—a America do Norte—resulta essencialmente, da feição pratica, positiva, profundamente real com que, desde a escola primaria até a aprendizagem superior, se conduzem a intelligencia, o character e o coração da mocidade guiados para triumpharem na vida.

O que se procura com o ensino moderno desde o primeiro dia em que o joven transpõe o limiar da escola, é aproxima-lo, cada vez mais, da vida; arma-lo todos os dias para a sua luta impiedosa; despertar na consciencia juvenil o valor da sua individualidade; fornecer-lhe em cada aula, uma noção real, que elle, ao sair della, poderá experimentar, reconhecendo a sua superioridade em relação aos que ignoram. A instrucção actual, segregando-os do mundo, estiola as iniciativas dos moços na decoraçáo melancolica de livros, por longo espaço, para depois de muitos annos os pais que fizeram ás vezes, sacrificios inauditos com seme-

lhante educação, ao receberem os filhos com os estudos concluidos, iniciarem a segunda *via dolorosa* — de conseguir um emprego para o que por si não sabe viver no mundo de que o arredaram. Conseguido este emprego de salario limitado, com elle vêm os desanimos dos destinos restrictos, da inutilidade dos grandes esforços para coisa nenhuma, da tristeza que a dependencia gera: e é assim que se vai sacrificando a mocidade intelligente e com ella o futuro das familias e o da sociedade. Muita razão tinha Marco Aurelio, quando dizia que lhe era muito mais agradavel ver chegar ao porto uma nau desarvorada, sem mastros, com a cordoalha rota, as vellas em frangalhos, do que assistir á entrada de um navio novo, bem pintado, com os bronzes dourados pelo sol e o pauno enfunado pela briza mensageira. A primeira symboliza a resistencia, a força, o triumpho, a victoria. Tinha lutado com o temporal, desafiado os raios, sentido o abraço titanico das ondas. A outra não: representava apenas, um barco cuja solidez não se tinha ensaiado e que boiando como cousa inerte, sobre a lamina tranquilla das aguas mortas, ninguem sabia quanto valia nem se seria capaz de reagir contra o ataque traiçoeiro e vehemente da vaga...

M. Liard, eminente parlamentar francez, em seu brilhante discurso justificando o novo plano de estudos secundarios disse: «Não renunciamos pela educação secundaria francesa a nada do que constituiu o orgulho e a gloria da nossa raça; nem ao gosto, nem á clareza, nem á logica, nem á imaginação, nem, como afirmou M. Georges Leygues, o ministro que iniciou esta reforma, «ao culto da razão livre e clara, e nem á procura da belleza harmonica e simples em todas as manifestações do pensamento. Renunciamos, sim, á rhetorica vã e formalistica, porém conservámos a eloquencia.»

Queremos, continua M. Liard, que os moços de França sejam aptos para ver com exactidão as realidades da natureza e as da humanidade, que «sob a palha das palavras, como dizia Leibniz, elles saibam descobrir o grão das coisas, que se habituem a constatar os factos comprehendendo-os; a saberem como esses factos se produzem, como se ligam, como se modificam e porque meio o homem pode sem illusão esperar e alterá-los.

Queremos que progressivamente, no decurso de seus estudos elles percebam pouco a pouca a realidade das coisas; que levem ao collegio um certo numero de noções jus-

tas sobre o que é o homem na natureza, seu tempo na época, sua nação entre as nações, seu paiz no mundo e o mundo em relação a seu paiz, e que elles saiam não como passaros assustados de uma gaiola fechada para o espaço desconhecido.

Queremos com uma provisão de ideal sem chimera, que elles tenham conhecimentos positivos não somente comprehendidos para exprimir, porem para agir». «Aproveito a manhã de sabbado, escreve Demoulin para ir visitar uma mina de hulha, que está situada na visinhança de Hawthornden.

Durante esta visita, travei conhecimento com um primo do director da mina, joven inglês que explora um run de carneiros em Nova Zelândia. De dois em dois annos, vem passar dois meses na Inglaterra. Gosta muito da Nova Zelândia e lá se fixou definitivamente. «E' a verdadeira vida», disse-me elle. Pergunto-lhe o que o seduz naquella existencia. A *independencia*, responde sem hesitar. Bem vêm como a necessidade de independencia é o que domina toda a vida do inglês; pode virar-se e revirar-se o problema, chega-se sempre a esta solução.

Pergunto-lhe qual é o melhor meio de triumphar nesses paizes novos.

«E' começar como simples operario, guardador de carneiros. Foi assim que elle proprio começou e, notem que elle pertence a uma boa familia da burguezia. Mas bem sabem que, para o inglês, não ha mister máo a não ser o que não dá dinheiro». (Os anglo-saxões, causas da sua superioridade, pag. 205, trad. port.)

Página singela, esta, nem por isso deveria de ser ensinada á mocidade brasileira, tão céga no que se prende aos verdadeiros rumos que deve tomar na vida em face de um paiz novo e cheio de possibilidades como o nosso.

Demoulin faz, a proposito, a seguinte observação quanto aos francezes:

«Creio que os nossos filhos-familia não devem gostar muito desta maneira de entrar numa profissão; é, todavia, a boa, a que conduz ao exito tantos jovens anglo-saxonios». (Pag. 207).

Mais adiante faz o sociologo francez uma observação que parece vasada para nossa gente: «Entre nós ha gente que se classifica na sociedade chamada selecta, faz-se nobre, dá-se ares de nobreza, abraçando certas profissões e afastando umas tantas outras. Como os indús, que são tam-

bem um povo de castas, nós temos o preconceito de que ha profissões puras, profissões impuras, profissões que elevam e profissões que deprimem.

O exercito, as profissões liberaes, a administração, compõem o primeiro grupo; a industria e o commercio o segundo, e, de facto, pode acrescentar-se-lhe a agricultura, cuja pratica pelo menos abandonamos, bem como a sua direcção effectiva aos arrendatarios, fazendeiros e feitores. Não se vêm os jovens de sociedade emprehender uma obra de colonização. E assim o espirito de casta, de que o snobismo não passa de uma ridicula manifestação fortificou-se entre nós, pela pratica exclusiva de certas profissões e pelo afastamento de algumas outras, o que dá á certa demarcação bem nitida e um signal sensivel». (pag. 217).

Mostra, então, Demoulin, como nos Estados Unidos estas categorias de profissões desapareceram por completo. apreciando-se o homem pela sua iniciativa, operosidade, trabalho e energia, razão porque um Cleveland, um Harding ou um Jefferson puderam chegar a tão altas posições.

João Heeth escreveu, na sua «Verdadeira riqueza das nações», obra das mais notaveis de 1920, «que é da qualidade das industrias numa nação que dependem os limites de seu bem estar.» Vale este principio por dizer que não se trata, para alcançar uma optima situação economica, de ter apenas uma poderosa organização industrial, mas tê-la de accôrdo com a capacidade do paiz e de suas necessidades immediatas. Como chegar a este resultado sem uma perfeita systematização do ensino tecnico?

Si os grandes paizes, provados na experiencia e na pratica de suas formidaveis industrias, dia a dia procuram elevar o operario, o productor, o agente commercial, os technicos de toda especie, como tolerar nos paizes atrazados a manutenção de um *estatu-quo* profundamente nocivo e prejudicial? Ah! está, por exemplo, o systema Taylor, *scientific management*.

Trata-se de um engenheiro norte-americano, Frederic Winslow Taylor, que tem procurado implantar um methodo industrial novo, separando, para o aperfeiçoamento do producto e maior efficiencia da producção, a sciencia do tecnico, da habilidade do operario. Para conseguir um triumpho assignalado, já não basta que o operario seja um espirito arguto, pratico, trabalhador, guiado pela experiencia, que elle considera «a unica fonte de verdade».

Impõe-se o auxilio continuo do tecnico, a assistencia constante do especialista scientifico, porque a industria pode hoje ser batida simplesmente pelo abandono de um porme-nor...

Um exemplo caracteristico offerece-nos, a proposito do taylorismo, Thompson, em seu moderno trabalho -- O sistema de Taylor.

O simples processo de talhar o aço preoccupou durante annos este engenheiro yankee.

Tem-se em vista a poupança de tempo, de esforço, de energia, de trabalho mechanico, de uso dos instrumentos, de material.

A' primeira vista, isto parece, no trabalho de cortar o aço, de somenos importancia. Pois bem: «A exactidão das observações de Taylor acha-se luminosamente demonstrada pelo facto de que as officinas empregando seus methodos, cortam de quatro a seis vezes mais metal, para uma despesa dada, que as officinas adherindo ainda aos antigos methodos».

Este exemplo assignala até que extremos vae hoje a preocupação dos grandes povos no preparo de seu pessoal e na efficiencia de seus methodos industriaes.

A finalidade do ensino profissional parece descansar nesta definição dada por Emerson para qualquer organização: «Achar, para um fim determinado, o homem devidamente qualificado, capaz de imprimir, sob a sua responsabilidade e pelo poder de sua personalidade, o maximo de rendimento aos instrumentos, os mais convenientes de que entenda servir-se».

Emerson acrescenta:

«O homem é, a meu aviso, o factor mais importante do problema. Em que limites, em que logares e em que tempo, em que departamento da actividade humana, é possível procurar e escolher d' antemão o homem que seja apto scientificamente e infallivelmente para occupar um certo emprego?»

Lemos Brito, a quem devo essas observações e citações acrescenta: «O problema é difficil, mas o methodo de Emerson facilita-lhe a solução. Elle busca «standartisar» as profissões, as funções, as condições, as operações do trabalho. Para elle tres quartas partes dos trabalhadores que se entregam ás industrias não estão no seu verdadeiro posto. Sómente 30 % de operarios podem ser considerados inháveis

ou inaptos. Toda a questão está em pôr esses homens nos seus verdadeiros logares.»

O ensino profissional, como pondera Lemos Brito, não deve visar apenas preparar artistas, agentes commerciaes ou technicos: DEVE BUSCAR ADAPTAR AS PROFIS. SÕES A'S APTIDÕES.

O professor James, escreve Elmo Lewis, em sua obra «Para tirar partido dos negocios» — pôz assim os termos do problema: Por qual methodo de preparação se chegará a obter do homem seu maximo de energia util?

Emquanto sómente 5% de individuos são de facto inutilizaveis, não ha mais que uma diminuta fracção dos 95% restantes que seja empregada de molde a dar o seu maximo de energia.

Tal é o problema — tal é a chave da situação tão complexa e tão perturbadora hoje na America. O dia em que tiverdes collocado o individuo ali onde elle possa fornecer o melhor trabalho, nas condições mais propicias a seu rendimento e isto com o salario o mais vantajoso para elle, tocareis o fim, tereis assegurado a este homem mais alegria e bem estar, e á sociedade maior proveito. (1)

Diderot nunca foi maior, nem mais util á humanidade, do que quando levou o seu genio curioso a examinar, peça por peça, machina por machina, da industria de então, para fazer o elogio da machina e da industria do homem, descrevendo, uma e outra, elle mesmo, detalhadamente, na parte opulenta da Encyclopedia que lhe cabia escrever.

Spencer, gozando da clareza de seu genio, e da vantagem de haver vivido até poder espiar o seculo XX, sentiu, com grande vehemencia, o valor da machina e da industria. Discorreu larga e elegantemente sobre ambas, e viu nellas a salvagão unica da civilização européa aniquillada financeiramente pela febre de armamentos que a levariam, como foi o caso mais tarde, á hecatombe da grande guerra.

A arma de fogo destruiu o feudalismo das terras.

O trem de ferro destruiu o regionalismo das cidades, e trouxe um gráo novo de uniformização dos povos.

A navegação a vapor trouxe, de outro lado, uma noção nova de direito, intensificandó o commercio de productos, e

1) Lemos Brito, ob. cit. (pg. 47).

uma nova noção de patria intensificando o intercambio dos povos.

Falei nessas coisas, por querer fundamentar o valor dos meios materiaes de acção, ao mesmo tempo que quiz relembrar o descuido em que têm andado os maiores pensadores em bem se aperceberem da eficiencia desses meios como propulsores do progresso, como realizadores de vontades e como legitimadores de aspirações. (Vicente Licinio Cardoso, Pensamentos Brasileiros — Machinas e Sociedades).

As grandes reformas sociaes dos povos do planeta dependem intrinsicamente da invenção e utilização de novos meios materiaes de acção desses mesmos povos. E, o desenvolvimento amplo dessa afirmação constituiria nada menos do que um interessantissimo e original esboço schematico da historia dos povos, encarada como *historia de organismos sociaes* (Vicente Licinio Cardoso, ob. cit. pag. 253.)

«Nos ultimos tempos, assignala José Ingenieros, o extraordinario pensador argentino, ha pouco fallecido, foi immensa a floração dos ideaes pedagogicos. Uma preocupação central, porém, dominou todos os estudos theoreticos e os ensaios praticos: — a função social da educação publica. Sob varios rotulos, visavam o mesmo fim — a introdução dos trabalhos manuaes na escola primaria, a adaptação desta e dos institutos secundarios aos caracteres da economia regional, a criação de institutos superiores destinados a provocar aptidões uteis em seu meio. E, ao passo que dessa maneira se procurava dar capacidade manual e technica á população, se faziam esforços para que uma cultura maior passasse da aula á sociedade, por meio de extensões escolares. Em outras palavras—procurava-se desenclausurar, transfundi-la na vida social e augmentar suas applicações uteis ao bem estar effectivo dos homens».

Depois de Froebel e Pestalozzi, outros notaveis educacionistas surgiram, abrindo extensos clareiros nos methodos da pedagogia applicada.

Assim, apesar das resistencias oppostas pela rotina espessamente sedimentada, e que impediu, em seu tempo, triumphasse o systema da «Educação Integral», ensaiado, com apostolica tenacidade, por Paul Robin em Cempuis, já vem hoje victoriosa a nova tendencia educacional que, considerando o trabalho uma função de utilidade publica, procura habilitar a criança para as occupaões e utilidade social im-

mediata e torna dest'arte a escola um verdadeiro seminario de homens capazes de lutar no largo scenario da vida.

Estão nessa ordem de considerações os estudos e as experiencias feitas por Ovide Decroly, em Bruxellas, e notadamente por Ferrière, no Instituto J. J. Rousseau, em Genebra, com a sua chamada «Escola Activa»,—que se funda na iniciativa ao trabalho tanto manual como intellectual, procurando desenvolver na criança a energia creadora.

«E», ensina o seu autor, a actividade escolar da criança enxertada nos instinctos, nas suas tendencias dominantes, na sua «vontade de viver». Quebraram-se deliberadamente os antigos moldes escolares para basear o estudo nas actividades vitaes da criança e do homem, em sua complexidade e em sua reciprocidade psychologica e sociologica, ensinando o individuo a trabalhar solidariamente e para um fim de utilidade social.»

Esse movimento innovador, que teve a sua consagração plena no Segundo Congresso da União Internacional de Protecção á Infancia, já se irradiou por toda a Europa, e pela America também, representando uma notavel revolução no dominio da hodierna pedagogia.

«O progresso mais importante realizado nos ultimos annos nos systemas de educação, assevera o professor Eliot, é a individualização da instrucção, de maneira a encontrar as necessidades indispensaveis e a desenvolver as faculdades e as capacidades de cada alumno, em cada etapa do seu desenvolvimento».

E, completando essas explicações, dizia Henri Piéron, em conferencia ha pouco realizada no Rio: «A indicação das características individuaes começa pela determinação das características mentaes, provindo dahi o papel dos tests. Esses, porém, só revelam o mechanismo da intelligencia, não mostram o elemento affectivo do caracter. Ahí o papel do mestre é immenso. Para ter, entretanto, a sua verdadeira importancia, é preciso que o meio escolar não seja artificial e frio, mas o mais approximado possivel do meio social. Deve-se, antes de tudo, julgar a criança pelas qualidades activas, dando-lhe, pois, iniciativa e possibilidade de orientação.»

Participam desta mesma orientação pedagogica moderna, nos methodos norte-americanos de redescoberta, p[ro]t[ect]o[re]s tardatarios technicos, o processo dos tests, bri<sup>11</sup> ensaiado no Districto Federal, e ainda os aude<sup>o</sup>ndimentos educativos feitos por Lunatcha<sup>o</sup> o. orientação. Arço de 1923

menso laboratorio de experimentação social que é a Russia dos Soviets. (1)

M. Liard traça um confronto entre as educações secundarias modernas de França e dos Estados Unidos, dando-nos a idéa exacta da evolução operada nesse ramo do ensino publico naquelles paizes.

Partindo de polos oppostos, um de educação puramente classica e outra de uma nitidamente technica, chegaram nestes 10 ultimos annos ao ponto de junção, que é o ensino secundario moderno, isto é, aproveitamento racional das virtudes educativas das materias classicas, scientificas e technicas ministradas por methodos intuitivos para effeitos praticos.

Realizaram, assim sem pretensão a um encyclopedismo impossivel, a verdadeira cultura integral feita em partes proporcionaes a dos dois objectos do espirito, o ideal e real, ás duas faculdades principaes da intelligencia, a imaginação com a deducção e a indução com a observação (Dr. Alvaro Rodrigues, Inspector do Ensino Technico Municipal do Districto Federal, Projecto de Regulamento do Ensino Secundario).

Em que proporção, porem, devemos equilibrar o ensino tradicional e as novas disciplinas scientificas e technicas?

Nenhum pedagogo de genio ainda formulou essa proporção e por isso a discussão continua no mundo inteiro.

A experiencia franceza (mais uma vez) não deixa de apresentar um exemplo esclarecedor.

Pela reforma Leygues, dividiram-se os cursos secundarios em sectores de letras, das velhas humanidades, e das sciencias.

A principio os alumnos affluiram para o novo sector, o das sciencias. Depois de uns annos de experiencia, os sectores literarios se povoam, em detrimento dos outros. Porque? Porque os paes de familia e os proprios rapazes reconheceram que o ensino das sciencias e artes era muito lateral, fazia conhecidos disso ou daquillo, e não homens instruidos. Os homens instruidos vencem na concorrência, porque são de mais comprehensão e facil assimilação.

que se deduz dessa e de outras experiencias é que é

preciso estabelecer, sem pretensão a um encyclopedismo impossivel, a verdadeira cultura integral, feita em partes proporcionaes a dois objectos do espirito, o ideal e o real.

A nova civilização technica, exige conhecimentos especiaes de hygiene, agronomia, mechanica, desenho, trabalhos manuaes.

Em que medidas conciliar essas necessidades com a cultura das sciencias em geral e das humanidades? (1)

E' o problema. Mas o que o bom senso indica é que a proporção que a humanidade avança na civilização, a codificação de sua experiencia se torna mais complexa. Ora, que é o ensino se não a transmissão das formulas de saber estabelecidas pelos nossos antepassados e pelos contemporaneos mais sabios? Si, portanto, a civilização é cada vez mais complexa, o ensino não pode deixar de acompanhar essa evolução. Suppôr que o ensino chamado technico resolve tudo, é um erro grosseiro, por outro lado. O que é o ensino profissional? A theoria das artes machanicas. Ensina então desenho, trabalhos manuaes, etc.

Ora, tudo isso só tem applicação progressiva quando o possuidor desses conhecimentos tenha intelligencia capaz. Essa intelligencia não se forma só no ensino profissional e technico; só é despertada e constituida no ensino geral. E' por isso que os cursos primarios, em toda parte, vão tomando aspecto cada vez mais complexo.

Mas como a civilização technica de hoje exige conhecimentos mechanicos e correlatos em grande parte dos officios, a tendencia é, não só para tornar o ensino technico obrigatorio depois da escola primaria, como para introduzir esse proprio ensino nos cursos primarios e gymnasiaes. Assim, as novas leis tornaram obrigatorio na Prussia e na Inglaterra o ensino technico, depois do curso primario para os que não se destinam aos cursos secundarios e superiores. (2)

Ao mesmo tempo, na Inglaterra e na Prussia, como na Australia, na França, nos outros estados allemães, nos Estados Unidos, na Suissa, na Belgica, o ensino technico ja penetrou nas escolas primarias, nos proprios lyceos e escolas normaes.

E' que o ensino technico, tendo por fim habilitar os cidadãos para funcções imprescindiveis na civilização moderna,

(1) Victor Vianna, o Ensino Profissional. A nova orientação.

(2) Victor Vianna, *in* revista. «A Educação», março de 1923

não pode ser dispensavel. Mas em tudo é necessario não perder o senso da proporção, base de toda a pedagogia.

Os literatos, os publicistas, os juristas, os scientistas, os philosophos os medicos, os professsres de sciencias e letras, os funcionarios, os banqueiros, os commerciantes, tão uteis e insubstituiveis na sociedade moderna, como os individuos de outras profissões, não carecem, na mesma proporção, do que se chama ensino tecnico.

Por isso, as legislações prussiana e ingleza tornam compulsorio o ensino tecnico, menos, porem, para os que se vão applicar a estudos secundarios e superiores. (1)

Não obstante, como a tendencia é para dar nas escolas primarias, gymnasios e institutos normaes as noções essenciaes de theoria e execução de trabalhos manuaes, industria, agricultura, artes mechanicas etc., nos paizes modelos, os que são considerados isentos da obrigatoriedade dos cursos technicos não deixam de receber os rudimentos indispensaveis.

Ficam livres da frequencia compulsoria das escolas espectaes, mas já receberam noções geraes nas escolas primarias e secundarias.

De sorte que, como adverte Victor Vianna, não ha nenhum absurdo no projecto que foi apresentado pelo representante de Minas Geraes ao Congresso Nacional, o sr. Fidelis Reis, exigindo uma prova de habilitação tecnica para a matricula nas escolas superiores. O illustre deputado mineiro acompanhou apenas a tendencia geral da moderna pedagogia.

Na Inglaterra e na Russia ha isenção da obrigatoriedade, porque lá, quando os estudantes chegam aos cursos superiores, já possuem os conhecimentos technicos indispensaveis. (2)

A tendencia da pedagogia moderna, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Suissa allemã, na Prussia e nas excellentes e ultimas reformas de Hamburgo, é de dividir o que chamamos o curso tecnico em duas partes: *uma geral*, outra de *applicação*. (3)

Muitas escolas nos Estados Unidos ficam nesse curso geral, de habilitação tecnica para todos os officios mecha-

(1) Victor Vianna, ob. trab. cit.

(2) Victor Vianna, trab. cit.

(3) Victor Vianna, trab. cit.

nicos e manuaes, achando que ali deve cessar a acção do Estado.

O que não resta duvida, porém é que para um rapaz intelligente que estuda numa escola superior, a *habilitação geral* será mais efficiente. Elle prepara para to os os officios, habilita contra-mestres e chefes. A applicação para um officio particular para os que vão ser operarios é rapida.

O projecto Fidelis Reis obedece a um plano de conjuncto, que concorda com a pedagogia moderna.

O representante mineiro foi ás escolas superiores, que são o que temos de mais representativo. Essas escolas ainda são lamentavelmente deficientes.

Cumpra reforma-las, para que possam continuar a ser o que são e o que continuarão a ser: as casas de educação da *élite*.

Cumpra tambem ampliar o curso superior, fazendo uma universidade com faculdade de philosophia, letras, sciencias, historia, com gymnasios novos, com gymnasios technicos e altos estudos de pedagogia. A nossa elite só pode seguir profissões tradicionaes. Entretanto, o projecto Fidelis Reis tem a vantagem de habilitar os nossos doutores em technica moderna (1).

De modo que os *ratés* dos cursos superiores, os que frequentavam escolas superiores sem vocação para letras ou sciencias, poderão aproveitar a sua habilitação tecnica em carreiras industriaes. Só os *ratés* é claro. Porque os outros continuarão as carreiras liberaes, que são as mais rendosas, depois das carreiras do commercio, do alto negocio e do emprego de capital.

E' certo, no entanto, que as profissões liberaes só dão para alguns privilegiados; e, por isso, convém encaminhar os outros para os trabalhos technicos.

Seria, porem, absurdo pretender voltar ou reduzir a operario o candidato ao titulo de doutor, com o gráo recebido ou não.

O academico quer pertencer á elite do paiz, e nunca se submeterá sem revolta a outra condição. O que elle pode aspirar é a uma alta posição na industria, em certos ramos technicos de commercio, de lavoura, postos de chefia e de consulta. Já hoje vimos muitos bachareis e doutores occupando esse cargo, embora sem competencia tecnica.

(1) Victor Vianna, trab. cit.

A habilitação técnica *prévia* do projecto estabelecerá uma corrente maior das cousas superiores para os altos postos das carreiras activas. (1)

A alta possibilidade do projecto Fidelis Reis está na possibilidade que entrebre da formação dessa corrente. Por isso, mesmo, seria preferível que o projecto, na redacção final, falasse em *prova de habilitação técnica*, e não na pratica de um officio.

E é facil explicar porque. O fim do ensino é melhorar, robustecer mental e physicamente o homem....

Sob o ponto de vista que nos occupa neste momento, o ensino virá augmentar e aperfeçoar a capacidade de trabalho.

Ora, a pratica de um officio é o que ha de mais rotineiro no mundo. Quando se proclamam os beneficios do ensino tecnico profissional nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Suissa, na Belgica, na França, no Japão não é o ensino de *officios* que se exalta. Nesse caso, a escola seria mera substituição do aprendizado e teria essa funcção quando as condições sociaes o exigissem, mas como pedagogia falharia sempre.

Temos, entre nós, o exemplo de muitas escolas profissionais e de artifices, que só duram como aprendizado ou assistencia.

Escolas de artifices que ensinam officios como qualquer officina decahem, logo que não pagam salarios.

Decahem, porque têm funcção identica ás praticas das officinas.

O ensino tecnico moderno não tem esse objectivo. Não estão compenetrados de sua missão os que pensam procurar apenas ministrar a pratica de um officio (2).

O ensino tecnico é uma propedeutica geral: — dá a theoria das artes mechanicas dos officios correlatados e accessorios, e faz, assim do contra-mestre, e do operario, artifices conscientes, maneando a arte com pleno conhecimento scientifico. Só depois desse preparo geral é que a pratica particular de um officio intervem e tem cabimento. Nesse caso, essa pratica já se realiza com outra visão, com outro ponto de vista, com outros elementos.

(1) Victor Vianna trab. cit.

(2) Victor Vianna, ob. t'ab. cit.

A instrucção técnica moderna não pretende fazer um carpinteiro como o póde fazer a officina commum; então só poderia ser util nos paizes de crise de aprendizagem, quando os syndicatos operarios não permittam mais a admissoão de menores e aprendizes. Nos paizes como o nosso, nos quaes essa crise ainda não se accentou, o ensino seria inutil porque o aprendizado é mais pratico e resolve de modo mais vantajoso para o candidato o problema da collocação. O fim do ensino tecnico é outro...

E' de, pela complexidade harmonica das noções de mathematicas, trabalhos manuaes, desenho, artes mechanicas, etc. aperfeçoar a visão, a tecnica, a sciencia e a arte do mestre, do artifice. O operario passa a ser um homem instruido e consciente, que sabe o que faz e porque o faz. Torna-se, pois um elemento de progresso tecnico nas officinas e no paiz. (1)

O nível geral da cultura e da civilização se eleva, e o trabalho não só se nobilita, como tambem se torna mais efficiente e remunerador.

O operario obtem naturalmente salarios altos, educação, *modos, habitos de burguês*, passa a pensar como os outros, deixa de ser classe inferior.

Para fazer operarios e artifices como os antigos, não haveria necessidade de escolas technicas, senão para attender á crise de aprendizagem. O nosso fito hoje é diverso. (Victor Vianna, trabalho cit.; J. M. Gomes Ribeiro, Formação e Cultura; Lemos Brito, Ligeiras considerações sobre o ensino tecnico).

Assim deve o Estado encarar a questão do ensino profissional. Sem desvirtuar, porém, esse programma, seria talvez mais aconselhavel, como se pratica no Rio Grande do Sul, que o ensino tecnico fosse ministrado não só de um modo geral, como tendo em vista as necessidades de côr determinadamente regional.

Para isso se torna necessario o levantamento rigoroso das differentes zonas geographicas do Estado, de accôrdo com a sua producção.

De modo que o alumno, depois do preparo geral, ao entrar na segunda phase do curso tecnico — a de applicação, (systema da reforma de Hamburgo) especializasse a sua funcção, conforme as necessidades da sua zona.

(1) Victor Vianna, trabalho cit.

De começo, essa diferenciação não tinha essa importância, por isso que, dado o estado incipiente das indústrias, entregava-se cada homem a varias funções tendentes á realização de um mesmo trabalho.

Mas o progresso das indústrias manufactureiras e agrícolas, o desenvolvimento do commercio, na organização das grandes empresas e no fomento das relações internacionaes de caracter economico, determinaram a especificação das funções e a necessidade de ter cada homem, entregue a uma finalidade pratica, uma instrução especial.

O imperio sempre crescente do homem sobre as coisas, no dizer de Ives Guyot, tem imposto aos governos de todos os paizes o estudo metuculoso e profundo dos meios aptos a darem ás grandes massas humanas a indispensavel habilitação para o *struggle for life* (lemos Brito. ob. cit.). Surge, entretanto, outro problema, que, no seu condicionamento geral, prende-se ao problema do ensino no Brasil.

A mesma vastidão da terra, o mesmo disseminado da população diversa e desassimilada, o mesmo numero vertiginoso de analphabetos, collocam a solução scientifica do problema em uma inexoravel dependencia de sua solução economica.

O aparelhamento completo do serviço de educação popular, attingindo a cifras inacreditaveis, romperia com os mais solidos orçamentos.

A luta contra o analphabetismo e a falta de aparelhamento para a vida moderna, está assim jungida a esse embaraço invencivel. Empenhadas na ardua solução do problema duas correntes se destacam, entretanto, no Brasil. (:)

Uma dellas sacrifica as linhas essenciaes do problema, fixando-o dentro das condições brasileiras, para uma solução, a que o governador Côes Calmon, chama *economica*, forçadamente incompleta e deficiente nos resultados do ensino que ministra, mas completa na disseminação desse ensino. A outra aceita o problema na sua integridade e resolve-se parcialmente, para uma fracção da população escolar.

Solução extensiva ou intensiva, ensino primario incompleto para todos ou ensino primario integral para alguns, esse o dilemma atirado ao legislador e ao administrador pelas condições brasileiras do problema.

São Paulo, com a reforma Washington Luis, escolheu a primeira solução.

Empreheu uma organização economica do ensino pri-

mario: curso de dois annos (grupos escolares), idade escolar de 9 a 10 annos e escolas multiplicadas por toda a extensão do territorio paulista.

A educação popular redazida a uma alphabetização trepidante de dois annos, mas assegurada a diffusão completa do ensino.

A experiencia paulista valerá, pelo menos, por uma experiencia utilissima.

Com a outra corrente, comprehendidas soluções de ordem intermediaria, está, ainda, a maioria dos Estados brasileiros.

Busca-se, então, menos que uma diffusão impossivel, uma educação popular efficiente, capaz de reerguer o nivel do paiz, tornando cada cidadão um valor novo da produção nacional. (Gôes Calmon, Mensagem cit.)

Em São Paulo, onde circunstancias especiaes crearam um ambiente de progresso geral, é possivel que uma simples alphabetização seja o degráo indispensavel mas efficaz para um desenvolvimento intellectual que marchará dahi em diante, continuamente, auxiliado por mil e uma circunstancias E' possivel.

No meio brasileiro do norte, (como no Paraná, Santa Catharina) porém, a iniciação de um homem no jogo, mais ou menos complicadado das letras do alphabeto e o conhecimento rudimentar da arithmetica, da geographia e da historia fornecem-lhe, apenas, um instrumento cujo uso lhe não foi ensinado. (Gôes Calmon, Mensagem, cit.)

Armado d'elle, esse homem inculto e primitivo será, na sociedade, mais fragil e mais desadaptado ás condições de vida.

A instrução parcialissima que lhe deram, revelou-lhe certo, um mundo novo de aspirações e conquistas, mas sob o angulo limitado da sua visão esse novo mundo é, apenas, uma oportunidade de inquietações e de perturbações (Gôes Calmon, Mensagem cit.)

O novo alphabetizado será um brasileiro mais infeliz e menos adaptado do que o ignorante anterior. Retirado do seu mundo elementar e sem azas seguras para attingir os progressos que o fizeram antever, será um elemento de desequilibrio social, preza de todas as utopias e de todos os erros que inquietam a sociedade de hoje e que o fascinarão irremissivelmente. (Gôes Calmon, Mensagem cit.)

Será segundo julga o governador Gôes Calmon, essa

instrução incompleta, o modo de mais efficientemente nos prepararmos um ambiente propicio á exploração socialista ou bolchevista. O analphabetismo nos merece mais alongado tratamento.

E acrescenta o governador Góes Calmon, referindo-se á solução do problema na Bahia: «Já que a isso nos obrigam as condições materiaes de nossa vida publica, seja o problema resolvido parcialmente.

O escol cultivado de nosso povo tenha, porém, nas suas qualidades civicas o traço profundo da nacionalidade; nas suas qualidades de acção a tempera de uma vontade a que um treinamento intensivo ensinou dirigir-se e fazer-se valer; nas qualidades moraes e intellectuaes, esse aprimorado equilibrio da civilização.

Intelligencia esclarecida, sentido nacional desenvolvido, vontade cultivada e robusta: e mais nitido se erguerá dentro do paiz, definitivamente consolidado esse typo brasileiro que a raça, o clima e o meio já modelaram e já talharam.»

Foi o que visou a reforma do ensino bahiano.

Restabelecendo o ensino em uma organização administrativa forte e efficiente, creando um organismo de ensino primario superior, curso que á sua cór determinadamente regional ajunta a expressão technica de uma escola de ensino profissional generalizado, regulamentando a obrigatoriedade escolar e o ensino particular, unificando o ensino estadual e municipal, a reforma ultimamente elaborada na Bahia é uma promessa de reorganização de serviço que promette os melhores resultados.

A reforma alludida deu ao ensino elementar a duração de tres annos.

Da escola elementar o alumno ascende directamente para a escola primaria superior, a escola que se formará ao sabor das circumstancias locaes, dos usos locaes, costumes locaes, profissões locaes.

Aos que julgarem sufficiente a cultura primaria elementar no seu minimo razoavel, a escola primaria, com tres annos de curso, satisfará.

Para os que comprehenderem que não basta o ensino educativo generalizado, estão abertos os cursos primarios superiores, directamente debruçados sobre as necessidades profissionais do meio ambiente. (Goes Calmon, Mensagem, cit.)

As escolas reunidas, o modico e pequeno grupo escolar trouxe-o a reforma, reconhecendo que a reunião de escolas,

além das vantagens economicas, traz vantagens de caracter pedagogico e de reciproca fiscalização. O grupo escolar, organização mais vasta, ficará para as cidades onde as exigencias sociaes e naturaes solicitarem a sua criação.

Antes, um dos maiores esforços do professor, era o de reter o alumno na escola, pelo menos até o fim do curso primario.

A creança desertava da escola apenas sabia lér, escrever e contar.

A sociedade elementar onde vivia, dispensava as superfluidades theoreticas, que ainda lhe iriam ser ministradas.

Ou, terminado o curso primario, iniciava cedo uma vida de labôr, quando não seguisse directamente para o gymnasio. (Goes Calmon, Mensagem cit.) Entre nós, algumas dessas questões já estão resolvidas.

Cumpre, porem, despertar a attenção dos nossos administradores e legisladores para outra face do problema, visceralmente ligada ao ensino technico moderno: os trabalhos manuaes.

A reforma bahiana acrescentou geometria, desenho e trabalhos manuaes ao curso primario generalizado, ao curso primario superior—a chamada escola regional, para não falar de outros cursos.

Já demonstrámos que a escola de hoje procura desenvolver na creança a sua personalidade, cultivando-lhe a vontade e a intelligencia e armando-a para a vida com um senso pratico de coragem, de iniciativa e de independencia.

Salientámos, sobretudo, a escola americana.

Forte, confiante, a creança americana deixa a escola como um pequenino e emprehendedor homem de trabalho, cheio de iniciativa, «levando mais em conta os resultados de sua actividade do que os cuidados com a sua cultura intellectual.»

Ora, na America, os trabalhos manuaes e desenho têm sido a grande escola de desenvolvimento da personalidade pelo cultivo intensivo da vontade e do pensamento.

Emquanto as escolas theoreticas e livrescas desenvolvem a intelligencia e a imaginação, descurando a vontade, a educação americana fortifica sobretudo esta pela acção.

Omer Buyse assim resume a theoria psychologica da educação pelos trabalhos manuaes: «Todo movimento consciente origina-se de uma excitação das cellulas motores do cerebro.

O pensamento sem acção pode desenvolver a imagina-

tiva, mas deixa inculta a faculdade da vontade. A vontade não se pode desenvolver senão pela acção.

Todo movimento muscular repercute nas cellulas do cerebro pelas sensações e se fixa nos centros de projecção sob forma de percepções de imagens.

Para augmentar a receptividade do cerebro, a educação racional exige que se varie a natureza dos movimentos dos trabalhos manuaes, afim de interessar successivamente todos os grupos cellulares. Donde resulta que para desenvolver a região motriz total do cerebro, é preciso multiplicar os exercicios amplos e variados e os regular em ordem a desenvolver a agudeza da sensibilidade e da percepção, fazendo brotar o pensamento e fortificando a vontade.

Si o movimento se torna habitual e passa a ser feito sem reflexão deixa de actuar sobre as cellulas motrizes; d'ahi em diante não tem valor educativo. Não é senão no primeiro periodo de excitação que a acção dos trabalhos manuaes é efficaz. A sua acção se mede pelas reacções mentaes que fazem nascer e pela progressão de reacções que são susceptíveis de procurar. (Citação de Góes Calmon.)

Todas as operações intellectivas: classificação, abstracção, generalização, indução e deducção *a priori* e *a posteriore* se hão de ir succedendo como em fluxo e refluxo, ou como as rythmicas oscillações de um pendulo, nas duas formas de *analyse e synthese*, que são como a *systole* e a *diastole* do entendimento humano.

E Herbart, corroborando estas palavras de Ruiz Amado, aponta-nos como objecto de uma continua elaboração mental os conhecimentos adquiridos desde a infancia, na experiencia dos homens e das coisas, e aconselha que sobre essas operações intellectuaes, expontaneas do alumno, estribem os ensinamentos do mestre. (Góes Ribeiro, Formação e Cultura).

A pedagogia ingleza, fiel ainda ao conceito grego da gymnastica, aponta os exercicios normaes como a primeira e melhor aprendizagem da creança, cuja tendencia é desfazer para tornar a fazer.

Mathews appella para todos os exercicios mechanicos, que possam desenvolver e atilar os sentidos externos. E chegou á conclusão de que o exercicio manual é a base em que deve tomar pé a efficiencia intellectual.

A educação dos sentidos externos, como o ouvido, a vista, o tacto, predispoem o homem a um mais alto grão de

acuidade, nos sentidos internos, que tamanho poder exercem na formação intellectual. Ninguem desconhece o papel que desempenham a imaginação, a fantasia e a sensibilidade na educação do espirito, e como precisam de estar sujeitas a uma disciplina rigorosa.

E' conveniente impôr-lhes moderação, mesmo antes da educação classica, para que não se alastrem, como hervas tropicaes, num terreno inculto. Os sentidos são as portas da alma. As sensações fornecem á intelligencia a materia que ella deve trabalhar.

Da justeza da observação externa, dependerá, em grande parte, a verdade da conclusão interna. E isto em todas as idades e para todos os graos de cultura.

E' muito vêr as coisas, è mais senti-las.

E este sentimento adquire-se pela afinação de todos os sentidos, externos e internos, trabalhando em conjuncto, sob a acção directa da intelligencia, qualquer que seja ainda o seu estado de desenvolvimento.

A creança vê as letras do alphabeto, pode mesmo brincar com ellas quando recortadas em typos de moveis. Separa-as em grupos, pela identidade de forma que observa em muitas dellas, e nasce-lhe no espirito o habito da classificação.

Combina-as, depois, syllabicamente, e nota que ellas traduzem um som, um objecto, uma idéa. E descobre, pela primeira vez, a relação entre o signal e a coisa significada, fazendo assim um exercicio elementar de abstracção, ponto de partida para os vôos da intelligencia, para o dominio creador.

Passa, depois, a escrever esses mesmos caracteres, e novos horizontes se lhe desvendam, que vão muito além dos sentidos corporeos.

Willemann, a respeito dessa operação elementar, adduz conceitos que bem demostram até que ponto da acção dos sentidos se reflecte nas especulações da intelligencia: - Por meio da escripta, a linguagem, cujo natural curso a subtrahia, antes, á reflexão, reconhece-se como um acto complicado, composto de unidades pequenas e maiores (syllabas, palavras). Pela primeira vez, fixa-se o espirito em alguma coisa que não tangivel, e só é perceptivel no signal (o conceito); e desta sorte abre-se para elle a região intellectual que lhe ha de tornar familiar a formação superior philologica.

A aprendizagem de lêr e escrever, offerecer deste modo, uma destreza intellectual, tanto mais importante, quanto vem a ser a primeira *disciplina mentis* que se introduz no espirito infantil.

E com o intellectual, se junta um elemento technico e esthetico.

Ao alumno que aprende a escrever não se lhe propõe sómente o que é recto, mas tambem o que é bello. Com a arte calligraphica, entra nos dominios da fórma, e aprende a moderar e a regular os sentidos e movimentos, conforme um modelo prefixado. A relação da calligraphia com as artes do desenho tem sido diferente, segundo o character da escripta. Entre os chinezes a arte de escrever constitue uma technica artistica completa: as iniciaes da escripta medieval foram o berço da pintura dos miniaturistas. Actualmente, porem attende-se menos á belleza, do que o character firme da escripta como adorno da formação literaria (:)

Afinando os sentidos, disciplinando-os, educando-os na apreciação das obras de arte, continua-se, no homem, esta formação inicial do adolescente. E' ainda a gymnastica, tendo-se em vista, mais do que adolecente. E' ainda a gymnastica, tendo-se em vista mais do que o avigoramento dos musculos, a sua orientação, como famulos dos sentidos. A' simples percepção das coisas, vem juntar-se o discernimento, meio caminho andado para a formação intellectual e esthetica.

A pedagogia moderna creou, neste sentido, a lição de coisas e os jardins de infancia.

Mas a vida inteira, si não é um jardim de flores, é de certo uma lição completa das coisas e . . . dos homens. Convém, te-la sempre diante dos olhos, para della tirar o proveito que a nossa formação requer.

Muitos morrem cegos, porque não souberam vêr; emudeceram outros, porque não souberam ouvir; e outros ainda, por não saberem apalpar forte andaram a tactear a vida inteira... E, para todos, a vida se fechou como um sepulchro, sem que lhe percebessem as reconditas harmonias...

Desta acuidade dos sentidos, nasce o poder de observação, predicado necessario para a sciencia e para a arte. A perfeição origina-se do pormenor; e o pormenor é fructo da penetração dos sentidos. Quem sabe vêr, sabe comprehender. Quem sabe sentir, sabe viver. E a sciencia é a comprehensão da vida; e a arte é o sentimento elevado da propria vida. (1)

(16) J. M. Gomes Ribeiro ob. cit.

No Rio Grande do Sul, para só citar um dos institutos —o de Parobé, no curso technico profissional, supprimiram-se as classes destinadas ao ensino das primeiras letras, que pode ser facilmente ministrado em escolas publicas, e melhoraram-se as condições do curso elementar, que è destinado a preparar os alumnos para o curso technico. Materias basicas, como portuguez, mathematica e, especialmente, desenho, puderam merecer especial cuidado, tendo os alumnos do 4º anno elementar mostrado, mesmo, excepcional aproveitamento em desenhos ornamental e aquarella.

Além dos trabalhos manuaes previstos no regulamento, os alumnos, do curso elementar tiveram ainda aprendizagem nas officinas das secções a que se iam destinar, no curso technico. Isso, como é natural, demonstrou um grande avanço no ensino do curso, porque já despertou nos alumnos do curso elementar grande interesse pelo trabalho technico e os preparou melhor para as aulas desse curso.

No curso technico propriamente dito, notaram-se tambem bons resultados. As aulas praticas de physica, chimica, machinas e motores de electro-technica, foram acompanhadas de abundantes experiencias praticas nos laboratorios de outros institutos do Estado e preparadas especialmente, para que pudessem facilmente ser executadas pelos alumnos de accordo com o gráo menos de cultura que se exige aos alumnos do Instituto Parobé.

Nesse curso mereceram especial cuidado as aulas de mathematica, desenho industrial e aprendizagem, sendo que até aulas especiaes de regua de calculo foram dadas aos alumnos, que assim, pouco a pouco, iriam se habituando a esse util instrumento. (Relatorio da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1924.)

O professor Araujo Lima, não só em diversos Congressos de Ensino, como por occasião de offerecer suggestões á ultima reforma do ensino na União, assim encarou a questão do ensino technico profissional: «O ensino technico—profissional, é iniciado na escola primaria, por meio dos trabalhos manuaes; na escola popular, para permittir o aproveitamento de materias pouco dispendiosas para a execução de utensilios de uso domestico ou industrial, e ainda para facilitar a iniciação nas artes e officios; na escola primaria integral, como deixei expresso, serve para educar os sentidos, o cerebro, a vontade, a confiança no proprio esforço, a destreza, a agüidade technica.»

Mais ahi não se trata senão de recursos educativos.

O ensino profissional propriamente dito tem que ser dado em escolas technicas, que visam habilitar o individuo para a actividade publica. Este ensino technico profissional offerece uma hierarchia, que precisa ser respeitada, e se destina aos dois sexos.

Além do ensino agricola, que já vem sendo propagado, outros serão creados.

No ramo masculino, e numa esphera mais modesta, devem ser creadas as seguintes secções: trabalho em madeira (carpinteiro, marceneiro, torneiro, entalhador); trabalho em metal (ferreiro, serralheiro, caldeireiro, torneiro — mechanic e ajustador); trabalho de typographia, linootypia, photogravura e encadernação; trabalhos em folha e metal (latoeiro, funileiro, chumbeiro, assentador de encanamento e installações sanitarias); trabalhos em tintas e estuque (pintores, decoradores, estucadores); trabalhos em tijolo, pedra e cimento (pedreiro e cantareiro); trabalhos em couro (sapateiro, selleiro, corrieiro); trabalhos em palha, vime, cipós, bambús (empalhador, chapeleiro, cesteiro e fabricante de moveis e artefactos diversos); trabalhos ruraes (jardineiro, hortelão, pomicultor). Em plano mais elevado, exigindo mais cultura, mais intelligencia, mais aptidões: electro — technica (electrecista, instalador de luz e força, construcções de dynamos, pilhas, accumuladores,apparelhos telephonicos, telegraphicos, cinematographicos, radiologicos, de electrecidade medica e de outras applicações); pequena mechanica de precisão applicada a trabalhos em metaes preciosos (ourivesaria, relojoaria, apparelhos scientifico, de optica e acustica, balança, etc. Trabalhos de laboratorio (chimica, biologia, microbiologia, etc.)

Nas escolas femininas haverá sessões para corte e feitiço de roupas grosseiras e finas, bordados e rendas, flores, chapéus, lavagem e engommado, arranjos e serviços caseiros-cozinha, doces, avicultura e agricultura, leite e lacticinios, luvas e gravatas, photographias.

Não se pense entretanto, que se trata de especializar alumnos em uma profissão mechanica qualquer, formando marceneiros, serralheiros ou fundidores.

Estamos esplanando o assumpto sob ponto de vista muito diverso, embora o tirocinio no manejar utensilios e no executar trabalhos manuaes offereça oportunidade de se manifestarem e cultivarem vocações para taes profissões. E preciso não confundir ensino profissional, ensino technico

com a instrucção do «manual training», do adestramento manual. Ora, o plano do professor Araujo Lima, confunde um pouco as duas noções e, além disso, a sua execução só daria resultados nos grandes centros urbanos.

A LIGA PEDAGOGICA DO ENSINO SECUNDARIO apresentou um plano que, embora trate da adaptação dos trabalhos manuaes á methodologia das diversas cadeiras do curso secundario, aproveita em alguns pontos ao ensino primario e superior, ao ensino ministrado nos Grupos Escolares, nas Escolas Complementares, e nas proprias Escolas Normaes.

1º — Deve ser desenvolvido intensivamente o ensino de desenho á mão livre e com instrumento com caracter obrigatorio.

2º — Deve tambem com o mesmo caracter ser instituido o ensino de modelagem.

3º — Nas aulas de trabalhos manuaes a frequencia será obrigatoria para todos os alumnos.

4º — As lições serão de quatro horas por semana, em periodos de duas horas.

5º — Os alumnos usarão as seguintes materias primas, applicadas segundo as especies de trabalhos a realizar: papel, cartão, massa plastica, madeira fina (trabalhos a faca ou canivete e a serra de recortar), arame e folha de metal.

Além disso, haverá uma pequena officina typographica onde os alumnos redijam, componham e façam a revisão de um pequeno jornal ou revista.

6º — No ensino de mathematica, dispor-se-ão os programmas de sorte que os seus varios ramos caminhem de par, segundo as correlações e correspondencias delles entre si. As demonstrações geometricas serão preliminarmente constructivas e só depois formaes.

7º — A aula de trabalhos manuaes executará trabalhos constructivos de accordo com a marcha dos programmas das cadeiras a que deve servir, variando as construcções nessa direcção.

8º — Na impossibilidade de prever tambem os casos dos alumnos dos cursos particulares, sem caracter de collegios, nem regalias officiaes, deve-se pelo menos exigir dos alumnos desses cursos que se apresentem a exame, nas seguintes provas praticas eliminatorias:

a) No exame de geometria, a solução constructiva de um problema em cartão.

b) Nos exames de physica e chimica, uma prova pratica em que se ajuize da solidez dos conhecimentos, da precisão e da habilidade da manipulação do examinando.

c) No exame de historia natural, haverá o estudo de um exemplar da flora, da fauna ou da mineralogia, entre os mais communs para o effeito da investigação de seus elementos anatomicos e funções physiologicas, quando for esse o caso, sendo menos exigivel uma classificação que vá além dos grupos principaes.

d) No exame de historia, os examinandos deverão illustrar as provas escriptas o mais possivel, com croquis, schemas graphicos, etc.

9º — A Escola Normal, as Escolas Complementares, Grupos Escolares e instituto particulares incluirão systematicamente nos seus programmas o regimen das excursões (visita ás fabricas, officinas, etc.)

Essas excursões serão feitas por turmas de alumnos do mesmo grão de adiantamento, podendo segundo as contingencias de local e de trabalho a realizar, ser effectuada em horas fóra do horario normal das aulas que não funcionarão nos dias de excursões escolares.

10º — O tempo lectivo diario nas escolas e nos institutos particulares deverá ser de cinco a seis horas, reduzindo-se ao minimo as lições e deveres a serem feitos em casa.

E' bem de vêr que a nossa situação financeira não comporta a execução de todo o plano que vimos desenvolvendo, desde a escola primaria elemental (parte geral) até a escola primaria superior (regional e de applicação), desde os institutos até a Escola Normal, como se praticou na ultima reforma do ensino bahiano e nas escolas fundações do Rio Grande do Sul.

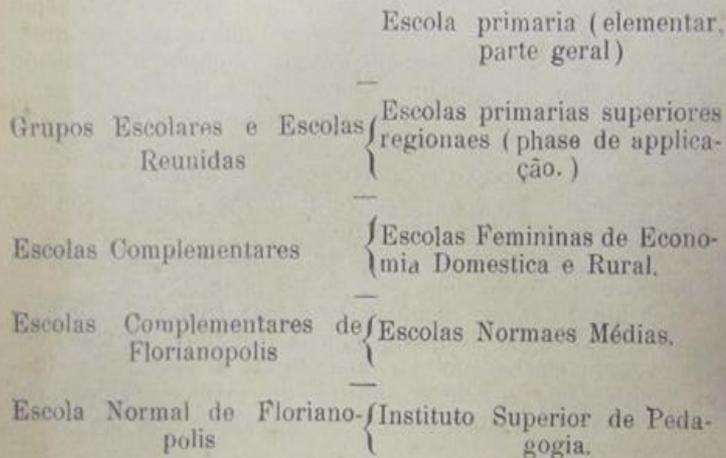
Seja como for, deve ser introduzido nas escolas od Estado, desde já, o «manual training». A Directoria da Instrução organizará o programma para introdução desse ensino desde a escola primaria.

Nos actuaes Grupos Escolares de 1ª classe e 2ª classe serão creados cursos regionaes de aprendizagem (ensino primario superior, phase de applicação). As actuaes Escolas Complementares, deverão ser transformadas em institutos femininos, tendo por fim formar conductoras de Trabalhos Domesticos e Ruraes. As Escolas Complementares de Florianopolis passarão a ser as Escolas Normaes Medias.

O programma da actual Escolas Normal será refundido, transformando-se essa escola em «Instituto Superior de Pedagogia», cuja finalidade não é ministrar aos alumnos um curso de preparatorios, para a matricula nos gymnasios e nos cursos superiores, como se faz actualmente, desvirtuando esse ensino.

No Instituto Superior de Pedagogia, cujo plano a Directoria da Instrução organizará, tambem será introduzido o «manual training» em phase mais adiantada.

### Schema



Concluido, assim, esse relatorio, como ponto de partida, para as discussões das theses 14ª e 6ª do programma da Conferencia de Ensino, esperamos que a questão comprehendida nessas theses seja solucionada pela mesma Conferencia, com o mais alto descortinio e agudo senso das realidades.

Edouard Fournier escreveu um livro de quasi 500 paginas «L'esprit dans l'histoire» para restabelecer a origem de certas phrases memoraveis, fazendo reverter á bolsa de Cesar a moeda que trazia, sob a effigie recente, o legitimo cunho de Cesar.

Por essa maneira, e com uma probidade nada commum entre os escriptores do seu tempo, restabeleceu o erudito da «Histoire du Pont-Neuf», a identidade de centenas de expressões curiosas e celebres, enriquecendo assim a memoria de

varios nomes injustamente olvidados e despindo, em publico, a tunica de ouro de alguns embusteiros audaciosos.

Assim, senhores membros da Conferencia de Ensino, a probidade nos impõe que confessemos em publico que esse trabalho não é nosso, senão dos mais cultos professores e estudiosos que souberam enfrentar a questão do ensino publico moderno em sua configuração social e economica.

## CONCLUSÕES

### I

O ensino profissional, o ensino tecnico, não visa especializar os alumnos em uma profissão mechanica qualquer, formando marceneiros, serralheiros ou fundidores. O ensino tecnico é uma propedeutica geral:—dá a theoria das artes mechanicas, dos officios correlatos e accessorios, e faz assim do contra-mestre, e do operario, artifices conscientes manejando a arte com pleno conhecimento scientifico.

Só depois desse preparo geral é que a pratica de um officio intervem e tem cabimento.

Nesse caso, essa pratica ja se realiza com outra visão, com outro ponto de vista, com outros elementos.

O fim do ensino tecnico, é de, pela complexidade harmonica das noções de mathematicas, trabalhos manuaes, desenho, artes mechanicas, etc. aperfeiçoar a visão, a technica, a sciencia, e a arte do mestre, do artifice. O operario passa a ser um homem consciente que sabe o que faz e por que faz.

### II

Embora partindo de polos oppostos, um de educação puramente classica e outro de uma nitidamente technica, o ensino publico chegou nestes ultimos dez annos ao ponto de junção, isto é, o aproveitamento racional das virtudes educativas das materias classicas, scientificas e technicas, ministradas por methodos intuitivos e para effeitos praticos.

### III

O ensino publico moderno realiza, assim, sem pretensão a um encyclopedismo impossivel, a verdadeira cultura integral feita em partes proporcionaes a dos dois objectos do espirito, o ideal e real, ás duas faculdades principaes da

intelligencia, a imaginação com a dedução e a indução com a observação.

### IV

Como a civilização technica de hoje exige conhecimentos mechanicos e correlatos em grande parte dos officios, a tendencia é, não só para tornar obrigatorio o ensino tecnico depois da escola primaria, como para introduzir esse proprio ensino nos cursos primarios.

### V

Por isso as legislações prussiana e inglesa tornam compulsorio o ensino tecnico, menos, porem para os que vão applicar-se a estudos secundarios e superiores. Não obstante como a tendencia é para dar nas escolas primarias, gymnasios e institutos normaes as noções essenciaes, theoria e execução de trabalhos manuaes, industria, agricultura, artes mechanicas, etc. Nos paizes modelos, os que são considerados isentos da obrigatoriedade dos cursos technicos não deixam de receber os rudimentos indispensaveis. Ficam livres da frequencia compulsoria das escolas especiaes, mas já receberam noções geraes nas escolas primarias e secundarias.

### VI

A tendencia da pedagogia moderna, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Suissa Allemã, na Prussia e nas excellentes e ultimas reformas de Hamburgo, é de dividir o que denominamos o curso tecnico em duas partes: um geral, outro da applicação.

De sorte que o alumno, depois do preparo geral, ao entrar na segunda phase do curso tecnico — a de applicação — só então especialize as funções.

### VII

O progresso das industrias manufactureiras e agricolas o desenvolvimento do commercio, na organização das grandes empresas e no fomento das relações internacionaes de caracter economico determinaram a especificação das funções e a necessidade de ter cada homem, entregue a uma finalidade pratica, uma instrução especial.

### VIII

Na reforma de ensino elaborada na Bahia pelo Governador Goes Calmon, o alumno, depois de fazer o curso elementar de tres annos (ensino primario geral) ascende directamente para a escola primaria superior, a escola regional que se formará ao sabor das circumstancias locais, dos usos locais, profissões locais.

Aos que julgarem sufficiente a cultura primaria elementar no seu minimo razoavel, a escola primaria, com tres annos de curso, satisfará.

Para os que comprehenderem que não basta o ensino educativo generalizado estão abertos os cursos primarios superiores, directamente debruçados sobre as necessidades profissionais do meio ambiente.

### IX

Cumpra, porem, despertar a a atenção dos nossos administradores e legisladores para outra face do problema visceralmente ligada ao ensino tecnico moderno: os trabalhos manuaes (manual training)

A reforma bahiana accrescentou geometria, desenho e trabalhos manuaes ao curso primario generalizado, ao curso primario superior — a chamada escola regional, para não falar de outros cursos.

No Rio Grande do Sul, nos institutos «Parobé», etc., o programma de ensino combinou os dois methodos.

### X

O aparelhamento completo do serviço de educação popular, attingindo a cifras inacreditaveis, romperia os mais solidos orçamentos.

A solução do problema está ligada a esse embaraço invencivel.

Empenhados na ardua solução do problema, duas correntes se destacam, entretanto, no Brasil.

Uma dellas sacrifica as linhas essenciaes do problema, fixando-o dentro nas condições brasileiras, para uma solução a que o governador Goes Calmon chama economica, forçadamente incompleta e deficiente nos resultados do ensino que ministra, mas completa na disseminação desse ensino.

A outra aceita o problema na sua integridade e resolve-o parcialmente, para uma fracção da população escolar.

Solução extensiva ou intensiva, ensino primario incom-

pleto para todos ou ensino primario integral para alguns, — esse o dilemma atirado ao legislador e ao administrador pelas condições brasileiras do problema.

São Paulo, com a reforma Washington Luis, escolheu a primeira solução.

Empreheendeu uma organização economica do ensino primario: curso de dois annos (grupos escolares), idade escolar de 9 a 10 annos e escolas multiplicadas por toda a extensão do territorio paulista.

A educação popular reduzida a uma alphabetização trepidante, mas assegurada a diffusão completa do ensino.

Em São Paulo, onde circumstancias especiaes crearam um ambiente de progresso geral, é possivel que uma simples alphabetização seja o degrao indispensavel mas efficaz para um desenvolvimento intellectual que marchará dahj em diante, continuamente, auxiliado por mil e uma circumstancias.

Com a outra corrente, comprehendidas soluções de ordem intermediaria, está, ainda, a maioria dos Estados brasileiros.

Busca-se, então menos que uma diffusão impossivel, uma educação popular efficiente, capaz de reergger o nivel do pais, tornando cada cidadão um valor novo da produção nacional.

Em Santa Catharina, já que a isso nos obrigam as condições materiaes de nossa vida publica, seja o problema, como foi na Bahia e em outros Estados, resolvido parcialmente.

Muitas escolas nos Estados Unidos ficam nesse curso geral, de habilitação tecnica, para todos os officios mecanicos e manuaes, achando que ahi deve cessar a acção do Estado.

O que não resta duvida porem, é que para um rapaz intelligente que estuda numa escola superior, a habilitação geral será mais efficiente.

Elle prepara para todos os officios, habilita contra-mestres e chefes. A applicação para um officio particular para os que vão ser operarios é rapida.

### XI

Sem desfigurar, porem os verdadeiros fins do ensino publico moderno como vimos inculcando, seria talvez aconselhavel, como se pratica na Bahia e no Rio Grande do Sul,

que o ensino technico fosse ministrado não só de um modo geral como tendo em vista as necessidades de côr determinadamente racional.

Para isso se torna necessario o levantamento rigoroso das differentes zonas geographicas do Estado, de accordo com a sua producção, seus officios, etc. De modo que o alumno, depois do preparo geral ao entrar na segunda phase do curso technico, a de applicação (systema da reforma de Hamburgo), especializasse a sua função conforme as necessidades de sua zona.

## XII

Os trabalhos manuaes e o desenho tem sido a grande escola de desenvolvimento da personalidade pelo cultivo intensivo da vontade e do pensamento. Enquanto as escolas theoricas e livrescas desenvolvem a intelligencia e a imaginação, descurando a vontade, a educação americana fortifica sobretudo esta pela acção. Toda a educação primaria americana assenta nesse principio froebeliano: educar pela acção.

OMER BUYSE, assim, resume a theoria psychologica da educação pelos trabalhos manuaes: «Todo movimento consciente origina-se de uma excitação de cellulas motoras do cerebro.

O pensamento sem acção pode desenvolver a imaginativa, mas deixa inculca a faculdade da vontade. A vontade não se pode desenvolver senão pela acção. Todo movimento muscular repercute nas cellulas do cerebro pelas sensações e se fixa nos centros de projecção sob forma de percepções de imagens.

Para augmentar a receptividade do cerebro, a educação racional exige que se varie a natureza dos movimentos dos trabalhos manuaes, afim de interessar successivamente todos os grupos cellulares. Donde resulta que para desenvolver a região motriz total do cerebro, é preciso multiplicar os exercicios amplos e variados e os regular em ordem a desenvolver a agudeza da sensibilidade e da percepção, fazendo brotar o pensamento e fortificando a vontade.

Si o movimento se torna habitual e passa a ser feito sem reflexão, deixa de actuar sobre as cellulas motrizes; dahi em diante não tem valor educativo. Não é sinão no primeiro periodo de excitação que a acção dos trabalhos manuaes é efficaz. A sua acção educativa se mede pelas reacções men-

taes que fazem nascer e pela progressão de reacções que são susceptiveis de provocar.

## XIII

A LIGA PEDAGOGICA DO ENSINO SECUNDARIO apresentou um plano que, embora trate da adaptação dos trabalhos manuaes, á methodologia das diversas cadeiras de curso secundario, aproveita, em alguns pontos, ao ensino primario elementar e superior, ao ensino ministrado nos Grupos Escolares, nas Escolas Complementares, nas proprias Escolas Normaes.

1º — Deve ser desenvolvido intensamente o ensino do desenho á mão livre e com instrumentos, com character obrigatorio.

2º — Deve tambem com o mesmo character ser instituido o ensino de modelagem.

3º — Nas aulas de trabalhos manuaes a frequencia será obrigatoria para todos os alumnos.

4º — As lições serão de quatro horas por semana, em periodos de duas horas.

5º — Os alumnos usarão as seguintes materias primas applicadas segundo as especies de trabalhos a realizar: papel, cartão, massa plastica, madeira fina (trabalhada a faca ou canivete e a serra de recortar, arame e folha de metal.

Além disso, haverá uma pequena officina typographica onde os alumnos redijam, componham e façam a revisão de um pequeno jornal ou revista.

6º — No ensino de mathematica, dispôr-se-ão os programmas de sorte que os seus varios ramos caminhem de par segundo as correlações e correspondencias delles entre si. As demonstrações geometricas serão preliminarmente constructivas e só depois formaes.

7º — A aula de trabalhos manuaes executará trabalhos constructivos de accordo com a marcha dos programmas das cadeiras a que deve servir, variando as construcções nessa direcção.

8º — Na impossibilidade de prever tambem os casos dos alumnos dos cursos particulares, sem character de collegios, nem regalias officiaes, deve-se pelo menos exigir dos alumnos desses cursos que se apresentem a exame, nas seguintes provas praticas eliminatorias:

a) — No exame de geometria, a solução constructiva de um problema em cartão.

b) — Nos exames de physica e chimica, uma prova em que se ajuize da solidez dos conhecimentos, da precisão e da habilidade de manipulação do examinando.

c) — No exame de historia natural, haverá o estudo de um exemplar da flora, da fauna ou da mineralogia, entre os mais communs, para o effeito da investigação de seus elementos anatomicos e funções physiologicas, quando for esse o caso, sendo menos exigível uma classificação que vá além dos grupos principaes.

d) — No exame de historia, os examinandos deverão illustrar as provas escriptas o mais possível, com *croquis*, *schemas*, *graphicos*, etc.

9° — A Escola Normal, as Escolas Complementares, Grupos Escolares e Institutos particulares incluirão systematicamente nos seus programmas o regimen das excursões escolares (visita ás fabricas, officinas, etc.

Essas excursões serão feitas por turmas de alumnos, no mesmo gráo de adiantamento, podendo, segundo as contingencias de local e de trabalho a realizar ser effectuadas, em horas fora do horario normal das aulas que não funcionarão nos dias de excursões escolares.

10° — O tempo lectivo diario nas escolas e nos institutos particulares deverá ser de cinco a seis horas, reduzindo-se ao minimo as lições e deveres a serem feitos em casa

#### XIV

E' bem de vêr que a nossa situação financeira não comporta a execução de todo o plano que vimos desenvolvendo, desde a escola primaria elemental (parte geral) até a escola primaria superior (regional e de applicação) desde os institutos até a escola Normal, como se praticou na ultima reforma do ensino bahiano e nas escolas e fundações do Rio Grande do Sul

Seja como for deve ser introduzido nas escolas do Estado, desde já, o «manual training».

A Directoria da Instrucção organizará o programma para a introdução desse ensino, desde a escola primaria.

Nos actuaes Grupos Escolares de 1ª e 2ª classe serão creados cursos regionaes de aprendizagem (ensino primario superior, phase de applicação.) As actuaes Escolas Comple-

mentares, deverão ser transformadas em institutos femininos, tendo por fim formar conductoras de Trabalhos Domesticos e Ruraes.

As Escolas Complementares de Florianopolis, passarão a ser as Escolas Normaes Medias.

O programma da actual Escola Normal será refundido, transformando-se essa escola em « Instituto Superior de Pedagogia », cuja finalidade não é ministrar aos alumnos um curso de preparatorios, para a matricula nos gymnasios e nos cursos superiores, como se faz actualmente, desvirtuando esse ensino.

No Instituto Superior de Pedagogia, cujo plano a Directoria da Instrucção organizará, tambem será introduzido o « manual training » em phase mais adiantada.

Ass. — *Edmundo Accacio Moreira*.

Florianopolis, 26 — 7 — 1927

### PARECER N.º 31

«Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares? tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do Pais? Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo no Estado, em particular, e no pais em geral? De que forma? Como deve o Estado encarar o ensino profissional?»

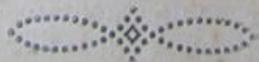
A segunda commissão suplementar considerou attentamente as brilhantes theses «Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares? Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do Pais? Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo no Estado em particular e no pais em geral? De que forma? Como deve o Estado encarar o ensino profissional?» apresentado pelo dr. Edmundo Accacio Moreira, these que, revela uma grande capacidade intellectual e profundos estudos do autor em materia tão importante.

A Commissão já tendo traçado o seu ponto de vista quanto ao assumpto, no parecer ao valioso memorial apre-

sentado pelo illustre pedagogo professor Orestes Guimarães chama, entretanto a attenção desta Conferencia para o erudito trabalho do dr. Edmundo Accacio Moreira, muito especialmente para as suas quatorze conclusões.

Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. — Ass — *Laercio Caldeira de Andrada*, — Relator; — *Albano Monteiro Espinola*, — secretario; — *Beatriz de Sousa Brito* — presidente.

NOTA—Este parecer foi approvado sem debates.



## VI

# CONCLUSÕES

# CONFERÊNCIA DE ENSINO PRIMARIO

Florianopolis, 5 de setembro de 1927

Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado

A Comissão encarregada de coordenar as conclusões dos estudos feitos na Conferência Estadual de Ensino, vem apresentar a V. Excia a summula das mesmas, nas paginas que seguem annexas a este.

Ass. — *Mâncio da Costa*, com restrição.  
*Barreiros Filho*

*Luis S. B. da Trindade*, com restrições  
*Foão Tolentino de S. Junior*, com restrições  
*Laercio Caldeira de Andrada*, com restrições

## INSPECÇÃO ESCOLAR

### a) Creação do Cargo de Inspector Geral do ensino

O inspector Geral do ensino será subordinado ao Director da Instrucção Publica, em cuja repartição trabalhará, sendo auxiliar immediato do mesmo director e se encarregar da inspecção e fiscalização do ensino na Capital e da execução de quaesquer serviços relativos ao mesmo ensino, de accordo com as exigencias da organização escolar, tendo ainda o cargo de dirigir o expediente da Directoria da Instrucção Publica. O exercicio da funcção de inspector geral do ensino é incompativel com o de qualquer outro cargo ou profissão.

#### Ao Inspector Geral do Ensino compete .

- 1 — executar e fazer executar as ordens do Director da Instrucção, relativas ao serviço interno da repartição;
- 2 — fiscalizar todos os estabelecimentos de ensino primario estaduais, municipaes e particulares da Capital;
- 3 — orientar os inspectores escolares conforme as instrucções que receber da Directoria da Instrucção para o que visitara annualmente, pelo menos uma vez, as sedes das circumscripções escolares e os estabelecimentos de ensino das referidas circumscripções.

### b) — Manter as inspectorias regionaes (Circumscripções escolares), organizando-as do seguinte modo:

- 1ª — circumscripção — SEDE — TIJUCAS — municipios: Florianopolis, (zona rural), São José, Palhoça, Biguassú, Tijucas, Porto Belo, Camboriú.
  - 2ª — circumscripção — (Zona das escolas subvencionadas) SEDE — BLUMENAU — Municipios: Blumenau, Nova Trento, Brusque, Itapopolis, São Bento, Joinville e Itajahy.
  - 3ª — circumscripção — SEDE — PORTO UNIÃO — Municipios: São Francisco, Paraty, Campo Alegre, Ouro Verde, Mafra, Porto União, Cruzeiro, e Crapeço;
  - 4ª — circumscripção — SEDE — TUBARÃO — Municipios: Laguna, Imaruly, Imbituba, Crescuma, Tubarão, Orleans, Urussanga e Ararangua.
  - 5ª — circumscripção — SEDE — LAGES — Municipios: Lages, São Joaquim, Campos Novos, Curitybanos e Bom Retiro.
- Os inspectores escolares são obrigados a residir nas circumscripções para que forem nomeados.

## GYMNASIO

Creação de um gymnasio — equiparado ao Collegio Pedro II — mas desde que disponha o Estado de meios necessarios.

## ESCOLA NORMAL

Escola Normal	{	I — Curso de applicação (a ser creado)			
		II — Curso normal	<table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr><td>Secção de Chapéus</td></tr> <tr><td>Secção de Flores</td></tr> </table>	Secção de Chapéus	Secção de Flores
		Secção de Chapéus			
Secção de Flores					
III — Curso profissional manual-feminino	<table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr><td>Secção de Corte e costura (a ser creado)</td></tr> <tr><td>Secção de trabalhos de agulha</td></tr> </table>	Secção de Corte e costura (a ser creado)	Secção de trabalhos de agulha		
Secção de Corte e costura (a ser creado)					
Secção de trabalhos de agulha					

1.º

O curso normal será feito em 4 annos, segundo o programma apresentado pelo seu director á Conferencia Estadual de Ensino.

2.º

Com o accrescimento de um anno ao referido curso, augmentam os trabalhos dos respectivos lentes e professores, especialmente daquelles que têm a seu cargo as materias consideradas essenciaes ao ensino, e que são:

O Português

e  
As Mathematicas

Ambas essas materias começam no 1.º anno e finalizam no 4.º anno. Cêrca de 20 aulas semanaes caberiam a cada um dos actuaes cathedrauticos aos quaes compete o professar as sobreditas disciplinas.

De modo que, como suggeriu a Commissão Encarregada de estudar as respectivas theses, è de toda utilidade, senão necessidade, o desdobraimento das supracitadas cadeiras. Entretanto, salvo melhor juizo, a nomeação de professorss substitutos ( a exemplo do que se faz aliures, em estabelecimentos de ensino ) resolveria o caso, ficando os ditos sntstitutos encarregados de leccionar nas classes para que fossem designados pelo director da Escola Normal.

3.º

Tem sido innocuo o C. de Sciencias e Letras annexo á Escola Normal e creado pelo decreto n. 1721 de 29 de fevereiro de 1924. Das 15 materias, de que consta, apenas duas tiveram professores: o Italiano e o Latim; notando-se que o professor de Italiano abandonou o seu cargo por carencia de alumnos, e o de Latim ( que fez concurso brilhantissimo ) vai-se mentendo precariamente, com 11 ouvintes. Sendo a lingua latina, além de excellente disciplina mental, base a todo o estudo serio da lingua portuguesa, conviria integrá-la no ensino normal, extinguindo-se o Curso de Sciencias e Letras e aproveitando-se o respectivo professor para lente de latinidade da Escola Normal.

4.º

Mantem-se o Curso Profissional Manual Feminino, anne-

xo á Escola Normal, com as secções de Chapéus e Flores, accrescentando-se-lhe a de Corte e Cósturas, tudo sob regulamentaçaõ especial.

5.º

Sem uma *Escola de Applicação*, que funcione no edificio da Escola Normal, e em que as alumnas do 4º anno façam o ensaio profissional, sob a orientação, critica e correccão dos professores, desmerece o nome de *normal* o curso que actualmente carrega com a impropriedade desse adjectivo... E' imprescindivel, pois, o seu funcionamento.

6.º

O desdobraimento da cadeira de Historia Natural e Noções de Hygiene, segundo a emenda do dr. Achilles Gallotti feita ao parecer n.º 20, não é aconselhavel, no momento porque o actual cathedrautico, tem dado cabal desempenho ao ensino dessas disciplinas.

## ENSINO COMPLEMENTAR

A modificação dos programmas se fará conforme os pareceres n.ºs 25 e 17, a saber:

1.º

A remodelação dos programmas actuaes de forma que se adopte aos programmas dos Grupos Escolares e aos da Escola Normal, ficando o seu ensino como termo mediõ entre aquelles e esta.

2.º

Convem ainda, de accordo com o parecer n.º 25, introduzir, a mais, a cadeira de Educação Moral e Cívica, que será leccionada no 1.º e 2.º anno do respectivo curso.

3.º

As disciplinas de Geometria e Chimica passam a ser ministradas no 2.º e 3.º anno.

4.º

As modificações propostas não acarretam despesas, senão que mantêm as actuaes.

## ENSINO PRIMARIO

São as seguintes as conclusões referentes ao Ensino Primario:

1.º

Que os programmas de Historia Patria e Educação Cívica no 1.º e 2.º anno dos Grupos satisfaz—plenamente.

2.º

Que o ensino de Historia Patria no 3.º e 4.º anno dos

Grupos deve versar sobre os factos e vultos mais notaveis do Brasil, e não tratar de circumstancias não accessiveis ao espirito dos alumnos;

3º

Que nas escolas ruraes o ensino de Historia Patria deve tão somente consistir no conhecimento das datas nacionaes e factos mais relevantes do Brasil;

4º

Que o ensino de Educação Moral e Civica se deve ministrar por meio de palestra, tendo um fundo moral-educativo;

5º

Que no ensino de Geographia, deve ser adoptado o methodo intuitivo-objectivo, e é indispensavel que as cartas geographicas sejam guias do precitado ensino, como recommendaveis são as viagens chamadas imaginarias, a um tempo proveitosas e interessantes;

6º

Que é imperioso reduzir os programmas de Geographia nos Grupos Escolares, transferindo-se o excesso da mesma materia para as Escolas Complementares;

7º

Que é indispensavel o ensino de Cartographia como complemento do estudo de Geographia, devendo os discentes aliar este áquelle estudo, adoptando-se um caderno-tipo para guia do professor;

8º

Que deve ser mantido o methodo analytic no ensino da leitura, nos Grupos Escolares; a generalizaçã o desse methodo ás escolas isoladas, quer urbanas, quer ruraes, não se aconselha, porquanto os professores destas não o sabem processar; e aos daquellas escasseia o tempo;

9º

Que devem ser adoptados os mappas de Parker, nas escolas ruraes, já usados nos Grupos Escolares e escolas urbanas;

10º

Que urge fazer a revisão dos programmas de ensino dos Grupos e Escolas Isoladas, excepto os das zonas coloniaes sujeitas á inspecção federal;

11º

Que da revisão dos programmas decorre a modificação e reduçção dos horarios escolares;

12º

Que convem a installação de Jardins da Infancia, junto

aos Grupos Escolares, que preencherão uma lacuna do ensiuo primario catharinense;

13º

Que a inspecção medico-escolar é de bom aviso, para seleccionar os normaes, separando-os dos anormaes e pseudo-anormaes.

14º

Que a assistencia dentaria offerece grande vantagem, devendo ser contractados profissionaes idoneos, prestando estes seus serviços junto aos Grupos Escolares.

Assignamos as presentes conclusões tiradas dos varios pareceres a que chegaram os trabalhos da Conferência Estadual de Ensino Primario, com restricções quanto á rubrica Escola Normal; somos de parecer que as cadeiras de portugês e litteratura da lingua e Arithmética, Algebra, Geometria e Trigonometria sejam desdobradas a 1.ª em: Portugês que será leccionada nos tres annos do curriculo Normal e Grammatica Histórica da Lingua e Litteratura ministrada esta nos dois ultimos annos do curriculo: a 2.ª em: Arithmética e Algebra, uma; e outra, Geometria e Trigonometris; estas novas cadeiras serão regidas por lentes cathedráticos, nomeados por concurso, pelo Governo.

Ass. — *Mâncio da Costa*  
*Luis Sanches Bezerra da Trindade*  
*João Tolentino de Sousa Junior*  
*Laercio Caldeira de Andrada*



## VII

# NOTAS GERAES

## De pé, Senhores

A Conferencia Estadual de Ensino Primario,  
no seu encerramento.

É sobremaneira apreciavel a influencia da civilisação anglo-americana na latino-americana pelo contacto das escolas e missões evangelicas.

O prof. dr. Erasmo Braga (1) sabia que o systema de educação publica nos paizes latino-americanos tem recebido o influxo da pedagogia moderna, principalmente dos ideaes norte-americanos. E cita o illustre cathedratico do Gymnasio de Campinas o facto da reforma dos methodos medievaes de ensino publico datarem do estabelecimento das escolas missionarias evangelicas na America do Sul.

A fundação do Collegio Internacional de Campinas, S. Paulo, em 1869, constituiu o primeiro ponto de contacto das missões christãs norte-americanas com o ensino publico no Brasil. Ella assignala, tambem, « na historia da pedagogia a era em que as ideas fecundas de Mann e a disciplina e os methodos escolares norte-americanos começaram definitivamente a influir no ensino publico e particular na America Latina ».

Ao rev. dr. George Nash Morton deve o Brasil a introdução dos processos de ensino dos Estados Unidos em sua vida escolar.

As leis liberaes do Imperio « que fizeram illustre no estrangeiro o nome de D. Pedro II », atraíram para aqui o grande educador americano, que escolheu Campinas para sede de seus trabalhos, fundando alli o Collegio Internacional, orientando-o pelo que de melhor se processava na pedagogia yankee.

O grande republicano Rangel Pestana deixou este valioso testemunho do que « era a alma e o ambiente » desse Collegio: « Penseo desassombrado no futuro da Provincia de S. Paulo, todas as vezes que assisto a uma festa no Collegio Internacional de Campinas; parece que minha alma rasga para si propria novos horizontes, e, d'ahi, a meço o porte respeitavel dos homens que hão de succeder aos enfezados politicos do presente ».

Em 1871 fundava-se em S. Paulo a Escola Americana, que logrou influir no espirito dos dirigentes paulistas, tornando-se « o berço da reforma do ensino publico, donde têm partido, por intermedio dos estabelecimentos officiaes, as influencias reformadoras para os extremos do paiz ».

Em 1883, esta pequena escola passou a ser dirigida pelo dr. Horace M. Lane, que a elevou a grãu de escola-padrão, introduzindo no ensino as ultimas conclusões pedagogicas conhecidas na época.

Era Horace Lane, escreve o « Correio Paulistano » (2), um espirito enamorado das cousas da instrucção. Na organisação das nossas escolas officiaes, ao tempo em que a sua patricia miss Browne começou a adaptar ao nosso meio os processos mais adiantados da methodologia norte-americana, esse honrado velho alheára-se de todos os seus encargos, das responsabilidades que lhe criaram como director de dois estabelecimentos de ensino, para se ocupar toda a virilidade do seu espirito a olhar para o futuro do paiz. Foi vivamente empenhado o sr. dr. Bernardi e o sr. dr. Campos, em 1883, na reforma do Estado.

cano, que escolheu Campinas para sede de seus trabalhos, fundando ali o Collegio Internacional, orientando-o pelo que de melhor se processava na pedagogia yankee.

O grande republicano Rangel Pestana deixou este valioso testemunho do que «era a alma e o ambiente» desse Collegio: «Penso desassombrado no futuro da Provincia de S. Paulo, todas as vezes que assisto a uma festa no Collegio Internacional de Campinas; parece que minha alma rasga para si propria novos horizontes, e, d'ahi, «u mego o porte respeitavel dos homens que hão de succeder aos enfezados politicos do presente».

Em 1871 fundava-se em S. Paulo a Escola Americana, que logrou influir no espirito dos dirigentes paulistas, tornando-se «o berço da reforma do ensino publico, donde têm partido, por intermedio dos estabelecimentos officiaes, as influencias reformadoras para os extremos do paiz».

Em 1883, esta pequena escola passou a ser dirigida pelo dr. Horace M. Lane, que a elevou a grãu de escola-padrão, introduzindo no ensino as ultimas conclusões pedagogicas conhecidas na época.

Era Horace Lane, escreve o «Correio Paulistano (2), um espirito enamorado das cousas da instrucção. Na organização das nossas escolas officiaes, ao tempo em que a sua patricia miss Browne começou a adaptar ao nosso meio os processos mais adiantados da methodologia norte-americana, esse honrado velho alheára-se de todos os seus encargos, das responsabilidades que lhe cabiam como director de dous estabelecimentos de ensino, para assegurar toda a virilidade do seu espirito à outra grande obra que vivamente empenhado o sr. dr. Bernardino de Campos, em...

Ao lado de Julio Ribeiro e Rangel Pestana, lutando com o meio agora menos hostil que no tempo de Morton, Horace Lane organisa essas duas instituições modelares que hoje honram o ensino no Brasil: — a Escola Americana e o Mackenzie College, que fundou em 1894.

Herculano de Freitas, no senado paulista, ao fazer o necrologio de Lane, e analysando a actuação orientadora desse illustre educador, disse: «Poucos brasileiros terão feito quanto esse americano de origem aqui fez com o maior desprendimento, com a maior modestia e a mais extraordinaria competencia, não só encaminhando-nos para novos horizontes desconhecidos, quando aqui chegou e iniciou o seu ensino, como tambem, pode-se assegurar, collaborando pela sua acção moral e até pela sua acção intellectual na organização primitiva e desenvolvimento do ensino publico que faz a nossa honra e a nossa gloria no Brasil inteiro».

Na camara estadual, o sr. dr. Freitas Valle, relator por muitos annos da comissão de ensino publico, propondo um voto de pesar pelo fallecimento de H. Lane, chama-o de «cultor da educação do povo paulista, feliz iniciador da obra patriótica da verdade do ensino entre nós».

∴

Tal foi o homem que indicou ao governo Bernardino de Campos, em 1894, o nome de miss Marcia Browne, educadora americana, para o arduo trabalho de reformar o ensino publico paulista.

A reacção contra os methodos norte-americanos, pela ignorancia de uns e má-fé de outros, foi formidavel. A frequencia da escola-modelo «Caetano de Campos» sob o controle pedagogico de miss Browne diminuiu consideravelmente. Parecia que a rotina ia triumphar, das, no momento, modernas conquistas da pedagogia.

Viu-se, então, este caso singular: o illustre dr. Cezario Motta, de saudosissima memoria, Secretario do Interior, procurar paes de alumnos, de porta em porta, advogando os novos methodos e convencendo-os de sua excellencia e efficacia.

Quatro annos depois, ao terminar o seu contracto, a educadora americana teve o grande conforto de contemplar a sua obra victoriosa sob os applausos do governo e do povo; e, sobretudo, a grande alegria de deixar como seu continuador o alumno, dilectissimo entre os seus dilectos, Oscar Thompson.

Estava iniciada a ascensão, destruidos os obstaculos, e S. Paulo se tornava o Estado leader do ensino primario do Brasil.

∴∴

S. Catharina foi o primeiro Estado que, intelligentemente, aproveitou o preparo tecnico paulista, e Orestes Guimarães (3) o primeiro professor paulista que sahio, como o homem da parabola, a semear o que tantas afflicções custara a miss Browne, Cezario Motta, Caetano e Bernardino de Campos.

Em 190, o projecto educacionista foi convidado pelo governo Abdon Baptista, vice-governador em exercicio, para applicar ao Collegio Municipal de Joinville, a technica paulista de ensino primario.

E o «Paulo de Tarso» do ensino em S. Catharina chegou a Damasco dos seus trabalhos e iniciou a cruzada luminosa.

Em 1910, triumphantes os methodos que encontraram na intelligencia e devotamento do professorado catharinense a boa terra para a fructificação maravilhosa, o governo Vidal Ramos chama Orestes Guimarães para uma obra maior: entrega-lhe a instrução publica do Estado.

Espirito Santo, Matto Grosso, Sergipe, Ceará chamaram missões paulistas; — Districto Federal, na prefeitura Souza Aguiar, enviou brilhante commissão de professores estudar *in loco* a organização do ensino do grande Estado; — Minas Geraes commissionou o illustre pedagogo dr. Enâas Camera; e Bahia, o eminente professor Benedicto Nazareth, para estudos dos methodos de ensino, aquelles methodos americanos, adaptados, que Morton, lutando, introduzira no Collegio Internacional, em 1869, melhorados por miss Browne em 1894 e definitivamente implantados pelo dr. Oscar Thompson.

Ao encerrar a Conferencia de Ensino Primario justo é que, mais uma vez, relembremos num instante de gratidão aquelles que foram os pioneiros da nova orientação pedagogica no Brasil, rendamos a Orestes Guimarães o mestre querido, o leader acatado da Conferencia, aquellas homenagens nascidas da gratidão e continuadas e consolidadas pelo surto de progresso educacional que a reforma nos trouxe.

A Morton, Lane, Browne a nossa saudade agradecida.

A Orestes Guimarães as palmas victoriosas de hoje.

De pé, senhores conferencista!

O Estado, 11 — agosto 1927.

(1) Pan-Americanismo—Aspecto religioso pag. 48.

(2) Correio Paulistano — 1912. Necrologio Lane.

(3) A quem devemos grande copia informativa neste artigo

## Conferencia estadual de Ensino Primario

Esse promissor certamente que o presidente Adolfo Konder, o dr. Cid Campos, secretario do Interior e o director da Instrução Publica, Mâncio da Costa têm dado o melhor de seus esforços, — vae marcar um sulco indelevel em o nosso systema educacional.

Reunindo em assembléa deliberativa os melhores professores estaduais e convidando para assistirem á mesma as pessoas de reputado saber pedagogico deste e de outros Estados da Federação, visaram elles congregiar homogeneamente elementos cuja efficiencia será a garantia dos resultados proveitosos e praticos da conferencia.

Sabemos sobejamente que o nosso aparelhamento escolar é o primeiro entre os demais da União relativamente á dotação orçamentaria votada para o seu custeio: verificámos, dias há, na mensagem presidencial ao Congresso Representativo, que a diffusão da instrução nas zonas ruraes tem sido feita copiosa e acertadamente; e, finalmente, patenteámos na rigidez crúa dos dados estatísticos o funcionamento sabio e progre sivo deste aparelhamento.

Todavia, á parte as suas reconhecidas excellencias, elle resente-se de uniformidade quanto á seriação gradativa dos programmas nos varios graus do ensino primario.

Assim é que aberra de todo o senso pedagogico a extensão dos programmas das disciplinas do 4.º anno dos grupos escolares, diante daquelle do 1.º anno do curso complementar, que embora lhe seguindo immediatamente, lhe é inferior não só quanto á extensão mas tambem quanto á dosagem da materia disciplinar.

Que interesse poderá ter o alumno do 1.º anno complementar no estudo de um programma cujas disciplinas são professadas no 4.º anno dos grupos escolares, com mais extensão e maior desenvolvimento?

Diziamos que aberra do senso pedagogico a largueza daquelles programmas, porque, quanto sabemos de pedagogia, — somos, de facto anteriormente activos quanto nos interessamos por alguma cousa, porem exteriormente passivos até que o interesse se muda em desejo ou em vontade —, como algures affirmou Herbart.

Mas não é só isto.

O ingresso da criança em as nossas escolas faz-se abrupta e violentamente, porque ella encontra um ambiente desinteressante e pouco attraente, que de modo algum corresponde ao de seu lar.

Como os seus sentidos inda mal educados e as faculdades de observação, de associação e expressão pouco ou nada cultivadas, a criança, entre nós, transpoe das escolas, aos seis annos de idade.

Se o fim exclusivo da escola fosse o des omente instruir, vâ que assim se procedesse.

Mas actualmente o seu mestêr lavra mais fino e a sua finalidade é muito mais estimavel e transcendente.

Instruir e, sobretudo, educar o cidadão de amanhã, é o escopo da escola moderna.

Para isso é preciso, porem, preenchermos uma sensivel lacuna em o nosso systema educacional; e esta é dotar a escala escolar com os graus de que até então está desfalcada: a escola maternal o jardim da infancia e o secundario de humanidades.

Não comprehendemos a razão por que a existência do jardim da infancia faz inda hoje claudicar o nosso aparelhamento escolar.

A reforma de 1910 não lhe deu attenção e a de 1919 o repudiou, apesar de em uma como em outra época ja existirem experiencias cruciaes que punham de manifesto a sua excellencia.

De Froebel a Decroly ha uma vasta litteratura acerca do assumpto a reconhecer o acerto do que levamos dito

Entretanto não é só o jardim da infancia o de que carecemos

A par de sua inadiavel criação os conferencistas que se reunirão, amanhã na Escola Normal deveriam dar especial attenção á instituição de escolas maternas, utilissimas ao proletariado, maximê nos centros como Brusque, Blumenau, Joinville, Cresciana, Araranguá, Urussanga, e Orleans, onde mais intenso é o desenvolvimento fabril e accentuada a exploração do nosso carvão.

O lar do operário e do mineiro de hoje não prescindem dos poderes publicos, quanto a instrucção e a educação de seus filhos.

E essas, na primeira infancia, só poderão ser ministradas nas escolas maternas.

Não desampare o Governo do Estado centenas e centenas de crianças, florações da nossa nacionalidade, que sob as contingências diárias dos lares dos proletarios, ficam á merce de seus instinctos, educadas á Rousseau, cujos resultados só excepcionalmente produzem os Bolívars...

Até aqui o jardim-da infancia e as escolas maternas, agora o ensino secundario.

Terminado o currculo complementar em as nossas escolas, os jovens estudantes matriculam-se no curso normal ou ficam á merce de uma collocação no commercio, ou do tirocinio pratico indispensavel para o aprendizado de uma profissão.

A escassez de meios pecuniarios dos paes de familia não permite dar a instrucção secundaria a seus filhos, como é de mestér.

Ao Estado, porém, cumpre dar-lhe sem grandes dispendios a instrucção de que carecem.

E' nos cursos secundarios de humanidades que se formam as *élites* intellectuaes, donde irradiam para o commercio e para as industrias; para as varias profissões e para os dominios das sciencias os homens dynamicos, de Henrique Ferri.

Ja agora que o governo do presidente Adolfo Konder teve a feliz e a alevantada idéa de congregar na conferencia de amanhã os elementos mais destacados do Magisterio santa-catharinense e de outros estados da União Brasileira, deixamos nestas linhas as nossas apagadas mas altruisticas suggestões, esperando que mereçam dos esclarecidos conferencistas a leitura e a attenção, que desejamos.

Da *Folha Nova*, de 30 de julho de 1927.

## E'cos da Conferência de Ensino

( Da «Republica» de 17 — 8 — 1927 )

Antes de ser submettido á approvação da Conferencia de Ensino o PARECER nº 31 sobre as theses apresentadas pelo dr. Edmundo Accacio Moreira «Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares?»

Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do Paiz? Ha possibilidade de tornal-o mais proficuo no Estado, em particular, e no Paiz em geral? De que forma? Como deve o Estado encarar o ensino profissional? — S. S. proferiu o discurso que publicamos a seguir, explicando o seu ponto de vista para encaminhar a votação:

« Sr. Presidente. Srs. membros da Conferencia de Ensino.

Discursando em sessão memoravel do Conselho da Univeridade Livre de São Paulo, o dr. Alberto Seabra, mestre dos mais eminentes, emittiu conceitos tão nobres e tão bellos acerca do « valor pratico da

sciencia », que é com o maior prazer que eu os repito nesta excellente oportunidade.

« Saber para prevêr, prevêr para agir », — tal é o fim da sciencia. E, de facto, a sciencia augmenta o nosso poder sobre as cousas, amolda o planeta ás nossas necessidades, dirige as forças naturaes em proveito nosso. A somma de bem physico e de conforto material, a melhoria da vida correlata, do desenvolvimento scientifico incessante, o progresso material, em somma, é cousa inegavel.

Poderíamos dizer o mesmo do progresso moral?

Tem a sciencia alguma influencia educadora, algum poder de moralisação?

« Saber para prevêr, prevêr para agir. »

Esta efficacia pratica, implica, necessariamente, a boa acção. ( Alberto Seabra, discurso na Universidade Livre de São Paulo, *Annaes*, I 1917. )

Tal é o problema que muitos resolvem pela affirmativa. Metaphoras propdian: abrir escolas é fechar calcetas. E, lectura o preclaro mestre, em seu citado discurso: « Não creio nesta phrase, que já não é bella, porque não exprime a verdade. A sciencia é um instrumento do poder, como as riquezas, como a força, como a autoridade politica, e nada mais. A rectidão, a probidade, o desinteresse, o espirito de sacrificio não estão na mechanica ou na astronomia, como não derivam das sciencias physico-chimicas e naturaes. E, se alguém morre intoxicado por veneno subtil, a chimica que armou o braço do assassino é a mesma que, desoecultando o virus malefico, virá vingur o assassinado. Descreio da energia moralizadora da instrucção, da efficacia pedagogica da sciencia para »

« Saber para prevêr, prevêr para agir ». A nossa capacidade de previsão cresce com o progresso scientifico, e a nossa esphera de acção e de poder se alarga, com o alongamento do nosso raio de visão mental. Para se mover e se vencerem as distancias, o homem de hontem só podia contar com as suas pernas, ao passo que o homem moderno encurta o planeta, multiplicando a força locomotora, substituindo os seus membros por aparelhos de transporte.

Mas estes instrumentos de conforto não os transformamos nós em instrumentos de morte? E a nação que vem aperfeccionando o aeroplano, cogita de outra e usa que não seja o de applical-o á arte da guerra?

Se saber é poder, como dizia Bacon, lembremo-nos de que o poder dá a vertigem do abuso, se o dever o não contrabalançar. Mas falar em dever é postular a lei moral.

Ella é que pôde vivificar a sciencia. Todo saber que a desconhece, é um saber incompleto, senão um conhecimento nocivo. ( Alberto Seabra, discurso citado. )

O homem que não recebeu a lei moral, com a educação, ou que a não deoeriu, pela força do pensamento introspectivo, não pôde tirar-lhe do estulo das sciencias objectivas e, por muito sabio que seja, está mais proximo da decadencia interior e da possibilidade de mal agir do que o ignorante analfabeto, que lhe tenha recebido o influxo.

Estas cousas disse-as o orador para a mocidade, porque ella tem o enthusiasmo ardente pela sciencia; mas o que arde queima como a brazza, se não clareia como a luz.

Tambem, com a sciencia, o sabio se ennegrece, se a luz moral lhe não orienta o pensamento e o poder.

E' dizer que intelligencia, instrucção, sciencia nada valem por si mesmas, mas como zero na escala dos valores, multiplicam o merito de

certos attributos essenciaes da pessoa humana, que são: caracter, honestidade, justiça e outros predicados moraes. São essenciaes, porque não ha perfectibilidade sem elles no Egypto ou na Persia, na Grecia ou no Brasil. Se elles decrescem, a sociedade regressa.

Todas as profissões os reclamam e todo o profissional que os possui deve triumphar. Demos o seu a seu dono e enfeixemos a nossa divisa para com o labor dos sabios, nos limites da justiça. Que a nossa admiração pela sciencia não lhe queime o incenso que deve arder noutros altares.

Diz-se que a fé é cega, mas digo estas cousas para que a mocidade não tenha nas sciencias, uma fé cega e, sim, ponderada, para que se não deixe apossar de algum enthusiasmo irreflectido e, sim, daquelle que se arrebatá com os seus triumphos, sem desesperar com as suas incertezas.

Eu tambem não sei onde a sciencia acaba, para dar começo á fé; mas sei que ella, sciencia, não conhece a materia que é o seu objecto, que nem sequer a pôde definir e que, contudo, a domina; que não conhece as forças physico-químicas e que no entanto, as escraviza, fazendo-as trabalhar para nós; que ignora a força vital, que sabios até lhe negam a realidade; que desconhece as forças que presidem ao mantimento das formas vivas, dos seres viventes e que, não obstante, corta no territorio da morte e prolonga a media da vida humana. Estas cousas lembra-as o orador, não com o intuito de descoroár a sciencia que é o resultado de labores milenarios e, sim, para que não nos envaideçam conhecimentos que, ao lado de addições perpetuas, envolvem perpetuas contradicções! Num arroubo de enthusiasmo e de fé na sciencia, Renan escrevia em 1848: « Ha de vir o dia em que a humanidade não » crerá mais, ella saberá: » saberá o mundo metaphysico e moral, como se sabe desde já o mundo physico.

Vá esperança! Para quem olha o fundo das cousas, o mundo nos é tão desconhecido como o era para os gregos e para os egypcios. Ainda que a tradição ou a lenda nos informe manejarem aquelles, como Archimedes, as forças physica, com tão grande acerto de forma a incendiar um navio em alto mar ou podreem estes ultimos, com a sabedoria dos iniciados e dos sacerdotes, arremessar o raio artificial sobre exercitos inimigos, as forças physicas não são desconhecidas em sua essencia como o eram no passado. Estamos sempre em face de átomos, de movimentos, de ether e outros postulados scientificos necessarios, que nos dão a illusão de comprehender. Na realidade, não explicamos um unico phenomeno do universo: « Um philosopho christão achegou-se, um dia a um dos principes da sciencia moderna e assim narra o dialogo: « Não me podeis explicar porque a herva é verde? — De bom grado, respondeu elle com affabi idade; porque as cellas das plantas, cujas paredes são translucidas, estão cheias de grãos de chlorophylla verde.

— Sim, isso eu sabia, mas porque os grãos de chlorophylla são verdes?

— Porque elles se compõem de uma materia analogá á cera, que tem a propriedade de refractar o raio verde.

— Como raio verde?

— Sim, uma vibração do ether, de 660 bilhões de vezes por segundo.

— Então, um movimento verde? Cada vez comprehendo menos. Como devo eu figurar isso, representa-lo em minha mente?

— Como quizerdes, disse elle, levantando os hombros, e seguiu

deixando-me perplexo diante destas palavras inacessiveis: materia, propriedade, raio verde, movimento, ether!

Este caso tem o valor de um symbolo que define a attitude do sabio ao defrontar « com o porque ».

Cada resposta a um questionario se transforma em novos pontos de interrogação. O deyvendar de um problema focalisa outros que se occultam, de forma que o campo do desconhecido se estende, com a profundidade do nosso saber, como o da visão se alonga, com a altitude de nosso observatorio: E por isso Newton, de quem diz Liebig que « deste só genio nos veiu mais luz do que de dez seculos anteriores », de si escreven: « Não sei o que a posteridade pensará de mim, mas eu mesmo me comparo a uma creança que, brincando na praia, achou uma conchinha humilde, enquanto o grande oceano da verdade lá está diante della e ain'a não foi descoberto.

Esta conchinha humilde era a lei da gravitação universal. A sciencia tem os seus triumphos, como tambem derrotas, incertezas e vacillações. Qual será, porem, a educação que devemos ministrar á mocidade, sem corromper o seu caracter? Nem a educação exclusivamente classica, nem a educação nitidamente technica. Os allemães possuem tres expressões para designar os vicios dos varios systemas de educação: UEBERBUNDNUG, UEBERTREIBUNG, UNTERDRUCKUNG.

A primeira significa que « a enseñanza es muy intelectualista o memorista, tal como fué en los tiempos pasados; la segunda denota « la idéa de que hay atraamiento mental o sobrecargamiento de estudios, surmenage o exageración en el trabajo, una hipertensión de la individualidad, que produce hiperestesia o psicopatias interiores, las cuales conducen á veces al suicidio; finalmente la tercera indica « exceso de disciplina, que se assemeja al regimen de los cuarteles. »

« El egoismo, fato de toda consideración, el empeno de buscar éxitos y ventajas, la avidez de dinero, de rango, de posición social y de poder, el descreimiento, la falta de imaginación para la creación artistica, el dominio ejercido por ciertas classes el lastimoso orgullo de determinadas classes y profesiones, el predominio de la forma sobre el espirito, la falta de sentimiento de humanidad, de compasión y de piedad, la falta de respeto de lo que por el trabajo se adquiere, la frivolidad y la burla, la incapacidad de estimar realmente lo que ennobrece el corazón, por ser sencillo, armonioso y estar dotado de intensidad de alma, — todo esto se explica por exaggarar y agrandar de una manera morbosa el entendimiento, a costa del cultivo del corazón y del caracter, del desarrollo de la fantasia, de la v luntad, de la intuición y de la vida sensitiva: lo cual significa que las facultades creadoras y a nobleza del corazón son sacrificadas a una super-alimentación viciada y parcial entendimiento. » (E. Luis André, La mentalidad alemana)

Rod pho Eucken, professor da Universidade de Jena, disse que « o poder inyasor do Estado, o progresso material a cultura excessiva, o demasiado technicismo, constituem um grave perigo para a vida interior. Porque trazem como consequencia inevitavel a esterilidade espirital, a suffocação dos individuos, uma visão uniforme e estereotypada da vida... Convertem o homem em um « meio », esquecendo de que elle é um « fim em si ». Para o citado professor a vida meramente existencial, a civilização puramente material, carecem de valor: só pela vida do espirito o homem se distingue do barto. (R. Eucken, Les grandes courants de la pensèe contemporaine, Paris, 1912. )

E um docente norte-americano, pedagogo de profissão, em um es-

tudo sobre a educação, escreveu: Ninguém contesta que o meio para extinguir o analfabetismo é a escola. Mas não basta cuidar da cultura da cabeça, desprezando a educação dos sentimentos. Empregar a sciencia sem consciencia, ministrando o saber sem os freios moraes, seria causar grave damno á especie humana. (Earl C. Arnold, «Inter America», 1920.)

A educação que mais convém pois, á mocidade, é a que realiza a cultura integral, feita em partes proporcionaes a dois dos objectos do espirito, o ideal e o real, ás duas faculdades principaes da intelligencia, a imaginação com a deducção e a inducção com a observação.

Embora partindo de pólos oppostos, um de educação puramente classica e outro de uma nitidamente tecnica, o ensino publico chegou nestes dez ultimos annos ao «ponto de junção», isto é, o aproveitamento racional das materias classicas, scientificas e tecnicas, ministradas por methodos intuitivos e para effeitos praticos.

O ensino publico moderno realiza, assim, sem pretensão a um enciclopedismo impossivel, a cultura integral.

A divisão progressiva do trabalho social e a estratificação da sociedade, que se accentua cada vez mais pela acção de causas organicas, economicas e politicas, to nam necessária a existencia de um vinculo espiritual que una todos os omens num intento commum e lhes dê, não obstante todas as differenças individuaes, um espirito e uma cultura communs. Por isso a educação não pôde ser exclusivamente individual, mas conjuncto, para ser efficaz, não possa empregar senão meios individuaes, deve ter sempre um intento social, deve tornar o individuo apto para a vida da communidade e, diz «Cesca», citado em uma memoria. Sô assim escaparemos á censura candente de Alberto Torres, que observa, em sua obra «O Problema Nacional Brasileiro»:

«Na cultura a decadencia da sociedade nacional é evidente. Nunca chegamos a possuir cultura propria nem mesmo uma cultura geral. As duas primeiras gerações que se seguiram á Independencia eram, entretanto formadas de espiritos a que o conjuncto e equilibrio de preparo, davam certa solidez e firmeza». (pg. XVI).

E mais adiante: «Nosso paiz está hoje transformado em vasto scenario onde se agita um povo que não sabe caminhar, conduzidos uns pela moda, outros pela ambicao de effeitos literarios, jornalisticos e de tribuna; pela da popularidade, terceiros; pela auto-admiração e cultura de estereis virtudes passivas e severas intransigencias pessoas alguns mais. Preparando-se aque les para o ceu, estes para a gloria, outros para o applauso, para a a miração ou para a sympathia, renunciaram todos á aspiração da effiçencia pela utilidade das ideas e dos actos. Não temos opinio e não temos direcção mental.»

«Nunca tivemos politica economica, educação economica, formação de espirito industrial, trabalho de propaganda e de estimulo para a applicação das actividades.»

Organizámos, pelo contrario, uma «Instrucção Publica» que da escola primaria ás academias não é senão um systema de canaes de exodo da mocidade do campo para as cidades e da producção para o parasitismo.

E' por isso que eu, nas léses que tive a honra de submitter á apreciação dessa Conferencia, preconisei, ao lado do ensino livreseo, o ensino profissional, com uma «parte geral» e outra de «applicação», e a introducção nas escolas de Santa Catharina, dos trabalhos manuaes («manual training»).

Porque as escolas theoreticas e livrescas só desenvolvem a intelligencia e a imaginação, descurando as demais faculdades. Os trabalhos manuaes

educam a vontade e despertam os sentidos. «Educar pela acção», é o principio froebelliano. Sô assim as faculdades do alumno poderão desenvolver-se simultanea e harmonicamente: educação do cerebro, do coração e das mãos. Woodward enumera as vantagens dos trabalhos manuaes:

1ª. — Los niños que hablan con dificultad se igualan á sus camaradas mejor dotados por el lenguaje y la memoria.

2ª. — Los alumnos adquieren conocimiento más exacto de las cosas, de sus relaciones y de las fuerzas de la Naturaleza.

3ª. — Por el hábito de exactitud en las cosas del orden fisico, los jóvenes adquieren el amor á la verdad y la probidad intelectual.

4ª. — Hacen comprender mejor la forma, la materia y sus transformaciones.

5ª. — Ayudan en la elección de una carrera.

6ª. — Estimulan las facultades inventivas.

7ª. — Augmentan la eficacia de todas las labores de la escuela, hacen ésta más atractiva y el trabajo, en general, más comprensible. (Diego Mendoza, Apuntes sobre Instrucción Publica).

Leon Genoud affirmou: Los trabajos manuales tienen influencia moral; preservan lo juventud del abuso de las distracciones y de los placeres, y la conducen en sus horas de ocio á ejecutar labores que le procurarán satisfaciones duraderas. Son también un remedio contra la afición á lecturas que acaloran la imaginación. Debemos considerar, por último que el hombre vive más del producto de las manos guiados por la intelligencia que de esta solamente; portanto los trabajos manuales tienen grande importancia desde el punto de vista economico. La educación exclusivamente intelectual dada hasta ahora en las escuelas, conduce al niño á desdenar el trabajo manual, no obstante que á este tendrá que acudir nueve en diez veces para ganhar-se la vida.» (D. Mendoza, ob. cit.

Compayré adverte, que com a instrucção exclusivamente intellectual; estamos em via de formar uma nação onde não haverá senão jornalistas e leitores de jornaes.

Entretanto penso, como sustenta o professor Orestes Guimarães em sua brilhante these, que é imprescindivel contratar tecnico para introducir entre nós esse methodo de ensino como fizeram os governos do Rio Grande do Sul, Pará, Rio Grande do Norte, Minas e agóra a Bahia.

Creio ter explicado aos srs. concorrentes o ponto de vista em que me colloquei na defesa dos temas discutidos nas theses que tive a honra de apresentar.»

## A inauguração da placa commemorativa da Conferencia de Ensino

«Revestiu-se de excepcional brilho a solemnidade da inauguração no edificio da Escola Normal da placa commemorativa á 1ª Conferencia Estadual de Ensino Primario.

As 15 horas precisamente com a presença do representante do sr. governador do Estado, das autoridades, directores da Instrucção Publica, da Escola Normal e seu corpo docente, dos srs. escolares, professores.

congressistas, representantes da imprensa, etc., as alumnas da Escola Normal; elegantemente uniformizadas, postadas em frente do edificio, cantaram o Hymno à Bandeira.

Em seguida foi descerrada a Bandeira que cobria a bella placa, trabalhada em bronze sobre uma lapide de marmore, com os seguintes dizeres: «Homenagem do magisterio publico estadual ao sr. dr. Adolpho Konder, presidente do Estado por ter instalado a 1ª Conferencia Estadual de Ensino Primario, em 31 de Julho de 1927.»

Com a palavra o sr. professor Mâncio da Costa, director da Instrução Publica, proferiu magnifico discurso que damos a seguir:

Senhores!

De quantas homenagens se fizeram ao sr. dr. Adolpho Konder, pela commemoração do seu primeiro anno de governo, nenhuma, por certo, se fevestiu de maior cunho de grandão, nem dirá melhor do seu alevantado amor à terra em que nasceu do que esta, cuja solemnidade nos congrega.

E' que, reformando o nosso systema educacional e dotando-o com as mais efficientes e recentes medidas pedagogicas, não cuidaram, por então, os seus preclaros antecessores na mais alta investidura administrativa do Estado, de auscultar a alma do mestre-escola, ouvindo-lhe observação e experiência, para, provendo-lhe ás falhas e carências remodelar, as regras da ensinancia publica.

As reformas do ensino visavam mais o alumno que o mestre.

Relegado para um plano interior, o mestre-escola só de raro em raro era chamado para collaborar na factura apressurada de um programma ou de um horario escolar, que uma deliberação administrativa posterior invalidava, substituindo-se os sadios e proveitosos dictames da prática quotidiana pelos avisos da pedagogia peregrina, nem sempre adaptaveis á nossa ambiencia escolar.

Tinhamos o alumno diligente e aproveitado: faltava-nos o mestre-escola estimado, prestigiado e, o que é o mais, cooperante na acção de bem instruir e educar;

Professores publicos e estaduaes éramos assim de há muito: maquinas de ensinar a ler, a escrever e a contar, a que se dispensava a piedosa mercê de estipendiari, sem ouvir-lhe na faina evangelizadora da profissão honrada e honrosa o conselho experimentado e a collaboração sabia e imprescindivel.

Não bastava porem, os programmas didacticos que sempre inexequivels e os regulamentos burlados na sua execução.

Havia mister *de vis a tergo* impulsionadora da estructura e da effi-ciencia da escola moderna: o professor.

O sr. dr. Adolpho Konder assim pensou e assim, para logo, o realizou, nessa 1ª Conferencia de Ensino Primario, memoravel certamen de pedagogia, cujos écos ainda se ouvem nesta casa.

Sr. Director da Escola Normal

A' vossa custodia lega o Departamento do Ensino Publico que tenho a honra de dirigir esta placa commemorativa da installação da 1ª Conferencia de Ensino Primario, acontecimento notavel nos dominios da instrução em o nosso Estado e ao vosso claro e brilhante espirito de professor a tarefa maior de dizer aos vossos estimados alumnos o valor da homenagem que ora fazemos ao sr. dr. Adolpho Konder, para quem o mestre-escola não é tão somente o funcionario publico; porem, mais, muito mais que isto: o apostolo da religião da cultura!

Compareceram ao acto entre outras as seguintes pessoas: 1º tenente João Marinho, ajudante de ordens do sr. dr. governador Adolpho Konder e

representante de s. excia.; Adolpho Silveira, representante do sr. Secretario da Fazenda Henrique Fontes; desembargador Medeiros Filho, Chefe de Policia; superintendente municipal Heitor Blum; deputados Manoel da Nobrega, Bley Netto, desembargadores José Arthur Boiteux e Gil Costa, general Vieira da Rosa, dr. Gilberto Paranhos, delegado do Departamento Federal do Ensino; Mascarenhas Filho, Inspector do Gymnasio Catharinense; dr. Edmundo Moreira, dr. Oswaldo de Souza e Silva, director da «Ilustração Brasileira»; coronel Manoel Pereira, delegado de Policia; professor Laercio Caldeira de Andrada, director do Instituto Commercial; Augusto Montenegro, coronel Hypolito Boiteux, capitão Virgilio Dias e tenente Sousa Lima, pelo commando geral da Força Publica; Alvaro Mafra, Nazareno Simas, inspectores escolares Flordardo Cabral e Luis Trindade; Dionisio Sousa, pefa Agencia Americana, Herminio Milles, Mimoso Ruiz e Jairo Callado da «Folha Nova», major Luis Verani Cascaes, coronel José Candemil, João Pacheco dos Reis, major José Koerich, major Alcebiades Seára, prof. Ticiano Basadona, pela Escola de Aprendizizes Artífices; Lindolpho Sousa e J. J. Cabral, por este diario; professor João Tolentino de Sousa Junior, director do Grupo Escolar Lauro Müller; d. Beatriz de Sousa Brito, directora do Grupo Escolar Silveira de Sousa; corpos docentes desses estabelecimentos e das escolas da Capital.»

Da *A Republica*, de 2 de outubro de 1927.



representante de s. excia.; Adolpho Silveira, representante do sr. Secretario da Fazenda Henrique Fontes; desembargador Medeiros Filho, Chefe de Policia; superintendente municipal Heitor Blum; deputados Manoel da Nobrega, Bley Netto, desembargadores José Arthur Boiteux e Gil Costa, general Vieira da Rosa, dr. Gilberto Paranhos, delegado do Departamento Federal do Ensino; Mascarenhas Filho, Inspector do Gymnasio Catharinense; dr. Edmundo Moreira, dr. Oswaldo de Souza e Silva, director da «Ilustração Brasileira»; coronel Manoel Pereira, delegado de Policia; professor Laercio Caldeira de Andrada, director do Instituto Commercial; Augusto Montenegro, coronel Hypolito Boiteux, capitão Virgilio Dias e tenente Sousa Lima, pelo commando geral da Força Publica; Alvaro Mafra, Nazareno Simas, inspectores escolares Flordardo Cabral e Luis Trindade; Dionisio Sousa, pela Agencia Americana; Harminio Milles, Mimoso Ruiz e Jairo Callado da «Folha Nova», major Luis Verani Cascaes, coronel José Candemil, João Pacheco dos Reis, major José Koerich, major Alcebiades Seára, prof. Ticiano Basadona, pela Escola de Aprendizizes Artifices; Lindolpho Sousa e J. J. Cabral, por este diario; professor João Tolentino de Sousa Junior, director do Grupo Escolar Lauro Müller; d. Beatriz de Sousa Brito, directora do Grupo Escolar Silveira de Sousa; corpos docentes desses estabelecimentos e das escolas da Capital.»

Da *A Republica*, de 2 de outubro de 1927.

**TRECHO APROXIMADO DA PÁGINA 594**

# INDICE

---

	PAG.
Introdução .....	1
Convocação da Conferência e trabalhos preliminares..	3
Officio circular.....	6
Circulares ns. 4, 5, 6 e 7.....	7
Programma.....	11
Theses apresentadas.....	13
Decreto n.º 2077.....	17
Regimento interno da Conferência.....	21
Adesões.....	31
Actas.....	37
Theses, pareceres e requerimentos.....	175
Conclusões.....	571
Notas geraes.....	581

# INDICE

---

	PAG.
Introdução .....	1
Convocação da Conferência e trabalhos preliminares..	3
Officio circular.....	6
Circulares ns. 4, 5, 6 e 7.....	7
Programma.....	11
Theses apresentadas.....	13
Decreto n.º 2077.....	17
Regimento interno da Conferência.....	21
Adesões.....	31
Actas.....	37
Theses, pareceres e requerimentos.....	175
Conclusões.....	571
Notas geraes.....	581

# REFERÊNCIAS

**SANTA CATHARINA.** Annaes da 1ª Conferência Estadual do Ensino Primário. Florianópolis, 31 de julho de 1927.